

CONTOS AMBROSIANOS REUNIDOS



CONTOS AMBROSIANOS REUNIDOS



Da obra de

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

***CONTOS
AMBROSIANOS
(RE)UNIDOS***



© 2024 - Editora Unigala

Todos os direitos reservados à Família Ambrósio.

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Organizadores

Ramiro Esdras Carneiro Batista
Pedro Borges Pimenta Júnior

Capa

Ramiro Esdras Carneiro Batista/Montagem Unigala

Transcrição

Eisemhower Alves Duarte
Ramiro Esdras Carneiro Batista

Revisão

Alice Ambrósio Ribas
Diocília Ambrósio Batista

Os organizadores optaram por preservar o acordo ortográfico constante dos manuscritos e publicações originais do autor.

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração: Resiane Paula da Silveira

Conselho Editorial

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE
Me. Kleber Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Contos ambrosianos reunidos

B333c / Ramiro Esdras Carneiro Batista; Pedro Borges Pimenta Júnior (organizadores). – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 108 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-43-1

DOI: 10.29327/5443121

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. Contos. 3. Hebdomadário. I. Batista, Ramiro Esdras Carneiro. II. Pimenta Júnior, Pedro Borges. III. Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/10/contos-ambrosianos-reunidos.html>





Da memória de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

CONTOS AMBROSIANOS
(re)unidos



1ª Edição



[Q]uanta coisa a gente não sabe nunca no escuro, sufocado: como o glude frio das minhocas da terra.

(João Guimarães Rosa, 2007)

Cécho

ANNO I

JANUARIA, 15 DE ABRIL DE 1939.

N. 4.

A JANUARIA

QUINZESAL, LIT. RARIO E NOTICIOSO

Redacção: proprietário prof. M. Ambrosio & Gerente Apollinario Casqueiro

Expediente

Ano. 5mo
Mz. 5a

Pagamento adiantado.

Toda a correspondência deverá ser dirigida ao redacção, sob registo e firmada pelo remetente. Os artigos não serão publicados sem a assinatura do autor.

A JANUARIA

A/endiçadale

Camuhamos a passos largos para o futuro, e a historia com a sua eterna justiça hade registrar em suas annas, que a tua, a consciencia dos povos. Vinda, este presente, convertido em passao, dias nos pusteros o que hãe mal. podemos consolar do que vemos, ouvimos e pensamos; entã, a memoria e a nossa p.ção, em por este velho e velho goll.ãe de bo.ça em bocca p.ção a nossa bella veigubã, cu te

consolação na partilha das responsabilidades que couberam-lhes na vida. Ninguém foi chamado para o ocio, sino para o labor que utilizo da existencia. Faltar-lhe a esta lei, seria um crime injustificavel; e in-somno assim o utilitarismo visivel parece desmentir a esta palpavel e urgente necessidade e aspiração de todos, mesmo dos que não são filhos da Januaria. Causa digna de notar se: - que, os que sabem ter o dever de prestar um auxilio qualquer, voluntaria ou desfarçadamente eximem-se d'esta imposição salutar da natureza. Dahi a decadencia inteira de uma sociedade e a aniquilamento gradual, e finalmente total dos que entenderam que somente para si sus dev riam viver.

»R-cêp-runt mercedem,» diz o escriptor. Infelizmente isto applica-se com a nossa terra. Quadra-he a carapuça nro d'os

SUMÁRIO

Nota editorial – Ambrósio em doze contos	10
O Diabo	13
O Magarefe	20
O Samba	24
Josepha	29
Confirmação	33
O Cangussú	43
Asilino das Moradeiras	50
O Serpa	54
Pae João	62
Um milagre	70
O cão do pescador	81
Uma noite de Natal	88
Apêndice: Jornal A Luz – Edição Extra	91
O Autor e sua Obra	102

Nota editorial:
Manoel Ambrósio em doze contos

A ideia de reunir e dar a conhecer contos manuscritos e/ou publicados de Manoel Ambrósio surgiu entre os anos de 2021 e 2022, por ocasião da campanha de arrecadação de fundos para a compra do antigo casarão que abriga o Centro de Artesanato da Região de Januária – instituição inaugurada nos idos de 2004 pela Associação de Amigos da Cultura daquele município –, tratando-se de uma sociedade civil sem fins lucrativos sediada na terra natal do autor que, ao longo das últimas décadas, consolidou-se como um ponto de salvaguarda e promoção do acervo cultural material e imaterial na região.

Em alusão a combativa atuação do Mestre Ambrósio como periodista em seu torrão – sobretudo na virada do século XIX para o início do período novecentista –, optou-se, naquela ocasião, por editar e distribuir os textos em formato de uma edição extra de seu jornal, reconhecido na memória popular como “o luzeiro”. A publicação reuniu textos veiculados em revistas de época que haviam sido garimpadas na pesquisa de Francisco de Vasconcellos, o primeiro biógrafo de Manoel Ambrósio; acrescidos de outros contos transcritos diretamente do acervo do autor, o que possibilitou o resgate de mais de uma dezena de contos que agora reiteramos e disponibilizamos, em formato digital, consoante com a iniciativa de compor o acervo com a totalidade da obra ambrosiana, doravante disponibilizada com acesso gratuito na rede internacional de computadores.

Os textos que seguem perfazem distintos temas, desde eventos cotidianos, crítica social, experiências pessoais do autor e relatos inerentes á guerras, epidemias e tanatologia, dentre outros. O valor, aderência e classificação dos textos a uma ou mais escolas literárias deixamos a cargo de futuros críticos, asseverando que na seleção não lançamos mão de outro critério que não o de reproduzir textos de autoria indubitável do literato januarense.

Esta primeira edição de Contos Ambrosianos, fruto de uma reformatação do Jornal A Luz, insere-se no escopo de investigações partilhadas entre pesquisadores/as de diferentes origens, no momento vinculados/as às seguintes instituições de ensino: Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade do Estado do Pará (UEPA), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Ambrósio vive!

Ramiro Esdras.
Médio São Francisco,
em setembro de 2024.

A LUZ

ANALISE DO PENSAMENTO DE 1917

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

REDAÇÃO

Redactor	António Lopes
Director	António Lopes
Subdirector	António Lopes
Editor	António Lopes
Administrador	António Lopes
Assistente	António Lopes
Correspondente	António Lopes
Colaborador	António Lopes
Revisor	António Lopes
Corrector	António Lopes
Procurador	António Lopes
Advogado	António Lopes
Escrivão	António Lopes
Carteiro	António Lopes

Redacção
Rua da Luz
11 de Agosto de 1917

ANÚNCIOS DE 1917

1	...
2	...
3	...
4	...
5	...
6	...
7	...
8	...
9	...
10	...
11	...
12	...
13	...
14	...
15	...
16	...
17	...
18	...
19	...
20	...
21	...
22	...
23	...
24	...
25	...
26	...
27	...
28	...
29	...
30	...
31	...
32	...
33	...
34	...
35	...
36	...
37	...
38	...
39	...
40	...
41	...
42	...
43	...
44	...
45	...
46	...
47	...
48	...
49	...
50	...

A LUZ

11 de Agosto de 1917

Redacção e Imprensa de António Lopes

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da
... das primeiras maneiras, da

O DIABO¹

O Joaquim da Ponte, filho da Antônia Grande de Macahubas, no distrito do Brejo do Amparo — Minas — era um rapaz desastrado, cachaceiro e muito brigão. Criado na moleza e na adulação, como filho unico, cedo ficára sem par, e assim chegára a maioridade, tomando conta do restinho do patrimonio paterno, dissipando-o a seu talante em pouco tempo. A velha mãe amargamente se queixava do filho, dava-lhe bons conselhos, ralhava, ameaçava, por fim isto emquanto pudera.

O Ponte, sempre incorrigivel, intratavel, mácriado e malandro, logo que nada mais achou, nem teve para gastar, não mais quizera suportar a mãe, que começara a sofrer tanto do filho ao ponto de ser por ele barbaramente espancada. Enfermando-se Antonia gravemente, a conselho de pessoas de sua amizade, resolvera deixar definitivamente a companhia daquele maldito filho, indo residir ha três léguas para a casa de um seu compadre, no correr do penoso anno de 1890.

Embora trabalhador e generoso, muito pobre e de numerosa família, esse homem, verdadeiro e raro amigo, acolhera na adversidade alegre e serviçal a bôa comadre, vendo-a em grande penúria, e nada poupando para um tratamento condigno á medida de suas forças.

Porém, coitado, o seu labor fatigante, por mais que quisesse, não sobrava para tantos cuidados que o estado de saude de sua hospede requeria.

Um dia lembra-se a velha Antonia de chamar seu amigo e protector em particular.

¹ Nota dos organizadores: publicado originalmente na Revista Noite Illustrada, cidade do Rio de Janeiro/RJ, em edição de 04 de setembro de 1935. Pesquisa eletrônica de Victor Farias Santos (2021). Mantivemos a grafia vigente à época.

— Meu compadre estou cada vez peor. Preciso tomar remédio seriamente. Vejo bem que o senhor é muito pobre e que somente a caridade prende-me em sua casa.

— Que tem isto, minha comadre? Será possível que a senhora queira retirar-se do nosso rancho neste estado penoso em que se acha? E mais ainda, para onde? Mesmo com a nossa pobreza, penso...

— Não senhor! atalhou Antonia. Não é disto que eu quero falar. Ando, é verdade sem meios; mas, é necessário que cada um faça seu esforço. Contemplo muito o senhor lutando. Custa-me isto bastante e entendi não dever calar-me. Resta-me ainda, dos bens deixados pelo meu marido, uma vacca que meu filho não vendeu, segundo estou informada. É bom que o compadre tome providencias para pegar e vendel-a, ou dela fazer ou dispor á vontade, com tanto que me compre alguma roupa e remedios.

— Para que semelhante sacrificio, minha comadre? Nos iremos passando com a graça de Deus sem maiores vexames.

— Agradeço-lhe muito; porém, eu quero e exijo este negocio.

— Não seria melhor que a comadre guardasse para mais logo este pequeno recurso? Ninguem sabe o futuro...

— Já refleti muito. Nada vale isto. Se ella morrer, ou meu filho lançar mão deste ultimo possuido para beber ou jogar, não dará no mesmo, não sera peor?

— Lá isto não tem que vêr; e neste caso farei o que a senhora quiser. Que ha de mais a mais é seu filho. Quando souber...

— Bem sei que será um berreiro; mas, não se importe. Lanço mão do que é meu.

Dias depois, para facilitar a venda entre vizinhos, eram repartidos os quartos de uma gorda malotagem, cuja noticia celere chegara aos ouvidos de Joaquim da Ponte.

Esse, logo que soubera, rompera em duras invectivas contra sua mãe.

— Neste momento irei dar uma sova áquela burra velha; dissera elle aos vizinhos.

Quero e hei de saber como, sem minha ordem, mandou o sem vergonha do compadre della pegar minha vacca e sem dar-me parte. É desaforo que eu, Joaquim, não comerei calado. Nunca, nunca!

Todos conheciam os disparates daquelle máo filho. Mil coisas graves iam dar-se.

Aconselharam uns com boas razões para dissuadir-o dos pessimos instinctos, deixando a velha em paz.

Outros apontavam-lhe as graves consequencias que poderiam resultar de qualquer imprudencia. E a todos resistira o obstinado e perverso.

Rasgando-se de ira, correrá apressadamente ao campo, pegára o seu cavallo; e arreiando-o metera-se a caminho por um atalho que sahia fora um pouco da estrada real, para chegar sem demora e de improvisó, onde se achava sua mãe.

Os que o haviam aconselhado, conhecendo do quanto horroroso e capaz aquelle desbragado rixoso e valentão, permaneceram em sobresalto, esperando a todo o instante noticias bem funestas.

Mas o tempo foi passando e quasi ninguém mais do caso se lembrava, quando dois dias depois apparecera, pastando aqui e acolá nas mattas proximas, o cavallo arreiado do Joaquim. Immediatamente divulgado o facto, diversas pessoas reuniram-se á procura do desventurado moço.

— Alguma coisa de anormal acontecera; era a opinião geral.

E a resolução foi tomada: encontral-o de qualquer modo. Batendo a estrada real, nenhum vestígio encontraram até á casa onde se hospedava a mãe do Joaquim, que só então soubera das loucuras do filho.

Affligira-se muito a pobre senhora.

Acontecera, sem duvida, alguma desgraça no caminho. Elle ali não havia chegado.

De novo o pessoal se espalhou pelo campo e sómente depois de infrutíferas pesquisas lembraram-se, então, das pegadas do cavallo e por essas ao terceiro dia foram encontrar, no meio da areia do atalho de que falamos, o Joaquim estendido, sem dar accordo de si. Suas armas – espalhadas aqui e acolá.

Estava vivo, porém.

Chamaram-no repetidas vezes.

Não respondera e mal respirava.

Metteram-no em uma rêde e lá se foram até sua casa.

Não apresentando ferimentos de qualquer especie, suppuzeram ser algum ataque que soffrera, violencia talvez dos máos precedentes que o acompanhavam.

Custou muito a ser chamado á vida. Melhorando que foi, ás instantes perguntas que lhe eram dirigidas, respondera, confessando o seguinte:

— Na verdade, tinha eu partido daqui, levâdo, não nego, a má intenção de dar uma surra em minha mãe, assim a avistasse.

Ia tão damnado da minha vida, que deixei a estrada real e tomei atalho que devia levar-me depressa daqui a legua e meia; a um lado do caminho, avistei

de longe um individuo de quem não fiz caso algum, nem mesmo me passou pela mente qualquer coisa, sendo aquillo um caso trivial.

E segui viagem.

Estava esse sujeito de pé, immovel, na attitude de quem esperava por alguem. Naquelle ermo somente eu avançava para o desconhecido.

Lembrava-me de alguns desaffectedos meus; e para mostrar (caso apparecesse algum), que eu de ninguem recuava, preparei-me; porquanto ia bem armado.

Apertando o passo do cavallo, fui me avizinhando.

Pareceu-me logo que o desconhecido me olhava de um modo particular.

Vi bem que era um crioulo alto, feio, de má catadura, um negrão, descalço e sem chapéo, ao sol ardente.

Não me importei.

Puchei as abas do meu chapéo para a frente, a fim de observal-o á minha vontade.

Affrouxei a faca na bainha, preparei o facão, a espingarda de dois canos, aferrei a pistola para algum imprevisto e corajosamente rasguei estrada.

Seriam dez horas da manhã, mais ou menos, quando passava, fingindo-me indifferente por essa creatura, quase roçando-lhe as vestes.

Saudei-a.

E a resposta que tive foi uma chicotada na cara.

Repliquei despejando á queima-roupa, no peito, os dois tiros da pistola, sem mais tempo de usar da espingarda, que eu não soube que rumo tomára.

O negrão não se importara com os tiros.

Apeei debaixo de muitas chicotadas.

Usei da faca e com desespero cravei uma punhalada certa no coração do negro.

E taca entrando, caindo, doendo!...

Tentei feril-o por diversos modos: mas, o ferro de nada valia.

Aquelle golpe certo no coração que eu cuidava infallivelmente mortal, resvalara em alguma cousa que não parecia corpo. Inútil a faca: desenganado, arremessei-a para longe.

Recuando um pouco, vali-me do facão e disse commigo: racho-te de uma vez, negro miseravel!

E abri o braço com vontade.

Que facão, nem qual facão!

O couro entrava vigorosamente dobrado e tão ligeiro, que eu, cheio de ira, atirei a arma para um lado e tentei abordar o inimigo, agarrando-o para despedaçal-o a unhas e dentes.

E chibata a cantar na mesma toada, sem parar um instante.

— Arrazo-te, desgraçado! avançava eu.

Era a sêde de morder-lhe a cara, arrancar e comer pedaços de carne, derribar e o estrangular de uma vez com todas as forças e revolta da vingança. E nada achei, então, em que pegar.

Minhas mãos nervosamente se crispavam em uma espécie de sombra que escapava sem desfazer-se.

E aquelle ser mysterioso surrava-me desapiedadamente, sem dar-me mais um instante de allivio, até que tombei por terra abaixo de uma taca furiosa e cortante.

E nem siquer lembrar-me, ao menos, de que aquelle sujeito não era gente viva, deste mundo.

Quando esse pensamento me chegou, foi rapido, porque eu já pedia socorro, estirado na areia.

Mesmo assim, apanhei até perder de todo os sentidos.

— E você, então, que pensa desse individuo? perguntaram-lhe.

— Não sei!

— Nem quantos dias ficou no campo?

— Dias?... Que dia é hoje?

— Quarta-feira! Teu cavallo appareceu sem você, hontem; mas, devéras, você não sabe nem se lembra, não conhece, nunca viu esse typo que lhe bateu?

— Nada! de nada sei, sinão que comi peia por bagaço!

— E como sabes que apanhou, se seu corpo não apresenta signal algum de chicote?

— Assim é: mas, não sei explicar tambem. Não posso! A verdade é que estou muito doente, moido de taca. Não sei! Não sei! Do modo como apanhei e debalde procurei defender-me, concluo que só sendo o... diabo!

O MAGAREFE²

O Antonio Magarefe, rapaz solteiro, cansado ou desenganado dos rendimentos muito surrados e pouco remuneradores do matadouro, um tanto democrata demais, entendera um dia deixar tudo aquilo.

Rasgado e sempre muito sujo pelo dever de officio, assim vivera muito tempo com os seus molambos, comendo pouco e pior vestindo-se.

Sabia ler muito atrasado, embora fosse um tanto intelligente; não pudera, por isto, ir mais além pela sua grande pobreza; porem como era muito moço e vendo que não poderia viver no fracterno, resolvera de vez bater da vida aquela plumagem de menino muito feio, de olhos vesgos, mulato esgravinhado, de basta carapinha.

E sumio-se o Antonio na mundaça, para aparecer depois, destacado, na terra natal.

E já se sabe, soldado, de aqui, empollado e de cacetete, engomado, engraxado, lustroso, lorde, ostentando o kepi do seu batalhão.

Agora, não mais aquelle Antonio.

Outro Antonio em folhas, inteiramente mudado, de falar arrevesado, conversador, contente, barbeado, retorcendo o par de beiços, rolando inda mais vesgos os olhos, jogando os queixos, assobiando entre a dentuça palavra por palavra, de acentuação adquirida em outros meios.

E para ostentar, a mostrar que passava por nove fóras de civilização entre os patrícios, não mancava mostrar-se como uma entidade superior.

² Nota dos organizadores: manuscrito inédito do autor diretamente transcrito de seu acervo pessoal. Pesquisa documental de Ramiro Esdras Carneiro Batista (2022).

E assim andava a cumprimentar os companheiros e amigos, visitando os seus, percorrendo ruas, alegre, desfructavel, quando não estava de serviços.

Os meninos da esquina espreitavam-no á distância.

Soldado!...

E com soldado não se brinca; é certo; porem, a prosa do matuto não podia esconder-lhe a procedencia do meio qual viera e esse era o mesmo, sem por nem tirar o que deixára.

Terras e pratas, como os ceos, não se mudam.

O mesmo rio; a mesma agua, a cidade a mesma, ruas e casas.

Os homens, pouquinha diferença: quer raspados ou barbudos.

Mas, o Antonio nada tinha com isso, tranformadissimo com a farda nova.

No quartel, ora berrava, á vontade, imitando a moda das vitrollas, chulas e modinhas, encantado dos ferros-velhos dessa machinas falantes, de tenores grosseiros, cheios de reviravoltas; ora garganteava modinhas tolas, pornograficas, estrangeiradas e bufas.

Nas calçadas da cadeia, com esses dizeres aterradores, urrava, encomodando a praça e os vizinhos.

Ao luar, de camaradagem com outros, abria os queixos aos quatro ventos, alta noite, ao violão, desafinado, mal acordado, cantando:

Cala bocca – sê meu anjo

Déxa de tanto xurá,

Que allivio pra teu peito

Eu so tenho pra te dá.

Num desse dias estrada fóra o Antonio esbarrou em Porto Xique, onde entrára fumando.

Destacado, podia qualquer cousa, virando os beiços:

— Ô galxôm! Vem cá. Um pedaço de omillete com saldinha e dipox uma caixa de xarutos, sim?

O Antonio é prontamente atendido e saboreava ainda o manjar, quando entra o Figueira, seu antigo conhecido e amigo de outros tempos.

- Ah! Antonio!?

Antonio levantou o garfo:

— Ora rapaz! Quem é você, ém?... Cum'é que você me chama, em?... Cumo é teu nome, em?...

— Ué Antonio, você sahio daqui, pode-se dizer ha poucos dias, e so porque andou la por terras grandes, não se lembrou mais do Figueira?

— Gente! Quem te vio quem te vê, quem te pario!

— Ah! Sim! Sim! O Figueiredo!.. Desculpa. Cumo vá rapaz? Éim?...

E estendeu a mão.

— Bom! Disse o Figueira.

— Desculpa. Mas tão avacaiado que é uma terrura; é um esquecimento, meismo, que ando peldido até pra escrevê uma calta, sáme? Um idiota da cabeça...

E depois amável:

— O' galxôm, um capito de paratchi para o Figueiredo! Sou? Venha almoçar comigo, sim?

— Não Antonio, aceitarei a pinga.

— Aqui na minha terra é o mesmo que stá na Diamantchina; véve-se félix, quíridox! Sane?

— E você como anda de volta rapaz, ém?

— Como Deos quer! Respondeu o Figueira, esvaziando o copo.

— Porque não assenta-se praçax, rapaz? Ém?

— Eu!? Deos me livre do páo da goiaba.

Da sala avistava-se o Rio e as vagas sacodiam ao soprar do vento umas cabaças presas á uma tralha de pesca.

Antonio abriu – caixa de charutos e offereceu um ao Figueira.

— Charutos, gostax, ém?

Accudindo cheirou.

E olhando além, indagou:

— Rapaz! Estou vendo aqui uma cousa que não deixei, sane? Por cima daquela... sim?

— Que é?

— Aquilo acolá é um tolpiêdo? Sim?

— Faz-se besta! Súpito atôa, respondeu o Figueira, meio indignado.

— Antonce, você não conhece aquilo, você mesmo, acostumado a botá tua grozeria, batedô de cabeça de crumatá e mantrinçã, acostumado a comê besteiras... moleque a tôa, xururá!...

— Faz-se besta!... tolpiêdo!.. carregadô de carne, Canáia!!.

O SAMBA³

Grandes ou pequenos povoados em formação, nem um só surgiria sem o seu cortejo de lutas [*ilegível*], formosas ou trágicas, memórias populares que se apagam com o decorrer dos tempos, desfigurando-se de todo até restringirem-se lentamente, sem a mais leve consagração.

A luz da civilização, memórias por vezes desparatadas ou inverossímeis, envenenadas pela descrença corruptosa, inverídicas ou desfiguradas, não empolgam [*ilegível*] nem figuram pelo deslumbramento dos fatos evoluídos de todo o modernismo.

Não obstante, lenda ou facto, registramos aqui o lamento, segundo o que nossas testemunhas ainda repetem de memória:

Era bem moço ainda o grande educador da mocidade januarense — João Gualberto de Almeida, o fundador do Theatro e do primeiro Clube de Carnaval da cidade.

Culto das letras mas também um artista moderado: isto é, gostava muito dessas noitadas e modinhas, de sambas, muito folgazão e popular.

Era a vida do tempo de sua mocidade, conhecido e estimado geralmente, sempre presente a todas as brincadeiras e festejos que se celebravam naquelles tempos de sinceras amizades.

Sambas, casamentos ou batizados onde não figurava o Gualberto, seria uma grosseria imperdoável e não aceita.

³ Nota dos organizadores: conto transcrito diretamente dos manuscritos do autor. Pesquisa documental de Ramiro Esdras Carneiro Batista (2022).

Coração jovial, alma sensível, andava por toda a parte do borborinho da mais alta sociedade aos recantos mais recuados das villas ou mesmo dos arredores.

Onde se ouvissem os toques de uma serenata, o quente calor de um samba ou o suor de uma orquestra podia-se ir que lá encontraria o Gualberto no meio da rapaziada do seu tempo, cantando, dansando, folgando em todas as ocasiões possíveis e quasi sempre inesperadamente apresentando-se, ora sozinho, ora com um seu companheiro de pandêgas.

Esse subitamente morrera e Gualberto desgostoso, arrefecera-se um tanto no seu ardor de [sambista] tendo passado uma boa temporada de desgostos e saudades de seu amigo falecido.

Mas os dias se vão e não tornam. Por isso mesmo reformam os que passam por uma forçada consolação, aos poucos chorando as tristezas devassadoras.

Seriam quase duas horas da madrugada de um dia de bellissimo luar.

No alto dessa hora benfazeja, sobressaltado, acordára o Gualberto com as dulcissimas notas de um gargantear ao longe.

Escutou bem.

Um som refinadissimo, estonteante e convidativo.

As pressas vestira-se e em poucos momentos achava-se ao relento das ruas desertas.

Naquelle tempo a cidade era pequena, mais comprida que larga.

Notívago e destemido, sapecou por ali a fóra.

Nevoando no meio da cidade, a cantiga soava e atraia-o para uma das extremidades ao sul, para os lados da Varzea das Cavalhadas, circundada de um matagal nos arredores.

Gualberto não caminhava, voava estonteantemente para [alcançar] a festança.

Era longe quasi dois quilometros da sua casa.

Atravessando a cidade chegára em poucos instantes á Varzea imensa, longa... mas silenciosa.

O samba não era alli.

Como por encanto se desdobrava para as praias do Rio.

Ele não se contivera e correrá até lá.

Tambem ali não era.

Praias do Rio desoladas, socegadas.

A cantoria, qual apaixonada, vibrava ao outro extremo da cidade, cruzando-a.

Gualberto corria.

Não, alli não.

Inda mais densa garganteava-se e desta vez como num sonho alado para os fundos da Caatinga rumo ao Cemiterio, quasi tres quilometros.

Cansado, reconheceu que não podia acompanhar semelhante samba que delle muito ganhava.

Resignado e resolvido a descobrir aquelle mysterio, esperou a noite seguinte, caso repetisse.

Ao amanhecer cautelosamente indagara do referido samba e ninguém dera-lhe notícias.

Com ansiedade todavia, esperou.

Não sabendo donde apareceria saíu a perambular pelas ruas adormecidas.

A horas tantas rebentára o samba, mais recrudescente, mais harmonioso.

Vozes, violas, palavras, numa tentação.

Gualberto arrastado, rompera com vontade de alcançar já muito de propósito aquella súcia.

E acontecera o mesmo qual na véspera.

Não fora encontrado em parte alguma, com o mesmo jogo de mudanças, no mesmo ritmo delicioso e no mesmo engano.

Assim andara pela terceira e quarta noite naquella obsessão, encaprichado, propositadamente correndo como um louco.

Agora por desaforo, queria por que queria desvendar aquelle segredo, custasse muito embora o que custasse.

Imaginou subterfúgios, mudou-se de lugar, de rumos, a todos os modos possíveis de não ser mystificado.

Tinha que descobrir.

Quarta noite.

Luar cada vez mais bello; e mais arrebatadora cada vez a sombra infernal, que qual a primeira vez, agora anunciava para as Cavalhadas.

Gualberto prestára toda a atenção.

Era lá e decididamente daquela vez não lhe escaparia.

Nesse tempo ainda não existia a igreja nova.

Nesse lugar via-se um largo de extinta lagoa.

A rua de baixas casinhas de capim ali terminava.

Para adiante entrava-se no mato.

Ao desembarcar esse largo vira uma pessoa que para elle dirigira chamando-o:

— Gualberto?

Gualberto estava tão fóra de si que não conhecera sinão muito de perto quem o chamava.

— Gualberto? clamava ainda aquella pessôa.

Elle só então se desfizera do encanto de quem lho chamára, reconhecendo a voz de seu finado amigo.

— Onde vais?

— Em busca daquelle samba. Disse destemidamente.

— Volta! Aquelle samba não é para você.

E desaparecera.

Conta-se que tempos depois, passados mezes, um samba muito afinado[,] em horas mortas, descera em frente a cidade pelo meio do Rio, desaparecendo para sempre.

JOSEPHA⁴

Sahira pela manhã cedo, ao raiar do dia, batendo orvalho para a roça, sem ter provado num gole de café ou de chá de alfavaca ou betônica, pois em casa nada havia. Grozára enxada até a hora do almoço brabo em jejum, e esse dia era repetição do anterior: nada para comer; nem feijão, nem mandioca, nem pedaço de abóbora, de jerimum, nada o dia todo, exceção única de um punhado de maxixe, ferventado com sal e temperado com pimenta malagueta, guisado com que por vezes enganava o estomago faminto.

Tempo caro, vida difficilima!

Nem um tostão para o fumo, um pedaço de rapadura ou um pouco de farinha. Se ao menos houvesse um vizinho onde tomasse de empréstimo uma chicara de café torrado... esse mesmo tomaria, não importava [a ausência d]o doce.

Em vida da finada falecida Brinda, dizia, sua companheira forte na roça e na disposição, a causa seria outra. Ella dava jeito pra tudo; nada faltava. E era assim mesmo. Esses cuidados para pequenas cousas não tinham importância. Depois da morte desta, porem, tudo se atrapalhára.

Olhando para os telhados do arraial distante, tremullos dos raios faiscentes do sol, vermelhos quasi côr de sangue, teve vontade de abandonar o trabalho, ir até lá, afim de obter qualquer coisa que matasse-lhe a fome devoradora. Mas, o sol das onze horas bem depressa chegára quente, muito quente, abrasador.

⁴ Nota dos organizadores: texto transcrito dos originais do autor. Pesquisa documental de Ramiro Esdras Carneiro Batista (2021). Mantivemos a grafia vigente á época.

A mísera sentira um suor frio ensopar-lhe os trapos do corpo. Era a fraqueza invasora, fraqueza de matar. Estava só. E descansou á força sentando-se a sombra de um joazeiro, começando a bramar, a praguejar em voz alta:

— Óia! Bem stá Brinda! D’uma se foi-se e não percisa mais de nenhum cafe, nenhum féjão, farinha, rapadura, toicinho, arrois, nem mais nada.

— Óia!... morreu?... s’acabou-se!

— Poi’zé! Assim é qui é!

— Stá cabado mêmo! Vigia s’ella s’importa c’os que fica?!...

— Gente! Nem mimba! No banzão dela!

— E’h! Ô vida! Ô vida desgraçada!

— Ist’inté qu’é um inferno aonde a gente véve mettido, qui cond’é fé!... pan! Papú brucutú! La se fêiz uma coisa ruim! Contos que s’inforca, ôtos que si mata! Gente, bem bão!

— So sei dizê qu’ella é quí stá no bão. So eu é quem vivo nessa labuta damnada sem fim; e agora pramode que? Ansim, ansim, eu hai de andá nesse turrão sem limite, sem tê prá botá no fogo um punhadinho de féjão... ora vancê, que horas qu’é esta e stou em jejum! E eu aguento la esse rejume? Cadêl-o ar... moço brabo... ja se foi. Ou sahiu e stá no mei’do ceo.

— Quero morrê cuma Brinda.

— Stá no barro, stá calada. Ninguém s’alembra mais dela sinão eu. In’antes Deos me levasse cumo ella tambem, do que me vê nua e crúa, morta de fome, c’a casa limpa... espura. Tanto qu’eu trabaio; tanto qu’eu cavaco!... mais cadêl-o qu’eu pissuo?

E esfregando as pontas do polegar no indicador:

— Cadêl-o? C'as profunda! Pros collete dos inferno!

Falava assim quando ouviu distintamente um escarrar pouco distante de si, pelo lado de fora da cerca de garranchos. Como estivesse a bradar alto, baixou um pouco a voz, levantou a cabeça e reparou.... – Ninguém!

— Négo! Chega me dá uma inferniza!... Me dá uma impó!... Vancê já me vio, vancê não dasse? Stá a gente fora do mal engano, que conde sinão conde, cond'é fé... pan! Oia as mulestra!... Qui é? Quem qui é?

Certamente qualquer pássaro: mas nem um sinal disto.

Ninguem mesmo.

— Cruis arma pantariosa! Cruis! Resmungou ella.

Ninguem.

— Não se pode mais batê c'ús beijo. Gente aqui tem sede de mexerico! Agora, não seio pra quê! Bamos a vê qu'é pra ganha alguma banda de rapadura. Gente ansim so anda caçando sastifa. Que qui qué cum mea vida? Gente que não dá nada qui qué é biscoito? N'é da conta de ninguem!... Seja quem fô, disse bem alto: né de t'ea conta!... J'ovio?

— Cruis! Arrunego a má auridade! Apois eu já me vou m'imbora, tu ahi te fica. Que diabos! Homie! Quis so qué acordá atôa... celebrano miss'em pé... atôa... atôa. Pá linguará vida aeia lobrega por todo canto, não respeita orvaio nem saída.

— Cruis arma iscumungada!

E levantou-se a Josepha, cambaleando até o ranchinho pouco distante, ranchinho sem portas nem janelas. Cortada de fome e tonta da suadeira, assim entrára, alli mesmo no corredor estreitíssimo estendera-se novamente no chão duro e mal estirara-se na terra fria, tornára ouvir o mesmo escarro.

Ella levanta-se nos cotovelos para ver quem seria. Quase não acreditára: - Brigida!

— Brinda?!... reclamára aterrada; Virge'Nossa Senhora do Rosaro! E cobrio o rosto com a saia.

— Sim! Sou eu mesmo Josepha!

— Ah! Josepha! Falara aquella aparição; antes cá do que lá, Josepha! Se você soubesse!... ah! Josepha se você soubesse!?...

E desaparecera.

CONFIRMAÇÃO⁵

Casara-se o Manoel Baptista com Dona Felicia contra a vontade de toda a família desta: paes, irmãos, parente e amigos, num “bate-barbas” de razões desesperadas.

Embora reconhecido como trabalhador muito distincto e honesto, o rapaz, segundo seus haveres, era relativamente pobre para aquella gente abastada e de nobres troncos. Demais sem nome ou posição social, um mulato – a peor birra de todas, a razão única, afinal e a mais apaixonada, todo o nojo, todo o horror daquela gente.

Mas, o amor sincero de Felicia sublevava-se obstinado, arrasando com a orgulhosa “doença da branquidade” dos seus, e o casamento se effectuara numa atmospha de contrariedades e murmurações descabidas. Dentre todos o mais encarniçado, primava João, irmão de Felicia, a quem muito queria.

Este não queria ver, não podia supportar nem a poeira do rastro do negro Baptista.

Um odio mortal cozia-lhe o coração.

Antes, porém, que estourasse qualquer acto desse indesejavel fermento, o casal em tempo se retirara para quatro leguas dali, em um sitio de sua propriedade, onde viviam contentes, felizes. Nem por isto a malquerença se arrefecera.

O Baptista, de antiga tempera não cedia.

⁵ Nota dos organizadores: texto originalmente publicado na Revista *Noite Illustrada* – Rio de janeiro/RJ. Edição de 29 de janeiro de 1936. Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021). Mantivemos a grafia vigente á época.

Sem rancor, tratava sempre os seus novos parentes com superior bondade pelo seu character firme e independente.

Nunca dera treguas a cavaco e sabia dissimular a intriga.

O João amava loucamente a irmã. De vez em quando passava pelo caminho da fazenda para umas propriedades suas que ficava além. Se por acaso sabia estar ausente o Baptista, chegava até á porta, conversava com a irmã, tomava café, descansava. Se, porém, sabia, ou desconfiava estar o cunhado em casa, passava de largo.

Nem olhava para aquelle lado. Baptista tudo supportava, soffrendo remoques e máos tratos, que por linhas travessas lhe applicava o cunhado.

Annos decorrem nessa canseira. Um dia, após intenso labor pelos roçados do eito, pelas nove horas da noite antes de se deitar, segundo seu costume, tomava Baptista apontamentos das despesas e dinheiros dos camaradas, quando ouvira o tropel de um cavalleiro que esbarrava à porta, e, em seguida, alguém que, apeiando-se, o chamava em altas vozes:

— Baptista! Com effeito! Como é que você, um homem tão precavido, morando num ermo deste, á beira de uma estrada onde passa todo o mundo, vae dormir, deixando a porta aberta?

— Entra, João! Diz o Baptista, tomando o candieiro de kerozene, levantando-se sobresaltado e indo ao encontro do seu cunhado.

— E a porta está aberta? Perguntou, ainda de dentro do quarto.

— Tanto está, que eu, passando agora mesmo pela estrada, vi este esquecimento. Apeei e entrei para prevenir-te. Algum ladrão, suppondo que tenhas algum dinheiro...

— Fizeste bem! Entra, João! Diz o Baptista, da porta do quarto, allumiando o corredor no meio do qual estava de pé o João.

— Ora, já entrei.

— Pois entre mais e sem cerimônia para o nosso quarto.

E, enquanto Baptista volvia a depor o candieiro sobre a mesa, João rapidamente entrava conversando:

— Como vaes, Baptista?

— Bem, João! E você?

— Sempre o mesmo, disse, sentando-se ás bordas do leito onde Felicia dormia a bom dormir.

Baptista novamente accommodou-se na cadeira, muito satisfeito com a visita inesperada do cunhado.

— Estavas dormindo já?

— Pelo contrario. Tomava apontamentos de contas e despesas do dia. É um costume, antes de deitar-me.

— Isto é bom.

E olhando para Felicia que resonava, passou-lhe a mão pelas tranças esparsas no travesseiro.

— Coitada da Felicia! Cansadinha do serviço! Como vae ella?

— Agora, desfrutando uma saude bem regular.

— Ora veja! Ha quanto tempo não nos vemos!

— Sim! Ha bastante tempo.

— Desde a nossa separação por futeis motivos e presumpções de quem você deve ter e com bastante razão, muita queixa de mim...

— De você, João? Por que? Eu nunca tive queixas de você, nem odio, nem coisa alguma, senão um desprazer: - estar separado de ti... e no mais, nada!

Ninguém queria o casamento: porém, tua irmã quiz e eu dei-me satisfeito.

— Mas, eu te fiz as peores injustiças e te persegui bastante indirectamente: causei-te muitos danos, do que me arrependi bastante e desejei que isso desaparecesse depois...

— Que duvida! Não acreditas em teu cunhado?

— Por que não? O que eu desejava e desejo é que você me perdoe, e de coração, todas essas coisas que com franqueza te exponho.

— Jámais guardei de ti, nem dos teus, o menor resentimento; tanto assim, que sei o quanto estimas tua irmã, que nunca deixaste [de] chegar até à porta, conversar com ella, tomar o nosso cafezinho e, às vezes, descansar, quando não estou. Eu gostava e gosto disto, sentindo apenas essa ausência sem razão, porque te estimo e muito. Em todo o caso, iamos vivendo. Nem precisavas de nós, como pensavamos viver mal sem você.

— Sim: era o que desejava saber e se, seriamente, me perdoarias todo o passado.

— Nem penses de outro modo, João!

— E de todo o coração?

— De todo o coração!

— Sem deixar um resquicio de duvida?

— Ora, João! Entre nós, tudo acabado! Tu podes e deves entrar e sair nesta casa, que é tua, como dono amplamente, sem receio, como meu cunhado e irmão querido, agradeço.

— Pois bem! É o que desejava saber e muito te agradeço.

E novamente passou a mão pelas tranças da irmã, que ainda dormia.

— Agora, disse elle, depois de certo silencio: adeus!

— Ainda não! Não te vás. Acordarei Felicia para fazer café.

— Não consentirei nisto. Está muito tarde e faz frio.

Tenho que chegar em casa hoje. Há um negocio serio que não devo deixar para mais logo.

E levantou-se.

— Que pressa! Durma!

— Não! Adeus! Eu voltarei o mais breve possivel para estarmos juntos. Saudades á Felicia!

E foi-se retirando apressado.

Baptista tomou o candieiro e acompanhou seu cunhado, que, ao transpor o corredor, subitamente nelle desapareccera. Baptista, perplexo ainda, chegara chamando-o até á sala. Portas e janellas todas trancadas. Sala, deserta. Longe estava a duvida. Voltara a examinar também a sala de jantar. Tudo, tudo bem trancado. Lembrou-se de que elle mesmo poz ha pouco antes a casa em segurança.

Então, do seu espirito apossou-se um medo horrível e não pôde suste-se mais de pé. De gatinhas e gritando pela esposa, arrastou-se até á beira do leito, mal segurando o candieiro.

Acordou a senhora.

Esta assustada, e vendo o marido naquelle estado, saltou ás pressas, indagando afflicto:

— Que é isto, Baptista?

— Que te aconteceu?

— Nada! respondeu a tremer, batendo os queixos de frio, qual se atacado de maleitas.

— Nada, não! há alguma coisa? Fala! Que horror! Fala, Baptista!

— Nada! Corra! Vá me dar um chá de laranja á toda pressa. Felicia corre á cozinha: porem não vae só. Agarrado ao cós de saia está o Baptista aterrado.

Custoso e bem difficil foi arranjar-se o chá de laranja, porque a Felicia teve que arrastar o marido até á laranjeiro no fundo do quintal e colher as folhas na maior afflicção.

Para ella, tratava-se de um caso de congestão. Preparado o chá, disse, agora, vamos tomar o chá lá dentro. Baptista não tinha palavras nem forças, tremia e batia os queixos a fazer penna. Os olhos pareciam saltar das orbietas de espanto e terror. Como um automato, voltara de rastro, seguiu á esposa para o quarto, onde pudera então tomar o chá e com difficuldade.

Decorridos alguns minutos e acalmado mais um pouco, logo que pudera, disse á esposa.

— João saiu inda ha pouco daqui.

— Que João?

— João, teu irmão! E João morreu! Esteve sentado aqui á beira da cama. Conversando longamente. Perguntou por você, passando a mão pela tua cabeça e você dormindo! Eu quiz acordar-te para nos dar café: mas, elle não consentiu.

E contou-lhe o resto, que sabemos.

— Foi isto só!/? Perguntou Felicia, depois de prestar toda a attenção.

— Foi só! Por que então?

— Que bobagem, Baptista! Ainda há pouco parecia-me ver você atacado de um congestão por teres comido bastante e ires dormir com pouco exercício: agora estou vendo claro, e desde o começo desta historia do Trancoso, que tu estás realmente victima do que eu pensei: pura illusão, nada viste. Por que João viria tão tarde para conversar...

— Não! Eu não estou mentindo, nem tenho doença alguma: mas...

— E eu estou dizendo que estás mentindo? Mas... o que? Mas... nada! Socega!

— Escuta. Eu não me havia deitado ainda e tomava assentamento das despesas de camaradas quando elle chegou, como contei-te...

— Sim! Não estou dizendo? Que não deitaste, sei: e sei também que escrevias: porém, cochilaste alguma coisa e foste assaltado de repente de enorme pesadello. Quem não está vendo? E demais, que tollice a tua! João passou hoje á tarde por aqui são e gordo; esteve commigo. Se lhe acontecesse alguma coisa, já não teríamos qualquer recado? Moramos demasiado longe para uma presteza maior? Que são quatro léguas pequenas? Arrebentava-se o cavallo; mas a noticia já teria chegado. Um pesadello é que foi e pesadello de estomago carregado.

— Então, achas que foi um pesadello mesmo?

— Acho, não! Pesadello forte! Fiquei aterrada, pensando em congestão, do modo como te vi. Felizmente estás salvo.

E o Baptista convenceu-se de sua illusão.

— Realmente um pesadello! Concordou.

Porém, até chegar-se a esta conclusão, não reparava-se que a noite avançara bastante e os primeiros clarões da madrugada annunciavam a aurora ao

cantar dos gallos no terreiro e o trinar das aves nos coqueiraes da fazenda, numa encantadora alegria. Já não havia mais espaço para um somno reparador.

— Amanhece! Disse Felicia. Vamos á cozinha.

— Sim; mas irei abrir as portas primeiro.

Com effeito, vinha clareando o dia, e lá no extremo da varzea fronteira apparecia um cavalleiro á toda a brida.

Baptista estremeceira, deixando-o appproximar mais para reconhecê-lo. Era o Garibaldi – vaqueiro de João. Baptista não se conteve.

— Felicia! gritou elle. Não te disse que João morreu. Felicia correra assustada.

— Por que?

— Olha, Garibaldi! A esta hora... aqui!... Quatro leguas... Teu irmão morreu!

Nesse interim chega o vaqueiro á porta.

— Já sei! Clamou Baptista. João que morreu.

Garibaldi tomou um choque.

— Cumo vancê já sabe?

— Sei já.

— É a verdade. O patrão morreu hontem um pouco antes da meia noite, e repentinamente. Eu fui despachado logo, mas a noite muito escura retardou a viagem.

Estava confirmada a dolorosa revelação.

Baptista e Felicia partiram imediatamente para a fazenda de João afim de prestarem ao querido morto os últimos preitos de tão profundo mysterio.

Baptista, que ainda vive, não era crente. Tinha mal delineadas suas opiniões religiosas. Deante da realidade do facto, desaparecera sua incredulidade e não cessa até hoje de proclamar bem alto verdades que até então lhe eram indifferentes: Deus, alma, céo, inferno, em cujas existências de modo algum acreditava.

Hoje quem lhe contestaria sem a immediata repulsa?



O CANGUSSÚ⁶

(Anedocta sertaneja da Guerra do Paraguay)

Rezam chonicas dos tormentosos dias da guerra do Paraguay. Accendera-se o recrutamento, o espantinho tenebroso, o appello ás armas, o grito atroador da guerra.

O fantasma da morte, irrevogavel e bruto, cavalgando o cavallo apocalyptico, penetrava nos campos do patriotismo, tangia o humano rebanho para a campanha. Brados de maldição, de temores, de sobresaltos ou de heroismos não podiam esconder nem dissimular a dor immensa, que não mente nunca, e jamais esquece a desventura absorvente do maior e mais fatal dos contagios universaes – a guerra! E que é a guerra? Vaidade, illusão? Gesto de angustia, pedindo justiça para os erros e as iniquidades?

Em baixo fica terra, pois que lá em cima terra não vae. Quando o tufão arrebenta e alastra, a convulsão empolga, da rasteira grama ao jequitibá serrano, da leve formiguinha volatil, ao ser pensante e voador.

Será a guerra consciencia de viver? Sciencia e perspectiva de aniquilamento para sempre? E dessa sciencia e dessa perspectiva milhares são os que fugiram, que não quizeram e recusaram estrumar com seu sangue, e para sempre, terras e charcos do Paraguay.

Valentia, cobardia? O tribunal divino que decida.

Por esse tempo o governo, concitando o povo, abrindo propagandas para o sacrificio, cerceava tambem a liberdade pela lei funesta do recrutamento. Se o voluntariado affrontava o perigo, as prisões se enchiam também de violentados, que, sob algemas, incorporavam-se ao exercito nacional. Eram os

⁶ Nota dos organizadores: texto publicado na Revista *Noite Ilustrada*, em 06 de maio de 1936 (Rio de Janeiro/RJ). Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021).

recrutas, surpreendidos e agarrados para pagar o chamado tributo de sangue. Muitas vinganças, no caso, commettidas, muitos desaffectedos e perseguições deram com vários infelizes no refervor da luta.

Voluntarios ou não, todos para a fogueira. Campeava a palavra de Marte em todos os recantos do Brasil: “A’s armas”! ás armas! E nem todo o brasileiro desejava desgarrar-se da vida preciosa.

E o velho Cangussú, antigo e temeroso chefe de jagunços dos famosos “clans” do interior, andava supplicante, das grades da prisão ás casas fortes dos patrões poderosos, a favor de seu filho – o Paulo Cangussú – “caçado” e preso pela policia nos desvãos de uma serra, onde se escondera com vários companheiros, evitando o Paraguay. Paulo, de mais de vinte e um annos, rapaz robusto, alto, corpulento, infallivelmente tinha que seguir. Mas, era filho unico e o pae pleiteava esse direito, contra os mandões de má vontade para com elle.

— Já foste te ajoieá nos pés de Dona Yayá, nossa comade, madrinha de nosso fio, muié do Capitão Trucate? Perguntava sua esposa Dona Belisaria.

— Quás Trucate nem Yayá, Belli! Já fui e nada!

— E seu coroné Baptista c’os fios, gente nossa, patrão nosso?

— Tambem nada. Stão tudo de cara marrada; os fios antonce são piór argoz de nosso fio.

Um delles inté me insultou, dizeno que o pai percisava de fazê figura e não abria mão do menino, de jeito nenhum, que tinha cumprimisso c’o imperado.

Reclamei meus serviços que prestei desde moço com risco de vida, e a pestia veiu arresponder-me que eu tinha o devê de defende gente da casa delles, pois para isto eu ganhava dinheiro do pai.

— Arrenegado! Tem razão: não fosse você livral-o das tocaia perigosa e do fogo rolante das trincheira e não vinha rotá vantage agora de gente rica. Cumprimisso c’o imperado!... ah! miseráveis! E tu que dixes?

— Eu não engeito desaforo. Repetti o insulto e elle me bateu a porta na cara me ameaçano de prisão.

— Feis isso?

— Se feis!

— Apois agora, é que nosso fio não vae lá.

Eu também amostro a elles: ou em amarro a saia na cintura, ou tu arruma as pracata no chão. Quem tem tu, manda tu: quem não tem tu, vai tu mesmo. Cala tua boca e não peça mais nada a ninguem. Dizaforo! Andá se adulano essa panderage de suburque. Não messa distancia nem sacrificos. Bota as pracata nos péis e vae-te falá c’o imperadô. Basculeja c’o elle!...

— C’o imparadô?

— Que é? Que que tem? Elle é home cumo os ôtro. Se tu não qué, deixa que me vá, já te amostro se meu fio vai pra guerra!

Na verdade, Cangussú não mentira: fôra pessoalmente, com toda a confiança a seus patrões, onde sabia que alguns mais protegidos haviam arranjado dispensa do serviço militar. E, quando disto tratava, recebera as peores desenganos da autoridade:

— Temos compromissos com Sua majestade e não podemos de modo algum dispensar seu filho. Se o dispensarmos, todos quererão ter o mesmo direito, e favores desta ordem não faremos a ninguem.

Não estava foragido? Por que se deixou pegar? Embrenhasse-se por lá até passar a guerra. Demais, se os moços se recusam, nós outros e de nossa posição é que havemos de marchar? Que, pois, deverá seguir?

Achou você muito bonito pedidos desta ordem?!

— Meu patrão, não é direito de lhe vim pedi, mas porém, ó tanto ó quanto de lhe tê prestado c’o risco de vida muito serviço inquanto era moço. S’tou véio e meu fio é o meu unico imparo. É quem me dá que comê e que vesti a mim mais a mãe, véia, cumo o patrão sabe.

— Sim, senhor. Sei; mas isto são lamurias de pai e, nós, autoridade, não estamos pelo que os paes querem ou desejam. Foi-se o tempo: isto de prestar serviços a uns e outros, todo o mundo presta e tem obrigação até para mais. É um dever.

— Antonce, patrão, é um devê? Um home dever servir cumo escravo, inté c’o dedo no gatio?...

— Alto lá... porém com o nosso dinheiro... Gatilho... uma conversa!

— Todo o seu dinheiro é uma esconva na pata de um Cangussú, e...

— Porta fóra! Nem mais uma palavra, raposa velha, ou eu te passarei a preso com teu filho.

E a autoridade bateu-lhe a porta á cara.

Pobre Cangussú! Repellido com desdém pelos coronéis, majores, capitães, ajoelhado aos pés de suas esposas, num mar de angustias e amarguras!

Que? Tantos outros mais felizes, substituidos por volumosas gorgetas, escravos, criminosos até, e seu filho sem um pingo de misericórdia, por ser pobre!?...

Chumbado ao chão da sua choupana, ficou-se pensativo. Ouvio as “tolices” da mãe e reflectiu muito e muito nos “repentes” da mulher.

Dirige-se á cadeia, pede licença e fala ao filho:

— Paulo, não te desanimes.

— Que há, então, meu pae?

Cangussú não respondeu.

Chega o dia da partida dolorosa. Circulam noticias de que partira também o velho Cangussú. Ordens severas da autoridade para que não o consentissem incorporar-se, nem mesmo avizinhar-se da tropa, sob pena de ser fuzilado.

Inutil a desconfiança! Cangussú seguiu, mesmo de longe, o filho, numa penosa e extensa caminhada, do fundo do sertão de São Francisco ao littoral. No embarque das tropas, a mesma precaução. Não importa.

Com arazoada previdência e perseverança arranja uma passagem da Bahia ao Rio de Janeiro. Ha um relativo descanso para exercício e preparo dos recrutas.

Uma vez na Côrte, Cangussú não descansa. Por um patricio seu, com influencia no Paço, pede e obtem uma audiencia especial do imperador, e, dia e hora marcados, nella se apresenta com os documentos que cautelosamente pudera arranjar em sua terra. Embora matuto e genuino sertanejo, seu todo não desagradava. Alto e honestamente curvado pelos annos, tez moreno-clara, cabelos corredios, prateando-se, pouca barba e grisalha, olhar de gavião, intelligente e firme, nariz meio aquilino, vestia a rigor um terno completo e bem feito de couro de cangussú.

Todo elle “cangussú” dos pés á cabeça.

Sapatos, luvas, camisa, gravata. Até o pequeno lenço do paletot.

Ao entrar, na audiência, com certo ar de distincção, inclinou-se deante do imperador, que, por instantes, passou em revista aquella exotica figura, logo se interessando:

— É o senhor Joaquim Cangussú, vindo do sertão, das margens do São Francisco?

— Sim, Vossa Majestade. Venho valer-me de Vossa Majestade.

E Cangussú expoz correntemente toda a sua historia e o seu destino com uma simplicidade encantadora e desembaraçada, apresentando seus documentos.

O imperador os leu attentamente. Em seguida, para entreter-se um pouco, como na intimidade de seu povo, delicadamente entrou:

— Tudo muito bem. Mas, senhor Joaquim, agora estou notando uma coisa, uma falta imperdoável. Não parece justificar seu appellido. Falta-lhe um appendice, isto é, alguma coisa que esque...

Joaquim compreendeu immediatamente de que se tratava.

— V. Majestade me dá licença!

E, ali mesmo, mettendo a mão sob o grosso paletot, que desapertara, arranca uma enorme cauda de cangussú, ali occulta, e a soltou no tapete com certa graça.

E, garbosamente, collocando á cabeça um gorro, também felino, deu uns passos pelo salão.

O imperador sorriu, deliciado.

— Sim, senhor! Agora, sim! Um perfeito Cangussú. Faltava-lhe o appendice. Muito bem!

Cangussú despachado e triunphante! Seu filho dispensado do serviço militar. E teve ainda da munificência imperial, recursos necessarios aos dois para o retorno ao sertão.

ASCILINO DAS MORADEIRAS⁷

Morrera o Ascilino nas Moradeiras, a uma meia legua da cidade de Januaria, alem das margens do riacho da Quinta.

Bem longe e por isso mesmo de urgencia o enterro, e com certa parcimonia, a fim de evitarem-se despezas inuteis.

Solteiro e vivendo ainda sob o tecto de seus pais, era um rapaz trabalhador e economico diferenciando-se dos seus irmãos tambem rapazes inda novos, vivendo todos elles da lavoura e ao mesmo tempo de olarias, no fabrico de telhas, ladrilhos e tijolos.

Em 1918, 19, 20 a gripe da grande guerra saccára dolorosa e terminantemente junto as populações das cidades e interiores do sertão.

Pavorosa-quadra!

Os caminhos dos cemitérios andavam lotados. Nenhum logar poupado. O terror pintado em todos os semblantes. Na cidade populosa as ruas achavam-se desertas. Não vibravam mais os sinos e a atmosfera de lucto parecia impregnada da peste.

De toda a parte e em todos os sentidos, sahiam caixões em disputa diária, revesando-se apressados os enterramentos de manhã á noite e por vezes até um pouco tarde com auxílio de velas.

Na cidade as únicas portas abertas eram das pharmacias. Raros os transeuntes e de carreira. Não havia tempo para mais nada e com isso o hospital

⁷ Nota dos organizadores: texto transcrito dos originais do autor. Pesquisa documental de Ramiro Esdras (2021). Mantivemos a grafia dos originais.

foi quase de uma vez atacado. Por fora o espetáculo era o mesmo, despejando enfermos.

Maldita, Maldita guerra!

Morria quem nella entrara, assaltando o universo com uma pestillencia mortífera, sobrepujando depois a propria guerra.

A consternação batia em todo o lar arrastando familias inteiras.

Não se andava. Corria-se.

De perto ou longe ninguém sabia a quem atender, tal a violencia do contagio.

Foi por esse tempo que caira Ascilino e com elle varios de seus irmãos, seus pais, quasi a familia toda. Os vizinhos tambem, todos elles avariados do mal, uns agonizavam, outros fugiam apressados a força, por pouco convalescentes.

Remedio pouco, e ignorancia muita entre a massa populosa sem mais requisitos e desencantados nessa calamidade sem recursos.

Doidamente inventava-se qualquer tizana que se não curava, nem por isso deixava de matar também.

Desolação por toda a parte.

Clamor geral. De todo o canto um enterro apressado.

A gripe atacava. A população morria. Muito se acabavam no abandono.

Ascilino uma vez contraído o mal peiorára do dia para a noite e amanhecera morto.

Urgia preparar-se sem demora e mais que depressa, mortalha, caixão e documentos de uma vez.

A distancia da casa á cidade tornava praticamente impossível tanta providencia, e resolve-se tão somente deita-lo ao leito do enterramento.

As oficinas dos carpinteiros achavam-se atropeladas de encomendas. Arranjar um caixão, impossível.

Arranjaram uma rêde. Mortalha — a propria roupa do finado — foi essa a solução tomada comtanto que o morto se fizesse o mais depressa possível ao leito, liquidando a peste da família.

Sungaram a rêde um grosso cabo de pereiro, e dois possantes caboclos da vizinhança empunharam o defunto, precisando revezar de vez em quando porquanto o rapaz morrera com todas as suas forças e pezava muito.

E assim correram — caminho do Cemitério.

Quem pode acompanhar seguio, quem não pode ficou. De uma mancada e a trote largo — primeira estação a beira do riacho da Quinta, em cujo pontilhão pararam para dar lugar a uma rêde que também rompia, vindo com outro freguêz. Portanto dois os enterros.

Não houve descanso. Renovados os caboclos para outra carreira, abalaram-se de novo. Meia légua ficava atrás; mas até chegar ao cemitério venceriam mais outro tanto da triste jornada.

Corajosamente irromperam entrando na cidade muito comprida, desolada, pela quantidade de enterros que dela partira.

Januaria tem mais de cem anos e ainda não possui, não dispõe até a hora presente de uma empreza mortuária. Os enterros são da mais extrema penúria, livrando-se dos féretros por até uma hora, cavando as braças e ao fundo a margem de um planalto. Essa que devia ser a cidade dos mortos. Em outros tempos para esse sucesso destinou-se o espaço para tal, o que fracassou.

As duas para as três da tarde alli chegará a rêde e o pequeno acompanhamento do Ascilino. O Cemitério estava revolvido de um sem numero de glebas novas e onde abriam-se mais para os que chegavam a todo o instante.

A sepultura de nosso morto têm que ser aberta e portanto necessário esperar-se um pouco pelos coveiros, todos muito ocupados.

As quatro horas contudo estava despachado o enterro.

Terminado o trabalho aquella gente partira para os seus. Partiram comentando o presente e passado do defunto. O sol baixava muito quando deixavam o alto do Cemitério. De la avistavam distante na baixada de vazante do valle os tugurios das Moradeiras — sumindo-se na imensidão.

Desceram o valle caminhando e só as Ave-Marias alcançavam o riacho com seu pontilhão. Cahiam as ultimas horas da tarde.

Quando ali chegavam, um homem tambem atravessava-o, mas ninguem prestára atenção.

Um pouco depois porem do pontilhão, aquelle homem virou-se repentinamente falando-lhes:

— Vocês digam a minha gente para cuidar no franguinho que deixei, não precisam esperar-me vivo.

E desaparecera.

Ascilino! Gritaram todos de uma vez. Porem, elle havia desaparecido.

Foi um horror! O panico espatifara toda aquella gente de carreira pelo matto, alguns se atirando do pontilhão dentro d'agua.

O SERPA⁸

Contam os antigos que numa dessa aldeolas do Planalto Central vivera outrora um ricoço e afidalgado Valerio Serpa, senhor absoluto mandante do povo, possuidor de ricas terras e fazendas de gado. Influencia legitima e largamente espalhada, só seu nome bastava nos derredores de mais de sessenta leguas, para dirimir questões, fossem ou não de importância capital. Disto andava elle bem enfrornado, e da sua nababesca posição.

Costumado a ser obedecido, e, mais ainda, temido, pelo seu orgulho, entendia que acima delle só elle e sua fortuna. Quem se atreveria a crear-lhe embaraço ou projectar uma pequenina sombra, que não fosse immediatamente rechassado? Ainda mesmo que de nada soubesse, os seus aduladores antecipavam-lhe os pensamentos de desforra, com que muito se exultava.

Qual o maluco que transitasse por deante de sua magnifica vivenda, e que, estando elle á porta ou em alguma janella, não se curvasse, reverente, com o chapéo debaixo do braço. Ai desse!

Desatinos e algumas mortes haviam já desterrado moradores do infeliz povoado. Em prosa e verso: Serpa “cantado”: conselheiro, mandante, juiz e executor!

E o mais venturoso dos mortaes ria-se com o vento de um poderio que lhe dera o açambarcamento de diversas fortunas alheias retidas em suas mãos: dessa fortunas que só se explicam pela astucia, pelo sangue e vidas de infelizes.

Pouco importa um dia de ajuste inesperado. Grandes ou graúdos não têm ferrete de crimes. Visível ou invisível ha uma balança, é certo, oscillando á

⁸ Nota dos organizadores: texto produzido para a Revista *Noite Ilustrada* (Rio de Janeiro/RJ – sem data). Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021). Mantivemos a grafia dos originais.

menor vibração de aragem, porque as duas conchas no momento transbordam de delicias, e são repassadas de mão em mão pelos bebedores de prantos. Dentro de algum esconderijo atravancado, taes os conceitos dos oprimidos e desafiados.

Mas, dentre os adoradores desse homem apparecera um nobre espírito de creança, cuja independência natural dava lições a seus conterrâneos, embora o exemplo não medrasse. Seu nome, Joaquim da Brigida, por ironia, era levado ao senhor mandante nas rodilhas da maledicencia, como um rapazinho insolente, vagabundo, malcriado, conversador.

Serpa, bancando importância, fungava de ira; e não satisfeito com as suas salas ou terreiros, noite e dia pejadas de aduladores, andava envenenado com o Joaquim, um fedelho que não o considerava, não o frequentava, muito teso, muito garrudo e pabulo. Tratava-o bem, é verdade, quando ao passar pela porta ou encontrando-o na rua, indifferentemente tocava com as pontas dos dedos as abas do seu chapéo. Só isto, porém, era falta imperdoavel, e aquelle menino insubordinado deveria ser advertido e receber um castigo qualquer, pois, do contrario, se perverteria bem depressa. Tramado o enredo, os mesmos intrigantes avisaram a Joaquim das iras do malvado “manda-chuvas”. Joaquim de modo algum prestara attenção aos embusteiros, repellindo-os sempre:

— A fumaça que aqui sobe é minha e de minha mãe; portanto, nossa. É a da pobreza, mas pobreza honrada, cada qual com seu fardo e ninguém mais poderoso do que Deos: pouco se me dá da vida e do dinheiro do próximo. Disto façam bucha e passem muito bem.

Isto de “beber molho com garfo” do coronel Serpa ou de qualquer outro, Brigida nunca ensinara a seu filho Joaquim. No mais, elle que viva bem e “dois cornos de boi-creoulo” para seus aduladores!

Rastilho de polvora boa, ganhou fogo e estourou a bomba invertida nos conciliabulos do Serpa, ferido no seu orgulho.

— Que? O atrevido da Brigida disse isto! Deixe-o estar! Pobretão patife! Elle anda encantado com a côr da chita.

Os commentarios rendiam de boca em boca, de rua em rua, aos cochichos.

— O Joaquim, “disque” insultou muito ao “seu cruné” Serpa!

— Vejam só cumo formiga qué tê catarro!

— Gentes quê franguinho temperado! “Cruis”, passoca crua!

— E com quem foi “mexê”, logo com seu “cruné”!

Ao correr desse “zum-zum” passa casualmente, certa vez, o Joaquim pela porta do Serpa, onde a essa hora se tratava, infelizmente, do assumpto.

— E “o home de que se fala vai passano...” – segredou um dos assistentes.

— Os senhores que me desculpem o que vou fazer neste momento. Não posso aturar tantos desaforos! – disse o Serpa, correndo á janella.

— Senhor Joaquim! Gritou elle: se não vae com muita “percisão”. Desculpe-me pedir a fineza de chegar até aqui.

— A’s suas ordens, coronel! – volveu Joaquim.

— Queira entrar.

Joaquim penetrou na sala, saudando de uma vez os presentes.

— Estou ha dias embatucado com uns papeis e uma conta, senhor Joaquim, cujas difficuldades só o senhor, como moço intelligente e de juizo mais fresco do que o meu, poderá resolver.

— Vejamos, coronel!

Bruscamente cerram-se portas e janellas, e com violencia é Joaquim agarrado por seis capangas que ali se achavam disfarçados. Levado a um pequeno quarto contiguo a salla, ahi recebe tres duzias de bolos da pesada palmatoria para não ser atrevido e malcriado, e passa recibo.

Divulgou-se rapidamente a noticia. O rapaz, corrido de vergonha e não havendo justiça a seu favor, pois cadeia e justiça se resolviam pela sepultura, mudou-se do povoado para sempre. E nunca mais se soube onde se escondera, nem qual seu paradeiro.

Ora, a algazarra do escandalo fervera por muito tempo entre gargalhadas do commentario emporcalhante: estiraram garras e puxaram tripas ate cair aquillo em completo esquecimento, depois de inuteis pesquisas.

Aquella façanha ensoberbecera o Serpa, crescendo cada vez mais no conceito a graúdeza do seu prestigio, poder e fortuna.

— Oh! Aquella lição... um magnífico exemplo! Diziam todos.

— E para que saibam: eu quero, posso, e tenho com “quê”: sou o dono, donario e donatario desta terra” – trovejava o Serpa.

E a casa do fidalgo senhor tornara-se de pedra e cal, torrinha da veneração. Nella, descobrindo-se, sizudamente, penetravam o pobre sumido na sua pequenez e o arranjado em graúdo, mais do que cerimonioso.

Serpa, soberano, mandava ao sol que parasse, sem desconfiar que as dores do mundo não foram feitas para a ralé somente, esquecendo-se quase por completo da baixeza commettida.

Nos primeiros tempos, ainda um vislumbre de consciência nos horrores de seus crimes lhe roçava pelo coração. Mas... bolas para a consciencia! Não valia uma pataca para quem estava de malas recheadas! – pensava, confiado. Casado, morre-lhe inesperadamente a esposa, e, em seguida, mais dois filhos, isto no decurso de poucos annos.

Varias lutas e desastres succedem-se no povoado. Desapparecem uns da scena da vida, outros emigraram. Entre tantos, muitos dos seus capangas e cúmplices. Decresce a população. Certa desolação se approxima da casa solarenga do Serpa, apertando-a em estreito convívio. A esses pesares, junta-se outro: a morte, por desastre, de um seu irmão em cidade distante. Uma desorganização se opera na vida do Serpa, agora solitário, chorando tantas perdas em pouco tempo. A dor, visitando-o, trouxera formidavel desespero, acabrunhando-o, envelhecendo-o.

Passados os dias do luto pesado e rigoroso do ultimo golpe recebido, fôra chamado a herdar grossos haveres de seu irmão, fazendeiro também, de excellente fortuna, que falecera sem testamento, sendo solteiro. Tivera, portanto, que viajar e cuidar desses arranjos.

Partira, mas, em chegando á cidade do seu destino, e ignorando negocios de fóro, forçoso lhe fora contratar um famoso advogado, o Dr. Joaquim. Levaram-no até ao escriptorio dessa causídico, único no logar. Lavrado o contracto, todos os papeis e demais providencias são arranjados com invejavel solitudine, entrando o Serpa na posse da cobiçada herança. Satisfeitos os compromissos da justiça e direitos de herança, fora tambem pagar e agradecer ao advogado seus relevantes serviços. Com as deferencias que requeria sua alta posição social, é recebido magnificamente pelo advogado em sua luxuosa residencia.

Serviu-se o chá, e, depois de uma prosa amavel, segue-se o respectivo pagamento. Acervo bom, tentador. Advogado radiante, portanto, recebendo cerca de trinta contos de réis.

Guardando-os, inquiriu do cliente se estava satisfeito ou se achava demasiado os seus emolumentos?

— Plenamente satisfeito em tudo. Mesmo os emolumentos são módicos! Que todas as causas que, daquela hora em diante, estivessem ao seu alcance, não havia duvida, seria de sua preferencia.

— Bem, senhor doutor, disse, afinal, venho trazer-lhe minhas despedidas. Minha comitiva já partiu e preciso alcançal-a hoje mesmo.

— Ah! parte hoje?

— Não há outro jeito.

— Ha-de permittir-me um favorzinho...

— Pois não.

— Não quero que se vá seu uma prova de minha affectuosa gratidão.

Dito isto, Serpa é convidado a passar-se para um aposento interior, contiguo ao escriptorio – espaçoso quarto, muito asseado e ricamente dividido ao meio por uma cortina de damasco. Sentaram-se ambos em macias cadeiras ao pé de uma pequena mesa de páo-ferro, forrada com toalha de linho, notando-se uma bandeja de prata, cheia de flores, duas garrafas de vinho e dois calices.

Bebeu-se logo o vinho, que Serpa achou delicioso e raro.

— Á vontade, coronel!

E com elle bebeu o segundo calice: Serpa foi até o quarto, encantado com o seu advogado.

Encasacado e com a quentura do vinho, romperá com essa taramelada:

— O doutor Joaquim é filho daqui mesmo?

— Acabemos com isto, disse, á parte, o advogado, levantando-se –
Coronel, o senhor não me conhece?

— Não senhor: não me lembra tel-o visto em minha vida.

— Não se recorda de ter-me visto em parte alguma?

— Em parte alguma.

— É pena! Eu conheço-o muito. E tanto, que o reconheci desde o primeiro dia em que aqui entrou em nosso escriptorio. Eu aqui “quero, posso, mando” e tenho com “quê”!

Serpa, espantado, escancarou a boca, arregalando muito os olhos, sem nada comprêhender.

— Ainda não entendeu, coronel?

Descerra-se a cortina. Seis cabras bem armados apontavam ao peito de Serpa mortiferos clavinotes.

Quis gritar por socorro, pensando ser victima de uma ladroagem.

— Em vão! Não pronuncie semelhante palavra, senão estará perdido.
Nosso negocio é outro, bem differente!

E, retirando as flores e cálices da bandeja, accrescentou:

— Ajuste de contas, coronel! Aqui está em sua presença aquelle Joaquim da Brigida: lembra-se agora? É o doutor Joaquim, ouviu bem?

— Joaquim!... Ah! Joaquim?! Exclamou aterrado o Serpa. – Joaquim!!!...

— Joaquim! Joaquim! Joaquim que? Não se assuste! Um homem da sua hierarquia apara e come isto em segredo e... calado... hein? Escolha, sem perda de tempo, nesta bandeja, e veja bem: um punhal, uma pistola, um chicote, uma palmatória... e... nem mais um segundo de demora – disse de modo autoritário e resoluto o advogado.

Serpa, vendo o caso feio, optou pelo bôlo, apanhando a palmatoria, que entregou a um dos jagunços, aparando sem tossir, nem protestar, umas quatro duzias de bôlos.

Ia começar a quinta. Abriu-se uma porta, ao fundo, e apareceu a velhinha:

— Brigida!

— Já chega, meu filho!

— Attendida, minha mãe! É o que lhe vale, miseravel! Assigne, agora, este recibo!

Serpa, com a violência das dores e mãos rachadas dos bôlos, difficilmente assignou o recibo que lhe dera o advogado, Brigida acercou-se de Serpa, trazendo uma bacia com água e sal para refrescar-lhe as feridas, das quaes escorria sangue. Terminada a operação, virou-se Joaquim para o seu ex-cliente:

— Bem! Agora podemos conversar desafogadamente: estamos quites. Que tal? Pode contar mais “esta graça” lá na aldeia aos seus adutores, que nada lhe devo. Estamos perfeitamente entendidos.

Serpa, agoniado, comendo brasas, rasgando labaredas, nada respondeu.

Desesperado, sem chapéu, saiu daquela casa, tinindo como bala e caiu na aragem “tirando fogo no cacete”.

PAE JOÃO⁹

Difficilmente se reconhece hoje o antigo e prospero Curato de São Caetano do *Japoré*, no municipio da Villa da Manga, districto recentemente separado de Januaria, cinco léguas a dentro das margens do S. Francisco. Até o Seculo XVIII, pertencera a Pernambuco, do qual se desligára pela criação da Capitania de Minas, continuando eclesiasticamente, porém, até á comarca de *Paracatú* e, criação do bispado de Diamantina, em 1864.

O formoso arraial teve seus dias de prosperidade. Viu bastantes gerações que dormem sob o pó e ruínas de seu antigo presbyterio, ha bem pouco tempo reformado pelo extraordinario padre belga – Conego Mauricio Gaspar, de saudosissima memoria e a quem muito deve o nosso sertão mineiro pelo zelo de suas innumeraveis obras apostolicas.

Não obstante isso, a catanduba e o carrasco extenso ainda dominam um sombrio deserto, onde mal se adivinham rudes e vagas imagens de um passado sorridente, que não voltará nunca mais.

Ruas, casas, commercio, borborinhos do povo, movimento, vida, tudo transformado em silenciosas brenhas, frios e longos brejaes e aqui... ali... muito esparsas, esburacadas e de triste aspecto, isoladas cabanas de pauperrimos camponezes. Outróra, nos ultimos tempos, antes um pouco de sua derrocada, ainda se viam fazendas de gado, espalhadas nesse centro de influencia e actividade e que gradualmente peorára até á inércia da primitiva natureza.

Para mais de oitenta annos dessas recordações, íntimas, breves e históricas, restavam de pé a arruinada ermida, com o seu orago e o fazendeiro Navarro – testemunho derradeiro – da velha aldeia dos confederados selvagens,

⁹ Nota dos organizadores: texto publicado na Revista *Noite Illustrada*, (Rio de Janeiro/RJ – data ignorada). Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021).

derrotados por Mathias Cardoso, Januario Cardoso e Antonio Filgueiras, seu fundador.

Era Navarro um dos mediocres agricultores de dez leguas daquellas cercanias do *Japoré*, mantendo uma posição independente, apontado como um exemplo de honestidade e de trabalho.

Nessa época de escravidão absoluta, então primava por seu espírito humanitario, caridoso em extremo, e liberal para com os míseros captivos, que o veneraram com amor, especialmente aquelles do seu dominio.

— Não tenho escravos, costumava dizer, tenho irmãos ou filhos.

E disso dava provas, libertando-os de vez em quando.

Não era, porém, grande o numero dos seus captivos, entre brasileiros e africanos.

Desses ultimos, bem poucos restavam, contando-se entre elles o negro velho – Pae João – quasi tocando aos seus oitenta annos, ainda forte, mas não para os trabalhos pesados, para os quaes seu senhor havia terminantemente prohibido.

— Não, Pae João! – dissera-lhe um dia Navarro. Tudo que tenho vem de meus paes e de um pequeno esforço meu, é certo: mas, directamente vem de teus braços e de teus compatriotas. Tu e bem assim alguns desses estaes bem velhos, e é justo que descanses. Deve isto começar por ti que és o mais edoso de todos. Eu não quero, nem tu precisas te matar mais. O que possuo chega-me bastante e a ti tambem. Quero te ver sempre aqui, sentadinho, sem te preocupares de mais nada. É teu tudo o que vês. Que te falta? Entendeste?

— Nhô sim, sinhô. Néela véio stá sicutano – respondeu Pae João com os olhos rasos de lagrimas e o coração a transbordar de agradecimentos.

Mas, Pae João, africano distincto, estava tão identificado com o trabalho, tinha-lhe tanto amor, que, privar-se delle, estar parado, seria o maior dos supplicios. Não! Não se acostumaria jamais, ainda se achava forte.

Pelo que, todos os dias, invariavelmente, depois do almoço, e algumas vezes antes, tomava do machado e seguia para os lenhaes.

Voltando com o feixinho cuidadosamente rachado de lenha boa, descansava, comia alguma coisa e desaparecia. Só á tardinha, arrastando-se, um pouco curvado, entrava em casa. E assim era sempre. Navarro, solícito, falava, e brandamente ralhava com elle pelo excesso. Ao que respondia com uma supplica:

— Sinhô, dêxa sua Néela véio!...

Mas, Navarro insistia, prohibindo-lhe terminantemente ir á lenha.

— Não! Não quero ver mais isto. Pode acontecer-te qualquer coisa por esse matto afóra. Não ha necessidade de apanhares lenha. Outros que façam esse serviço.

— Eh! Yoyô, dêxa sua Néela veio calegá lá sua lenha.

— Não pôde, não! já disse. Tu não aguentas contigo mesmo, que farás com lenhas! Não te quero ver mais com este serviço!

E pae João, apaixonado, obedecia; mas, dada a hora do costume, apanhava o machado, amolava-o, e seguia pela estrada, até onde alcançasse ver a floresta virgem, ao longe alta, verde e majestosa. Parava em algum ponto, mirava horas inteiras aquellas brenhas silensiosas, cheias de sol e de um azul brumoso, beijando a infinita cupula do céu. E recolhia-se depois á casa, de onde também desaparecia para chegar à tardinha, hora certa, invariavel. Navarro, vigilante, notava-lhe os passos e quizera saber qual e por que a ausência do africano.

Chamando um dos escravos – o Paulino *Cariry* – quasi segredou-lhe:

— *Cariry*, você sabe aonde vae todos os dias o Pae João, que sae pela manhã e à tarde, pouco antes do sol posto?

— Nhôr não! yoyô! Tomem vejo, mas, não seio.

— Pois então, siga-o sem que elle o presinta, observe bem o que anda fazendo e venha dizer-me. Não quero que alguém saiba disto que lhe mando.

— Nhôr sim!

Era um madrugador, o Pae João, ao romper do sol, já elle se achava sentado em um cepo, ao lado do terreiro, encostado á senzalla, gozando do raio manso e confortador da matutina luz. Nesse dia, depois de ligeira refeição, tomára do seu machado e partira, seguido de *Cariry*, conforme a ordem do seu senhor.

Plena primavera!

Batateiras silvestres, enredando-se pelos arbustos e arvores da catanduba, em cordoalha estendiam-se, cobrindo todo o mattagal de uma toalha de roseas flores, frescamente abertas. Gotejava o orvalho das ramagens num perfume delicioso deervas agrestes e aromáticas dos caminhos.

Varando o ermo, qual uma cobra a collear, lá se ia a estrada larga, vermelha, poeirenta e erma, sertão além, trilhada, áquella hora, apenas pelas pegadas de guachinins – pegadas semelhantes as de creanças – andejas pelas roçadas, ou os rastilhos das juritys, que iam adante, e não se espantavam mais, quando Pae João passava, voando de quando em quando, gemendo e catando o grãozinho de arroz, ou outro cereal que caira de vespera dos cargueiros transeuntes. E lá se ia o octogenario no seu passo tardo. Longe, muito alem... a penumbra dos lenhaes.

Elle caminhara bastante. O sol ia subindo com seus raios quentes. Já o suor escorria-lhe do rosto e por todo o corpo. Cansado, encostara-se á uma sambahyba da margem do caminho, e apoiando-se ao cabo do machado,

derreihado de hombro ao chão. Nesse duro e santo instrumento, qual um macio seio consolador, encostara o rosto de azeviche, por alguns instantes, passando a suspirar.

Fios de lagrimas rolaram, escorrendo por esse cabo até á terra, molhando-a. Reanimando-se, tomara o meio da estrada, onde parado, murmurara palavras inintelligiveis: e, como que em despedida levantando o braço num acenar constante de quem parte.

Na quadra rustica da paizagem dir-se-ia, ao longe, um duende em saltos, evadido da catanduba, ou a um velho tronco agreste devorado pelos derradeiros incêndios das queimadas.

Guardando conveniente distancia, *Cariry* não perdia um gesto só do africano. Pae João voltava à casa.

Depois da refeição e algum tempo de novo descanso, elle se esgueirára para os lados da ermida de São Caetano, pouco distante, ao cair da tarde.

No templo furtivamente entrara por um boraco praticado na parede pelo lamber constante do gado, durante annos. Quando *Cariry* ali chegara com as mesmas precauções, já o velho se achava lá dentro, ajoelhado aos degráos do altar-mor, orando e falando em prantos.

Ouvindo soluços, o enviado espião fez esforços e pôde ficar de mui perto.

Uma prece ante a imagem do padroeiro:

— Sea Catana, oia Pae Juan aqui. Sea Catana! Pae Juan stá pra more, Sea Catana! Tem dó de sua néela veio! Sea Catana!...

E rompendo em prantos repassados de amargura, batia no peito com uma humildade tão piedosa, que a nave divinamente repetia a prece, reboando, como num salmo penitencial, mysteriosamente cantado. E a chorar, renovando

estes curtos colloquios de piedade, de amor e confiança, dali se retirara, quando a ultima flecha de luz, dourada da tardinha, penetrando pelos oculos da ermida, derramava lá por dentro, silenciosamente, um clarão doce e vago, annunciando a noite a romper do altar-mór, velando a imagem muda de São Caetano.

Ora, o *Cariry*, moleque zombeteiro, e muito semvergonha, achara o ridiculo na oração santa do pobre velho, rindo-se como um perdido, inda a dar conta a seu senhor da sua incumbencia, tudo repetindo, até os gestos.

Navarro, constrictado, chorara, assim ouvira a narração.

— Não te rias, *Cariry*! Sê mais humano, e, silencio sobre isto. Não o sigas mais: deixa-o fazer agora o que elle quizer ou desejar.

E assim succedeu por muito tempo, todos os dias, sem interrupção, pela manhã e à tarde, emquanto Pae João tivera forças para andar. Quando essas se acabaram, elle se arrastava da senzalla até o terreiro para olhar os lenhaes da grande selva azul e fumarenta na bruma e as resteadas de ouro vagorosamente morrendo á tarde nas paredes brancas da ermida ao longe. Não soffria molestias graves ou visiveis pelo corpo alquebrado. Era a matéria frágil que o abandonava num definhamento progressivo. Um dia, Navarro, levantando-se, com escuro, abrira a janella do seu quarto para os lados da floresta.

A estrella d'alva, muito bella, numa formosura celeste e gloriosa, procedia o clarão da madrugada. Tempo de verão. Vinha de fora um suavissimo perfume de flores e de plantas.

Que manhã deliciosa! murmurou elle. Rosa, jasmin, cravo, baunilha, flores de laranjeira, alfavacas, betonicas, hervas camphorinas, bogarys: que perfume esquisito! Que suavidade, que maravilha, meu Deus! Nunca respirei ares tão cheirosos assim! Mas, o tempo é bem improprio para essas flores que não possuimos aqui!

E com alvoroço acordara a esposa, e ambos á janella, admirados e como que em extase.

— Estás sentindo? – perguntou Navarro.

— Estou sentindo? Não! Estou sem entender de onde vem tanto perfume que por aqui não existe. Que será isto, Navarro?

Houve um curto silencio.

Toda a casa a transbordar, então, daquella onda da natureza!

Rosada aurora tingia o oriente e os grandes nevoeiros amontoados nos confins dos montes.

Bateram á porta do quarto.

Uma escrava.

— Que é, Maria?

— Meu sinhô, Pae João morreu!

— Como, Maria? Agora mesmo?

— Não, yoyô! Amanheceu morto lá na senzalla. Vancê venha vê uma coisa!...

— Que há?

Já não teve resposta.

Navarro e a senhora correram á senzalla.

Na verdade, ali immovel, estirado na sua enxerga, estava o cadáver de Pae João e d'elle exhalando aquelle miraculoso e suave cheiro de flores desconhecidas.

Adivinhava-se a presença de um mysterio divinal, tendo impressa a belleza celeste de quem morre em paz, feliz, tendo as fascinações da bemaventurança.

Sepultara-o o seu senhor naquella mesma ermida, santificada até hoje pela imagem de São Caetano.

UM MILAGRE¹⁰

Em 1896, o vapor “Mata Machado”, deixando a recebedoria do Jacaré, hoje Itacaramby, no São Francisco, zarpara cedo em demanda de Januaria, dez leguas rio acima. Crescida a tripulação; e, para as fastidiosas leguas em um vapor bastante carregado, animadas palestras e divertimentos de bordo, tanto na primeira classe como na segunda. Entre os de primeira embarcara-se no porto da Recebedoria o viajante Abilio de Andrade Faria.

Era casado. Deixando sua mulher no Jacaré, tomara uma filhinha de nome Alice, de oito annos, e partira em visita a seus parentes e á sua velha mãe, em Januaria, onde deveria chegar nesse mesmo dia.

Viagem alegre e rumorosa, vozerio de mais de trezentos passageiros da segunda classe, todos em promiscuidade, com seus sotaques serrados, cantantes, estalados uns, ligeiros outros, de homens, mulheres e creanças em demanda da illusoria *Chanaan* – São Paulo – lá bem distante.

No borborinho desses retirantes, todos dos sertões do Norte, ouviam-se os “xém-xerenxim xemxém-xerexino” melódiosos de uma sanfona, acompanhados de um estrondoso violão, soletrando as chulas, modinhas e sambas, traduzindo as saudades dos lares que ficavam. Um instante de interrupção. O almoço das nove para dez horas terminara ás onze e meia.

Caia um sol de fogo nas formosas aguas e um calor senegalesco entorpecia os tripulantes. Meio dia! Na primeira classe uns jogavam, outros discutiam, estes dormiam, aqueles bocejavam somnolentos, cochilando no convés. Na segunda, do mesmo modo; e por não haver beliches varios bebiam,

¹⁰ Nota dos organizadores: texto originalmente publicado na Revista *Noite Illustrada* – Rio de janeiro/RJ. Edição de 02 de julho de 1936. Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021). Mantivemos a grafia vigente á época.

curtindo, cada qual á sua moda e como podiam, estirados em rêdes, esteiras e malas, o torpor dessa hora tropical.

Em cima, Abilio Faria, arredio de todo o divertimento, após o almoço, tomando a filhinha pelo braço, calado, encerra-se no seu beliche. Ninguém isto notara. Nenhum pressentimento, até então, denunciara o estado em que se achava Faria, nem mesmo de sua presença jámais se cogitara. De *sympathica physionomia* e estatura regular, moreno, porte altivo, olhar intelligente e de um natural expansivo, contava este rapaz os seus vinte e dois annos, mais ou menos. Filiado á seita espirita, bem pouco tempo havia que enlouquecera; porém, submettido a um tratamento cuidadoso, melhorara muito, quasi se restabelecera; e, ou fosse effeito do mal adquirido, ou outra qualquer circumstancia, é certo que não mais lhe voltara o animo jovial de seus bellos dias de mocidade.

Era um verdadeiro misanthropo no momento em que embarcara para Januaria.

Viagem a bordo!

Como é confortável o progresso. O vapor, esse gigante de ferro e aço, força e velocidade, galopava, empolgando o dorso do seu rival, rumo sul, encurtando distancias e sacudindo a solidão secular da selva virgem com esse cansaço e silvos através das longas margens. Horizontes sobre horizontes se desdobravam. Verdejantes ilhas emergiam do seio das aguas, defrontavam-se e desapareciam com seus mantos de relva, estendidos nos dourados areaes da grande rio brasileiro. E lá se ia o “Matta”, resfolegando, a cortar as aguas, deixando após uma tortuosa e larga esteira de espumas, indicadoras do profundo

canal, ora costeando á direita, ora á esquerda, conforme a situação das ilhas e pontaes.

Pouco mais de meio-dia!

Insupportavel o calor e um silencio obrigado por uma especie de embriaguez geral. O vapor acabava de voltar um comprido banco de areia, e nessa esplendida e bella paragem destampavam-se para o sul os azullados serros das separadas margens de profundos horizontes. O Maia, machinista, velho gordo e bonancheirão, de oculos ao nariz e escorrendo suor, polia um aparelho em sua officina; e, sempre vigilante, cuidadosamente, de vez em quando, inspeccionava, deixando aquelle serviço, os diversos outros, se funcionavam bem.

Depois, como um empregado que, cumprido o seu dever conscientemente, sente-se satisfeito, caira em vagos e deliciosos pensamentos, olhando distraidamente a margem extrema da direita.

Quasi não estava em si, quando de repente alguma coisa de anormal passara ante seus olhos, atirada da primeira classe para dentro do rio, num grande baque nas aguas. Maia soffreu enorme choque e correra a ver o que seria. Impossivel! O que era desaparecia sob as ondas. Sómente elle áquella hora testemunhara o facto. Os marinheiros, uns occupados, outros indifferentes, conversando ou cochilando, não haviam prestado attenção. Maia hesitava em acreditar, tão consternado estava.

Não! Não era! Seria antes uma illusão. Illusão! Antes fosse!

De um salto ganhou o beliche, tomou o binoculo e, sem perda de tempo, assestou-o para as aguas. Quasi caiu horrorizado! Uma creança nua, passando junto á grande roda do vapor e impellida pela força das águas, descia e subia de onda em onda, desaparecendo além!...

Dado o signal de alarma, o velho machinista voou á primeira classe, bradando consternado:

— Senhor commandante, um dos passageiros da primeira classe acaba de atirar ás águas uma creança!

E, passando-lhe o binoculo, indicou a direção.

Na verdade, Maia – confirmou o commandante – uma creança ainda vae ali. Meu Deus! Que horror! Senhor Bom Jesus da Lapa! De quem é a creança? Quem é esse criminoso, esse malvado?

— Não sei! Vamos ver se salvamos a creança, commandante.

— Ah! Isto agora é impossivel, Maia! No meio do rio, nessas ondas altas do vapor!...

— Tentemos e a toda pressa.

E os dois desceram de carreira á segunda classe onde o clamor geral já se avolumava.

— Cem mil réis! Gritou o commandante, ao marinheiro que salvar aquella creança! E, ás suas ordens, o vapor, amortecia a vertiginosa carreira a pouco e pouco: bordejando, parara.

— Senhor Bom Jesus da Lapa! Salvae a creança!

Tal a prece geral e gritos de afflicção e dor que se ouviam.

E cada qual, procurando distinguil-a ao longe na superficie alterada, exclamava na maior consternação:

— É impossível! Afundou-se! Está perdida!

— Esta salva! Ecoara uma voz, saindo de um dos beliches.

Era Abilio. A indignação não se fez esperar em alguns aos brados de “lincha”! Contiveram-se, todavia. Perguntaram-lhe o que fôra aquillo e por que commetera semelhante desumanidade?

— Não tem nada! Ella não morrerá! – disse Faria, num gargalhar esfarrapado. Fiz isto, por ordem de Santa Cecilia, para salvar a alma de meu pae.

A revolta, muito justa dos passageiros, ao ouvir isto, desde logo converteu-se em profunda piedade.

— Frutos do espiritismo! – bradaram muitos.

Na verdade, falava um louco; e só então em seu rosto estampavam-se os terriveis signaes de um irresponsavel. Nesse ínterim, um marinheiro, arriando ás pressas o bote de bordo, de ha muito dobrara o remo, rio abaixo, porém, desesperançado. Além, muito avançado, nas pressurosas nesgas dessas orlas das ondas, illuminadas do sol a descambar para a tarde, parecia que algum informe rapido se insinuava. Illusão, querida imagem sem duvida, mandando afagar uma esperança.

Preces e ex-votos partiam de todos os corações numa cruciante ansiedade.

— Senhor Bom Jesus da Lapa! Senhor Bom Jesus da Lapa! Virgem Santissima, salvae-a! Salvae-a!

E barco e marinheiro desciam... desciam em busca do impossível: porquanto, a distancia do logar da catastrophe tornara o perigo inevitavel.

Se providencias mais decisivas, e, a tempo chegassem... bem talvez!...

Indescriptivel dasassocego!

Um vento forte caía do sul. Nem um ceutil de duvida restava mais. O marinheiro, que a principio remava de pé, sentara-se ao piloto. As ondas estavam ainda muito fortes. Suppuzeram ter elle encontrado a creança e gritaram com força:

— Achou?

Nenhuma resposta. Continuava elle a remar e a descer com precaução e diligencia, ora apparecendo, ora sumindo-se nesse revolto e trágico tumulto das águas. O desespero angustiava os espíritos e o louco repetia:

— Não tem nada! Ella não tem nada, não morrerá. Será salva! Foi Santa Cecilia! Foi Santa Cecilia! Se fia isto, foi ordem della.

Mas, ninguém lhe prestou mais attenção. Soavam clamores piedosos ao Bom Jesus da Lapa ainda, quando viram o arrojado marinheiro parar repentinamente o bote, levantar-se do piloto, curvar sobre o rio e delle retirar qualquer objecto que, pela posição, não pudera ser bem apreciado pelo binoculo em mão do commandante, preocupadissimo com o facto.

— Maia, disse elle, parece que o marinheiro baixou acolá... terá encontrado, por ventura, a creança?

Maia, tomando o binoculo, sondou.

Nesse instante, o marinheiro despiu a blusa e, em seguida, dobrando-a ou atirando-a para o fundo do bote, empunhou o remo, buscando a margem próxima da direita, aonde pouco mais de vinte minutos chegara, subindo, em busca do vapor.

Temores e desenganos! Quasi dois kilometros!

— Parece que o marinheiro encontrou a menina! – diziam uns, mas não affirmavam.

— Não! Achou o que? Não se está enxergando claro que isto é impossível? Ui! Aqui só Deus! Se tivesse achado, o marinheiro já teria avisado – diziam outros.

— Também, ainda está tão longe...

— Eh! Lá isto está...

E calavam-se.

Sem cessar repetiam-se as perguntas, assim que o marinheiro mais se aproximava.

— Achou?

— Achei! – foi a resposta, assim que foi possível ser distintamente ouvida.

Á esta venturosa affirmativa, seguiu-se outra:

— Está viva ou morta?

— Viva!

Ora, imagine-se o reboiço estupendo dessa tripulação, presa por algumas horas ás bordas de um tremendo e consternador desenlace, ao receber tão commovedoras e alviçareiras palavras. E o bote avançava. Todos os olhares para elle convergiam, como se o quizessem absorver. O commandante, tomando todas as precauções que o caso requeria, chamou dois reforçados marinheiros e os poz de guarda ao pé de Faria: sua presença seria um desastre. Convidou, depois, todos os tripulantes da primeira classe a descerem até à segunda para esperar o bote e ajudarem a fazer uma recepção condigna à creança salva, testemunhando o miraculoso quadro. Já perto, notaram todos que o marinheiro,

apesar de alegre e victorioso, vinha chorando. Atracado o bote, loura cabecinha de creança, envolta na blusa do marinheiro, levantou-se de um improvisado travesseiro de taboas e num olhar de innocencia, envolvendo aquella multidão, parecia procurar alguém.

Numa voz cansadinha, leve e suave, como um terno vagido, murmurara:

— Papae!...

Ah! ninguem resistira. Muitas lagrimas daquillo que não se exprime, não se define, nem se esquece jámais corriam de todas as faces. O marinheiro tomou-a, então, nos braços, passando-a aos do commandante, que, de joelhos, recebera também em pranto aquelle anjo, exclamando:

— Milagre! Oh! Milagre, minha filhinha! Viva Deus! Viva o Senhor Bom Jesus da Lapa! Via Nossa Senhora, Maria Santissima!

E de toda a tripulação rompeu o entusiasmo daquella exclamação.

— Viva! Viva!

La em cima, na primeira classe, gritava o louco:

— Ella não morrerá! Foi Santa Cecilia! Santa Cecilia! Ella mandou! Mandou mesmo!...

Algumas senhoras piedosas trouxeram umas roupinhas, vestiram a creança, levando-a o commandante para o seu beliche, depois de gratificar o marinheiro.

Ha triumphos que estão abaixo, muito abaixo do inconcebivel, e tecem a gloria do mundo: outros, porém, abrangem plenitudes infinitas, sobem tão alto, que se perdem nos esplendores de immortalidade; taes os da fé christã. Estrondosas também foram as acclamações ao salvador dessa creança. No auge

dessa alegria, ao alcance de cada qual, ninguém se negou a dar ao nobre marinheiro uma recompensa modica pela arrojada e feliz empresa.

Contara elle. No momento em que encontrara a creança, sem se afundar, impellida violentamente de onda em onda, formadas pelo rastilho do vapor no meio do canal, deitadinha de costas, como se em macio leito, Ella suavemente descia: e ao retiral-a do abysmo foram estas as suas primeiras palavras:

— Minha camisa! Quero papae!

Com effeito, a loucura do pae mandara despir a pobrezinha. E, coisa admirável! Apesar de ter andado toda aquella distancia, nenhuma agua absorvera. Para que o pae não mais ousasse, dobrou-se a vigilância: e, acalmadas as emoções, o zeloso commandante mandou lavrar uma acta no livro de bordo sobre o memoravel acontecimento, muito commentado até hoje em todo o rio São Francisco. Assignada pela tripulação, foi a mesma devidamente apresentada ás autoridades de Januaria, assim que ali chegaram naquelle mesmo dia. Divulgada a noticia pela cidade, vimos contemplando, com pasmo, essa menina de oito annos, acompanhada de uma procissão de creanças do mesmo tamanho, da mesma idade, e por alguns dias, pelas ruas, de porta em porta, alegres, em festas, como um testemunho das maravilhas da Providencia Divina, facto essa ainda maior e mais solenne que o de Moysés pela fatalidade.

Abílio Faria, a quem quizeram processar por esse crime, no dia seguinte causava lastima a todos quantos iam visital-o na residência de sua mãe, onde se achava preso, forcejando por despedaçar, furiosamente gritando, uma comprida e grossa corrente de ferro, encravada num esteio da casa.

Loucura extraordinaria e de penoso accesso. Melhorando, soube do occorrido, chorara amargamente: e, entrando em profunda tristeza, ausentara-se imprevistamente para a capital da Bahia, ali assentando praça na policia.

Oito annos mais tarde fallecia fulminado por uma congestão cerebral, no momento em que, após o jantar, escrevia uma carta para a sua mulher.

Em 1902, numa viagem de Januaria á cidade de São Francisco, dezoito léguas acima a bordo do “Matta Machado”, relatando-me aquelle episodio, dizia, confirmando, o fiscal da Viação, major Trajano de Lacerda:

— Um verdadeiro milagre! O marinheiro que salvou a creança está a bordo. Querendo vel-o agora mesmo, é só descer á segunda classe.

E, prosseguindo, consternado ainda:

— Grande Deus é o Senhor Bom Jesus da Lapa! Não chegaremos hoje a São Francisco: portanto, irão alguns dos senhores dormir no mesmo beliche donde Ella foi atirada ao rio pela janella. E, diga-me mais um dos senhores que moram em Januaria:

— Que é feito dessa menina?

— Morreu, major!

— Morreu?!...

— Sim! Justamente no dia em que se completava um anno desse memoravel successo.

— Com effeito! Morreu de que?

— De febre palustre.

Neste momento o relógio de bordo soava, advertindo-nos:

— Dez horas da noite!

Fino e branco manto de luar caía do infinito azul do céu sem nuvens e estendi-se no espelho fluctuante das águas viajoras. De um lado e de outro, como uma visão fantástica, escuras massas distantes das ribas e das florestas iam vagarosamente passando, ao cansaço devorante de léguas do “Matta Machado”, cortando sem dormir as bravias correntezas do canal.

O CÃO DO PESCADOR¹¹

Estamos em 1910 e ha uns bons vinte annos morava no lugar denominado – Cascalho – tres leguas acima de São Romão, o pescador Cyrillo. Cuidava ele de uma pequena lavoura, ao mesmo tempo que pescava, aproveitando os grandes cardumes de surubys, por que era apaixonado.

A roça era-lhe em todo caso, seu maior esteio; sustentando a pequena prole – mulher e um filho menor. Entre os visinhos era muito estimado e sabia corresponder em tal assumpto com invejavel lisura. Nessas paragens de pequenos e rasos recursos, o único que transparece á vista é o do trabalho duro e raramente mutuo.

La de vez em quando os lavradores ajudam-se uns aos outros, qual no systema – mutirão – conhecido em outras partes. E o que succede para os roçados, effectuara-se no preparo de uma pescaria de rendimentos mais ou menos vultuosos.

E, como dissemos vinte anos ha que succedera o caso que vamos referir. Os vasanteiros haviam perdido as roças desse anno de 1910, absorvidas pelas cheias periódicas eles procuravam agora as caatingas altas. E la se iam solidários na faina diária ora aqui ora alem, no arroteamento da terra incorporados – num dia para fulano outro para beltrano. Chegára a vez do roçado do Cyrillo. Cyrillo correra ao commercio vizinho, levando uma bôa carga de peixe secco, com cuja venda arranjàra as provisões necessarias. O pessoal que deveria ajudal-o estava a porta e o dia marcado – dia alegre e de alegre camaradagem.

De vespera a esposa do Cyrillo tomára de empréstimo pelos visinhos uma alentada panella de barro para a feijoada, emquanto, marido, avisando os

¹¹ Nota dos organizadores: manuscrito inédito do autor, transcrito de seu acervo pessoal. Pesquisa documental de Ramiro Esdras (2021).

collegas, apressava-se para madrugar no serviço, acompanhado de seu grande cão de guarda, o feroz Trote. Cahia a noite quando chegára á casa.

Casa! Era uma choupana coberta de cascas de pão d'arco medindo uns seis metros de comprido e quatro de largo, sem portas ao fundo e na frente, sem salas no interior com a entrada e a sahida tampadas com couro crú de capivara. A sala de recepção, quando possível, era a sombra fresca e espessa do joazeiro da porta, onde viam-se estendidos os utensílios de pesca: linhas de algodão, uma tarrafa de fibras de carná, uma foice, um machado, uma enxada, um facão, físgos, fechadas, pindas e o remo; tudo isto enforquilhado e bem seguro pelo tronco e galhas da frondosa e hospitaleira arvore. Os aposentos internos mal cabiam a família e a dispensa. O Trote em todo o tempo ficava de fora pelo terreiro. A cozinha – um appendice de páo a pique encostado do lado do oitão, também coberto de casca e um giráo onde se acomodavam as combucas, as gamelas e colheres de páo. Embaixo do giráo, saiam forquilhas de aroeira – três ganchos – onde descansava o bojudo pote dagua tampado com uma cuia areiada e o copo esmaltado ao lado, num prego.

O Cyrillo chegára palavroso cheirando á pinga e contando com prazer a esposa os projectos esperançosos da futura caça e até das colheitas fartas, com o auxilio dos collegas que deveriam em turnos chegar muito cedo, antes do romper da aurora.

E indagava de Sinh'Anna:

— Perparou você já a féjoada?

— É d'hoje que stá no fogo!

— Botô bem toicim?

— Puis!

— Bem carne?

— Puis!

— Bem állo?

— Fartô!

— Spais, muito qui bens! Deite a ceia que percisamos drumi mais cedo pra levantá de madrugada, que os menino nam manca.

E Anna foi servir a ceia num prato grande de barro. Acompanha-se a ceia de peixe secco, abóbora e pirão de farinha de mandioca. E comiam ambos muito contentes. Trote, sentindo o cheiro do manjar e varado de jejuns, magro esquelético de penúrias viera para a porta, e sentando-se nas patas olhava os capitães, bolas grossas machucadas na mão que a Sinh'Anna metia na boca; as sacodidas e valentes garfadas de Cyrillo no avolumado prato e as gostosas boccadas que seus amos engoliam e elle sem uma lembrança siquer, engolindo também agua... babando.

Com uma fatalidade... dessas que descem d'alma... Anna atira para os lados da porta um feixe de espinhas chupadas, cahindo pouco no chão, pois, o Trote dextramente apanhára no ar aquelle delicioso presente e estalava-o com ruído nos seus dentes fortes, o que encommodava logo ao Cyrillo, ralhando com a boca entupida: quase engasgando-se:

— Sahe pra fora, cachorro! Va caçá, severgonho!

E não achando um pedaço de páo, atirou-lhe com isto um torrão calcinado. O Trote sumiu-se, gannindo alto de dor, ganhando o terreiro.

— Tomém, seu Cyrillo, a caveira come, ele não come tem quantos dia! Coitadim!

— Qui come nem não come nem pêra come. Sinh'Anna! Cachorro mata caça que hai muita por ahi neste matto. Tomára mais comida, mais não pra cachorro! Desculpou-se o Cyrillo.

Para rematar a conversa, Anna julgou mais acertado levantar-se e ir atizar fogo á feijoada que desde as Ave-Marias preparava. Destampando a panella essa como que falava, maravilhosamente cheirando. Tomando a colher de páo revolvera o conteúdo até o fundo para não pregar nem queimar. Provando o caldo achou-o delicioso e não tardaria engrossar. E ativou mais o fogo. Arrumando os trem da cozinha, retirou-se, indo preparar o leito de varas enquanto o Cyrillo de pança esticada e açude repleto espreguiçava-se no terreiro, esbugalhando os olhos e escancarando a boca para as estrellas num Ai, ai, ô! Comprido, de mãos cruzadas na nunca. Tinha somno. Uma hora depois rimava um longo silêncio, interrompido algumas vezes pelo roncar do Cyrillo. Pela meia noite cahia um vento bastante frio e os tições da cozinha queimavam na lenha fôfa – lenha ruim – apagando-se pouco a pouco as brasas na cinza abundante e leve.

A panella cessára de ferver; mas, por entre os furos do teto também de barro a feijoada tresandava num odor apetitoso que de todo o fogo não se apagara. Pela madrugada um sereno muito forte pingava das mattas, da folhagem do joazeiro e das cascas da cafua. Os gallos da redondeza respondiam uns aos outros saudando os primeiros clarões do dia e a passarada acordando espavorida, gorjeava na floresta. A natureza despertava do seu somno e as aguas do São Francisco saham da madorra da noite, colorindo-se de tintas róseas de nuvens paradas além na immensidão azul.

Vozes na floresta! Eram os vasanteiros que madrugavam rumo ao rancho do Cyrillo. Trote ressonava profundo sem pressentil-os. Cyrillo acordou e as pressas se vestira para receber os amigos. Com efeito, eram elles mesmos e alegres os cumprimentos:

— Bom dia! Bom dia! Que frio! Cahiu geada! Anna também se levantára e lembrando imediatamente da feijoada correra á cozinha.

— Seu Cyrillo! Gritára ella aflicta.

— Que é?

— Vem cá!

Cyrillo pedira licença aos companheiros e accodira ao chamado.

— Que hai?!

— Que hai?! Forte miséra, forte miséra! E afastou, quasi chorando a panella limpa, escovadinha que dava gosto.

Cyrillo não acreditava no que vira.

— Ha. Cachorro desgraçado! Bradou brutalmente irado, engolindo uma saliva de ódio, gaguejando uma praga:

— Dêxas'tá tu, diabo, que tu me paga. Trote! Trote! Berrava ele chamando o cão.

Trote, com o alvoroço daquela gente chegando e muito empanturrado não se mexia do terreiro, tão pezado estava. Ouvindo a voz furiosa do Cyrillo, desconfiado escapuliu-se no matto.

— Agora, seu Cyrillo que qui nós fais?

— Agora? Agora é você arranjar uma outra coisa, apois nós bamo-nos embora e so mei'dia é que retorno da vorta. Nos dê cafe.

Anna cuidou logo do café e do arranjo de outro almoço. Enquanto isto, os vasanteiros divertiram-se sobre o caso e riram-se muito do desapontamento do Trote, desculpando-se aquillo era muito natural e cada qual palestrando contará um caso analogo. Mas o Cyrillo amuára, não se dando por satisfeito. Servido o café e tomado alguns goles da bôa pinga, para sacudir o frio, seguiram todos para a derrubada, alegremente atacando o serviço. Ao meio dia, a chamado de Anna, arriaram os instrumentos para um gostoso quitute cuidadosamente preparado e summariamente devorado com bôa disposição. Se volta ao trabalho e

só a tardinha esse fica terminado. Combinaram por isto um intervallo de dias para recommear. O tempo frio melhorara um pouco e dever-se-ia aproveitá-lo para uma bôa pescaria que infalivelmente começaria com excellentes resultados.

Num desses dias de relativa calma, ao amanhecer, Cyrillo levantou-se. Arrumando os petrechos de pesca chamou o Trote e partio. Chegando á beira do Rio apanhou um bloco de canga. Nelle segurou o Trote amarrado com uma corda de caruá, transportou-a para sua canôa remando depois para a outra banda. No momento em que chegava no canal parou o remo e enquanto a canôa descia elle tomara a canga atirando-a para o fundo com o Trote. O pobre cão, apesar do esforço imposto para salvar-se fora fatalmente arrastado ao abysmo, desaparecendo para sempre.

Vinga-se o Cyrillo.

Depois desse acto de “bravura” com o maior sangue frio, seguiu para os seus companheiros conforme tracto e, prazenteiro, como se houvera praticado a mais leve das acções. Todos os pescadores nesse dia fizeram uma excelente colheita. Nem um só que não arrancasse das entranhas das aguas a sua suruby; e entre os demais o Cyrillo que colhera um bom número delas; não obstante estava elle de cabeça iscada e já ao alcance da mão com uma suruby monstro quasi nunca vista nessas aguas.

E, perdida. Perdida a grande caça, jurára de novo pescal-a.

Voltando depois ao remanso, iscas preparadas fez-se ao largo começando a terrenar com os companheiros. De fato não tardára muito encontrar no mesmo caminho o que tanto desejava e desta vez fisga-o muito bem fisgado. E a lucta começara. A linha farta e toda extendida no arremesso de um touro bravo aguas abaixo numa fúria tremenda, desesperada. Elle, hábil remador, adestrado governava com mão firme, sustentando triumphante o duelo.

A canôa rodava.

Tentando vencer o bicho pelo cansaço o Cyrillo ora largava ora colhia a linha, seguindo as peripécias da lucta, até que por fim pareceu esmorecer o titã ao pé de um profundo banco de areia. Os outros pescadores viam invejosos, com agua na boca o triumpho esplendido do collega e de longe assistiam extacticos, parados aguardando o desfecho, quando repentinamente ouviram um grande estrondo n'agua, um como tiro de canhão.

Mais nada.

Uma canôa emborcada sem o Cyrillo que desaparecia para sempre, no mesmo logar onde havia de sangue frio assassinado o Trote...

UMA NOITE DE NATAL¹²

De Januaría partíramos na noite de natal de 1920 para assistir á missa do gallo no Brejo do Amparo. Pouco mais de 10 horas. Eramos quatro companheiros para essa boa legua e bem estirada. De pé e para matar o tempo uma bôa palestra amiga muitas vezes encurta o fastidio da extensão do caminho.

Sahimos da cidade e longe bastante do seu borborinho, rompendo a massa da noite escura, passamos pela baixada do Pequizeiro, em frente á casa do antigo administrador do cemitério municipal. Parámos ahi por poucos minutos. Neste ponto a estrada alarga-se bem, e notamos estar a mesma um pouco mais clara. Com a aglomeração de areias lavadas do inverno, esta foi acumulada na baixa pelo desmoronamento das terras altas e a refração da luz dos astros, que incidiram sobre esse trecho da estrada, iluminava-a. Assim prosseguindo, nada nos preocupára em nossa viagem que por um instante interrompida, continuou.

Ganhando o planalto a uns cinquenta metros mais ou menos, passámos entre os dois cemiterios da cidade, este destacado perfilamento na escuridão. Momentos depois, deixando-os, penetramos na região da caatinga, onde mais densa tornar-se-ia uma noite hibernosa. Mas, uma surpresa nos esperava: a estrada, larga e arenosa, cada vez mais clara. Um dos companheiros reclamou atenção. Parámos todos.

— Que havia? Foi a pergunta.

— Um extraordinário phenomeno!

— Que phenomeno? Indagavam curiosos.

— Que phenomeno? Vejam bem.

¹² Nota dos organizadores: manuscrito transcrito do acervo pessoal do autor. Pesquisa documental de Ramiro Esdras Carneiro Batista (2021).

— Nada vimos, nem distinguimos.

— Comefeito! Prestem atenção.

Um momento de silêncio.

— Não compreendemos. Que há então?

— Serão cegos? A noite é sem luar. O ceo, vêjam lá, como de costume: tem os seus astros infinitamente altos, iluminando-se com dúbia claridade de suas estrelas pequeninas. Parece até que la em cima está um pouco mais escuro. Nenhuma estrella das maiores, qualquer delas, derrama sobre a terra um raio mais forte, ao menos um relativo que venha influir no caso observado. Donde, pois, esta luz admirável e extraordinária que ninguém sabe nem vê donde está partindo?

Deante da interrogação irrespondível e demandada por aquelle mysterio, a surpresa fora de esmagar, exclamando todos a hum tempo cheios de espanto:

— Na verdade! Vinhamos conversando e não tínhamos dado por fé. Que luz é esta? Donde vem? E o outro continuou ainda reflectindo:

— Nossas noites, quando sem luar, são por excellencia muito escuras; e o que agora observamos é um fato todo excepcional. Quem o poderá negar? Sois testemunhas desta maravilha. Examinai-a bem á vontade. Curvai-vos um pouco e vede o pequenino cisco do caminho e o grão de areia vermelha. Se a luz fosse das estrellas, ainda poderiam illudir-nos ou sophismar com seu brilho; mas, nesta hora, nem mais tarde nem signal nem a presença de qualquer outro corpo celeste.

E assim estivemos extacticos por algum tempo, passado no meio da estrada, contemplando a mysteriosa leveza daquela luz côm de neve no leito. Sua claridade cahia suavemente abundante sobre a floresta numa refulgência menos forte que a da lua cheia ou quarto crescente, porem quase igual. Embalde com a

vista esquadrihávamos passivamente todos os recantos do ceo limpo de nuvens. Nada! E ella ali estava: linda, esplendida, primeva, nunca vista nessa noite sem luar. Dessa hora em diante nossa conversação circunscreveu-se na mudez do ermo iluminado, e por miseraveis na nossa inteligência, aos limites do que sentíamos e respirávamos sem analisar.

Quanta cousa emanada da historia sancta para explorar-se do primeiro dia ou primeira ephoca da criação do mundo? Que consoladora reminiscencia dessa noite temerosa banhada pelo clarão dessa Estrella Oriental, profetizada e precursora do adorável Salvador! Facto único no Sertão. Jamais ouvimos falar de idêntica aparição celeste em nossas noites de Natal, ou qualquer outra.

Mas a historia se repete, como que para confirmar na fé os que se abraçam no amor de Deus, sentindo, como no primeiro instante no cantar dos cantares: “Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de bôa vontade”.

E assim fomos – toda a légua – sob a grata impressão daquele miraculoso encanto ate o Brejo do Amparo, onde chegámos ao terceiro e ultimo toque de sino para a entrada da missa do galo. Doze horas em ponto, quando entrámos na igreja e ella começava.

Apêndice

(Jornal A Luz – Edição Extra)



A LUZ

MINAS

ORGANISMO DOS INTERESSES DO POVO

BRAZIL

EXPEDIENTE:

- VIVA O POVO BRASILEIRO -
- ABAIXO O NOVO CANGAÇO -
- CADEIA PARA OS MILICIANOS -

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

SEBDOMADARIO POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E INDUSTRIAL

Redactor-Chefe: Manoel Ambrósio (in memoriam)
Editores: Ramiro Esdras Whayam & Saulo Esdras Carneiro
Gerente de Editoração: Eisenhower Duarte
Colaboradores: Mercês Ambrósio, Ros'elles Felício, Victor Santos & Pedro Pimenta Júnior

EDITORIAL

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira foi um educador januarense que viveu e produziu vasta obra histórica e literária referente a diferentes rincões do Sertão norte-mineiro, entre os anos de 1865 e 1947. Passado o sesquicentenário de nascimento de nosso querido autor e em contexto de crescente tensão política e violência armada – em alguma medida análogos ao contexto sociológico em que ele mesmo viveu – brindamos seus conterrâneos e admiradores com edição póstuma e extemporânea do jornal “Luzeiro”, editado em sua mítica Januária. Sejam todos e todas bem-vindos ao universo ambrosiano.

Ramiro Esdras - Junho de 2022

Poema

Brazil do Valle*

Quando eu partir me levem sem demora

A' covã escura daquela soledade.

Quero a flor cheirosa, a leve adormecida
As sombras estendendo o manto da
saúde.

Quero a nuvem do azul nesses arminhos
No pendor da floresta a cintillar,
Um canto da folhagem, a nevoa da
encosta

E a lua no ceo limpo doce clarear.

E la eu viverei qual vive o goivo,

Uma flor a exhalar scismando ao vento

Estella do tufão do norte ardente,

Lagrima fugaz no triste firmamento.

Nada mais; deixai-me, assim almejo.

Nenhum suspiro acorde o meo sonhar.

Nem leve movimento alveje o meo
silencio.

Nenhuma pedra na terra onde eu morar

Bem de pressa me levem; o musgo cresça

Cresçam as relvas sobre as cinzas minhas

Nos ermos more a dor; e as aves

Como a brisa sussurrem innocentinhas.

* Nota dos editores: mantivemos a grafia original. Brazil do Valle é pseudônimo costumeiramente utilizado por Manoel Ambrósio em sua atuação periodista. O poema foi publicado originalmente na edição de número 53 do Jornal A Luz, em 11 de outubro de 1903. Pesquisa documental de Ramiro Esdras Carneiro Batista (2015).

Contos Ambrosianos

O Diabo

Manoel Ambrósio*



O Joaquim da Ponte, filho da Antonia Grande de Macahubas, no distrito do Brejo do Amparo — Minas — era um rapaz desastrado, cachaceiro e muito brigão. Criado na moleza e na adulação, como filho unico, cedo ficara sem par, e assim chegara a maioridade, tomando conta do restinho do patrimonio paterno, dissipando-o a seu talante em pouco tempo.

A velha mãe amargamente se queixava do filho, dava-lhe bons conselhos, ralhava, ameaçava, por fim isto emquanto pudera.

O Ponte, sempre incorrigivel, intratavel, mácriado e malandro, logo que nada mais achou, nem teve para gastar, não mais quizera suportar a mãe, que começara a sofrer tanto do filho ao ponto de ser por ele barbaramente espancada. Enfermando-se Antonia gravemente, a conselho de pessoas de sua amizade, resolvera deixar definitivamente a companhia daquele maldito filho, indo residir ha três léguas para a casa de um seu compadre, no correr do penoso anno de 1890.

Embora trabalhador e generoso, muito pobre e de numerosa familia, esse homem, verdadeiro e raro amigo, acolhera na adversidade alegre e servical a bôa comadre, vendo-a em grande penúria, e nada poupando para um tratamento condigno à medida de suas forças.

Porém, coitado, o seu labor fatigante, por mais que quisesse, não sobrava para tantos cuidados que o estado de saúde de sua hospede requeria. Um dia lembra-se a velha Antonia de chamar

seu amigo e protector em particular.

— Meu compadre estou cada vez peor. Preciso tomar remédio seriamente. Vejo bem que o senhor é muito pobre e que somente a caridade prende-me em sua casa.

— Que tem isto, minha comadre? Será possível que a senhora queira retirar-se do nosso rancho neste estado penoso em que se acha? E mais ainda, para onde? Mesmo com a nossa pobreza, penso...

— Não senhor! atalhou Antonia. Não é disto que eu quero falar. Ando, é verdade sem meios; mas, é necessário que cada um faça seu esforço. Contemplo muito o senhor lutando. Custa-me isto bastante e entendi não dever calar-me. Resta-me ainda, dos bens deixados pelo meu marido, uma vacca que meu filho não vendeu, segundo estou informada. É bom que o compadre tome providencias para pegar e vendel-a, ou dela fazer ou dispor á vontade, com tanto que me compre alguma roupa e remedios.

— Para que semelhante sacrificio, minha comadre? Nos iremos passando com a graça de Deus sem maiores vexames.

— Agradeço-lhe muito; porém, eu quero e exijo este negocio.

— Não seria melhor que a comadre guardasse para mais logo este pequeno recurso? Ninguém sabe o futuro...

— Já refleti muito. Nada vale isto. Se ella morrer, ou meu filho lançar mão deste ultimo possuido para beber ou jogar, não dará no mesmo, não sera peor?

— Lá isto não tem que vêr; e neste caso farei o que a senhora quiser. Que ha de mais a mais é seu filho. Quando souber...

— Bem sei que será um berreiro; mas, não se importe. Lanço mão do que é meu.

Dias depois, para facilitar a venda entre vizinhos, eram repartidos os quartos de uma gorda malotagem, cuja noticia celebre chegara aos ouvidos de Joaquim da Ponte.

Esse, logo que soubera, romperá em duras invectivas contra sua mãe.

— Neste momento irei dar uma sova àquela burra velha; dissera elle aos vizinhos.

Quero e hei de saber como, sem minha ordem, mandou o sem vergonha do compadre della pegar minha vacca e sem dar-me parte. É desafio que eu, Joaquim, não comerei calado. Nunca, nunca!

Todos conheciam os disparates daquelle mão-filho. Mil coisas graves iam dar-se.

Aconselharam uns com boas razões para dissuadi-lo dos pessimos instinctos, deixando a velha empaz.

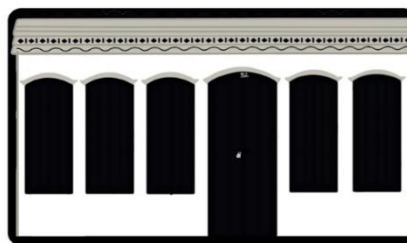
Outros apontavam-lhe as graves consequencias que poderiam resultar de qualquer imprudencia. E a todos resistira o obstinado e perverso.

Rasgando-se de ira, correa apressadamente ao campo, pegára o seu cavallo; e arreando-o metera-se a caminho por um atalho que sahia fora um pouco da estrada real, para chegar sem demora e de improvisio, onde se achava sua mãe.

Os que o haviam aconselhado, conhecendo do quanto horroroso e capaz aquelle desbragado rixoso e valentão, permaneceram em sobresalto, esperando a todo o instante noticias bem funestas.

Mas o tempo foi passando e quasi ninguem

NÓS APOIAMOS A COMPRA DO CASARÃO!



Apoie você também.
O Centro de Artesanato da região de Januária precisa do seu apoio.



mais do caso se lembrava, quando dois dias depois apparecera, pastando aqui e acolá nas mattas proximas, o cavallo arreiado do Joaquim. Immediatamente divulgado o facto, diversas pessoas reuniram-se á procura do desventurado moço.

— Alguma coisa de anormal acontecera; era a opinião geral.

E a resolução foi tomada: encontral-o de qualquer modo. Batendo a estrada real, nenhum vestigio encontraram até á casa onde se hospedava a mãe do Joaquim, que só então soubera das loucuras do filho.

Affligira-se muito a pobre senhora.

Acontecera, sem duvida, alguma desgraça no caminho. Elle ali não havia chegado.

De novo o pessoal se espalhou pelo campo e sómente depois de infructiferas pesquisas lembraram-se, então, das pegadas do cavallo e por essas ao terceiro dia foram encontrar, no meio da areia do atalho de que falamos, o Joaquim estendido, sem dar accordo de si. Suas armas — espalhadas aqúe acólá.

Estava vivo, porém.

Chamaram-no repetidas vezes.

Não respondera emal respirava.

Metteram-no em uma réde e lá se foram até sua casa.

Não apresentando ferimentos de qualquer especie, suppuzeram ser algum ataque que soffrera, violencia talvez dos mãos precedentes que o acompanhavam.

Custou muito a ser chamado á vida. Melhorado que foi, ás instantes perguntas que lhe eram dirigidas, respondera, confessando o seguinte:

— Na verdade, tinha eu partido daqui, levando, não nego, a má intenção de dar surra em minha mãe, assim a avistasse.

la tão damnado da minha vida, que deixei a estrada real e tomei atalho de que devia levar-me depressa daqui a legua e meia; a um lado do caminho, avistei de longe um individuo de quem não fiz caso algum, nem mesmo me passou pela mente qualquer coisa, sendo aquillo um caso trivial.

E seguí viagem.

Estava esse sujeito de pé, immovel, na attitude de quem esperava por alguem. Naquelle ermo somente eu avançava para o desconhecido.

Lembrava-me de alguns desaffectos meus; e para mostrar (caso apparecesse algum), que eu de ningum recuava, preparei-me; porquanto ia bemarmado.

Apertando o passo do cavallo, fui me avizinhando.

Pareceu-me logo que o desconhecido me olhava de um modo particular.

Vi bem que era um crioulo alto, feio, de má catadura, um negro, descalço e sem chapéo, ao sol ardente.

Não me importei.

Pucheí as abas do meu chapéo para a frente, a fim de observal-o á minha vontade.

Affrouxei a faca na bainha, preparei o facão, a espingarda de dois canos, aperrei a pistola para algum imprevisto e corajosamente rasguei estrada.

Seriam dez horas da manhã, mais ou menos, quando passava, fingindo-me indifferente por essa creatura, quase roçando-lhe as vestes.

Saudei-a.

E a resposta que tive foi uma chicotada na cara.

Repliquei despejando á queima-roupa, no peito, os dois tiros da pistola, sem mais tempo de usar da espingarda, que eu não soube que rumo tomara.

O negro não se importara com os tiros.

Apeei debaixo de muitas chicotadas.

Usei da faca e com desespero cravei uma punhalada certeira no coração do negro.

E taca entrando, caindo, doendo!...

Tentei feril-o por diversos modos: mas, o ferro de nada valia.

Aquelle golpe certeiro no coração que eu

cuidava infallivelmente mortal, resvalara em alguma cousa que não parecia corpo. Inútil a faca: desenganado, arremessei-a para longe.

Recuando um pouco, vali-me do facão e disse com miggo: racho-te de uma vez, negro miseravel!

E abri o braço com vontade.

Que facão, nem qual facão!

O couro entrava vigorosamente dobrado e tão ligeiro, que eu, cheio de ira, atirei a arma para um lado e tentei abordar o inimigo, agarrando-o para despedaçal-o a unhas e dentes.

E chibata a cantar na mesma toada, sem parar um instante.

— Arrazo-te, desgraçado! avançava eu.

Era a séde de morder-lhe a cara, arrancar e comer pedaços de carne, derrubar e o estrangular de uma vez com todas as forças e revolta da vingança. Enada achei, então, em que pegar.

Minhas mãos nervosamente se crispavam em uma especie de sombra que escapava sem desfazer-se.

E aquelle ser mysterioso surrava-me desapidadamente, sem dar-me mais um instante de allivio, até que tomei por terra abaixo de uma taca furiosa e cortante.

E nem sequer lembrar-me, ao menos, de que aquelle sujeito não era gente viva, deste mundo.

Quando esse pensamento me chegou, foi rapido, porque eu já pedia socorro, estirado na areia.

Mesmo assim, apanhei até perder de todo os sentidos.

— E você, então, que pensa desse individuo? perguntaram-lhe.

— Não sei!

— Nem quanto dias ficou no campo?

— Dias?... Que dia é hoje?

— Quarta-feira! Teu cavallo appareceu sem você, hontem; mas, de véras, você não sabe nem se lembra, não conhece, nunca viu esse typo que lhe bateu?

— Nada! de nada sei, sinão que comi peia por bagoço!

— E como sabes que apanhou, se seu corpo não apresenta signal algum de chicote?

— Assim é: mas, não sei explicar tambem. Não posso! A verdade é que estou muito doente, moído de taca. Não sei! Não sei! Do modo como apanhei e debalde procurei defender-me, concluo que só sendo... diabo!

* Nota dos editores: publicado originalmente na Revista Noite Illustrada, cidade do Rio de Janeiro/RJ. Edição de 04 de setembro de 1935. Pesquisa eletrônica de Victor Farias Santos (2021). Mantivemos a grafia vigente á época.



O cão do pescador

Manoel Ambrósio*



Estamos em 1910 e ha uns bons vinte annos morava no logar denominado — Cascaltho — tres leguas acima de São Romão, o pescador Cyrillo. Cuidava ele de uma pequena lavoura, ao mesmo tempo que pescava, aproveitando os grandes cardumes de sirubys, por queera apaixonado.

A roça era-lhe em todo caso, seu maior esteio; sustentando a pequena prole — mulher e um filho menor. Entre os visinhos era muito estimado e sabia corresponder em tal assumpto com inavelável lisura. Nessas paragens de pequenos e rasos recursos, o único que transparece á vista é o do trabalho duro e raramente emutuo.

La de vez em quando os lavradores ajudam-se uns aos outros, qual no systhema — mutirão — conhecido em outras partes. E o que succede para os roçados, effectuara-se no preparo de uma pescaria de rendimentos mais ou menos vultuosos.

E, como dissemos vinte annos ha que succedera o caso que vamos referir. Os vasanteiros haviam perdido as roças desse anno de 1910, absorvidas pelas cheias periódicas elles procuravam agora as caatingas altas. E la se iam solidários na faina diária ora aqui ora alem, no arroteamento da terra incorporados — num dia para fulano outro para beltrano. Chegára a vez do roçado do Cyrillo. Cyrillo correa ao commercio vizinho, levando uma boa carga de peixe secco, com cuja venda arranjava as provisões necessarias. O pessoal que deveria ajudal-o estava a porta e o dia marcado — dia alegre e de alegre camaradagem.

De vespera a esposa do Cyrillo tomára de empréstimo pelos visinhos uma alentada panella de barro para a feijoada, enquanto, marido, avisando os collegas, aressava-se para madrugal no serviço, acompanhado de seu grande cão de guarda, o feroz Trote. Cahia a noite quando chegára á casa.

Casa! Era uma choupana coberta de cascadas de pão d'arco medindo uns seis metros de comprido e quatro de largo, sem portas ao fundo e na frente, sem salas no interior com a entrada e a saída tampadas com couro cru de capivara. A sala de recepção, quando possível, era a sombra fresca e espessa do joazeiro da porta, onde viam-se estendidos os utensilios de pesca: linhas de algodão, uma tarrafa de fibras de carná, uma foice, um machado, uma enxada, um facão, fiscos, flechas, pindas e o remo; tudo isto enforquillado e bem seguro pelo tronco e galhas da frondosa e

hospitaleira arvore. Os aposentos internos mal cabiam a família e a dispensa. O Trote em todo o tempo ficava de fora pelo terreiro. A cozinha — um appendice de páo a pique encostado do lado do oitão, também coberto de casca e um girão onde se acomodavam as combucas, as gamelas e colheres de páo. Embaixo do girão, saiam forquilhas de arceira — três ganchos — onde descansava o bojudu pote d'agua tampado com uma cuiá arceada e o copo esmaltado ao lado, num prego.

O Cyrillo chegára palavroso cheirando á pinga e contando com prazer a esposa os projectos esperançosos da futura caça e até das colheitas fartas, com o auxilio dos collegas que deveriam em turnos chegar muito cedo, antes do romper da aurora. E indagava de Sinh'Anna:

— Perparou você já a feijoada?

— É d'hoje que está no fogo!

— Botó bem toicim?

— Pui!

— Bem carne?

— Pui!

— Bem alho?

— Fartó!

— Spais, muito qui bens! Deite a ceia que percisamos drumi mais cedo pra levanti de madrugada, que os menino nam manca.

E Anna foi servir a ceia num prato grande de barro. Acompanha-se a ceia de peixe secco, abóbora e pirão de farinha de mandioca. E comiam ambos muito contentes. Trote, sentindo o cheiro do manjar e varado de jejuns, magro esquelético de penurias viera para a porta, e sentando-se nas patas olhava os capitães, bolas grossas machucadas na mão que a Sinh'Anna mettia na boca; as sacodidas e valentes garfadas de Cyrillo no avolumado prato e as gostosas bocoadas que seus amos engostiam e elle sem uma lembrança sequer, engolindo tambem agua... babando.

Com uma fatalidade... dessas que descem d'alma... Anna atra para os lados da porta um feixe de espinhas chupadas, cahindo pouco no chão, pois, o Trote deitramente apanhára no ar aquelle delicioso presente e estalava o com ruido nos seus dentes fortes, o que encommodava logo ao Cyrillo, ralhando com a boca entupida:

quase engasgando-se:

— Sahe pra fora, cachorro! Va caçá, severgonho!

Enão achando um pedaço de páo, atirou-lhe com isto um torção calcinado. O Trote sumiu-se, gannindo alto de dor, ganhando o terreiro.

— Tomém, seu Cyrillo, a caveira come, ele não cometem quantos dia! Coitadim!

— Qui come nem não comem nem péra come. Sinh'Anna! Cachorro mata caça que hai muita por ahí neste matto. Tomára mais comida, mais não pra cachorro! Desculpou-seo Cyrillo.

Para rematar a conversa, Anna julgou mais acertado levantar-se e ir atijar fogo á feijoada que desde as Ave-Marias preparava. Destampando a panella essa como que falava, maravilhosamente cheirando.

Tomando a colher de páo revolvera o conteúdo até o fundo para não pregar nem queimar. Provando o caldo achou-o delicioso e não tardaria engrossar. E ativou mais o fogo. Arrumando o trem da cozinha, retirou-se, indo preparar o leite de varas enquanto o Cyrillo de pança esticada e açude repleto espreguiçava-se no terreiro, esbugalhando os olhos e escancarando a boca para as estrellas num Ai, ai, ô!

Comprido, de mãos cruzadas na nunca. Tinha sonno. Uma hora depois rimava um longo silêncio, interrompido algumas vezes pelo roncar do Cyrillo. Pela meia noite cahia um vento bastante frio e os tições da cozinha queimavam na lenha fôfa — lenha ruim — apagando-se pouco a pouco as brisas na cinza abundante e leve.

A panella cessára de ferver; mas, por entre os furos do teto também de barro a feijoadá tresandava num odor apetitoso que de todo o fogo não se apagava. Pela madrugada um sereno muito forte pingava das mattas, da folhagem do joazeiro e das cascas da cafua. Os gallos da redondeza respondiam uns aos outros saudando os primeiros claros do dia e a passareda acordando espavorida, gorgjava na floresta. A natureza despertava do seu sono e as aguas do São Francisco sahiam da madorra da noite, colorindo-se de tintas róseas de nuvens paradas além na immensidão azul.

Vozes na floresta! Eram os vasanteiros que madrugavam rumo ao rancho do Cyrillo. Trote risonava profundo sem presentil-os.

Cyrillo acordou e as pressas se vestira para receber os amigos. Com efeito, eram elles mesmos e alegres os cumprimentos:

— Bom dia! Bom dia! Quefrio! Cahiueada!

Anna também se levantára e lembrando imediatamente da feijoadá correrá a cozinha.

— Seu Cyrillo! Gritára ella afflita.

— Que é?

— Vem cá!

Cyrillo pedira licença aos companheiros e accorria ao chamado. — Que hai?

— Que hai?! Forte miséria, forte miséria! E afastou, quasi chorando a panella limpa, escovadinha que davagosto.

Cyrillo não acreditava no que vira.

— Ha. Cachorro desgraçado! Bradou brutalmente irado, engolindo uma saliva de ódio, gaguejando uma praga:

— Dexas t'á tu, diabo que tu me paga. Trote! Trote! Berrava e chamando o cão.

Trote, com o alvoroço daquella gente chegando e muito empanturrado não se mexia do terreiro, tão pezado estava. Ouvindo a voz furiosa do Cyrillo, desconfiado escapuliu-se no matto.

— Agora, seu Cyrillo que qui nós fais?

— Agora? Agora é você arrancar uma outra coiza, depois nós bamo-nos embora e so meidia é que retomo da vorta. Nos dé café.

Anna cuidou logo do café e do arranjo de outro almoço. Enquanto isto, os vasanteiros divertiram-se sobre o caso e riram-se muito do desapontamento do Trote, desculpando-se aquillo era muito natural e cada qual palestrando contará um caso analogo. Mas o Cyrillo amuára, não se dando por satisfeito. Servido o café e tomado alguns goles da boa pinga, para scudir o frio, seguiram todos para a derribada, alegremente atacando o serviço. Ao meio dia, a chamado de Anna, arriaram os instrumentos para um gostoso quitute cuidadosamente preparado e summariamente devorado com boa disposição. Se volta ao trabalho e só a tardinha esse fica terminando. Combinaram por isto um intervalo de dias para recomçar. O tempo frio melhorara um pouco e dever-se-ia aproveitar para uma boa pescaria que infalivelmente começaria com excellentes resultados.

Num desses dias de relativa calma, ao amanhecer, Cyrillo levantou-se. Arrumando os petrechos de pesca chamou o Trote e partio. Chegando á beira do Rio apanhou um bloco de canga. Nelle seguro o Trote amarrado com uma corda de caruá, transportou-a para sua canoa remando depois para a outra banda. No momento em que chegava no canal parou o remo e enquanto a canoa descia elle tomara a canga atirando-a para o fundo com o Trote. O pobre cão, apesar do esforço imposto para salvar-se fora fatalmente arrastado ao abysmo, desaparecendo para sempre. Vingou-se o Cyrillo.

Depois desse acto de "bravura" com o maior sangue frio, seguiu para os seus companheiros conforme tracto e, prazenteiro, como se houvera praticado a mais leve das acções. Todos os pescadores nesse dia fizeram uma excelente colheita. Nem um só que não arrancasse das entranhas das aguas a sua suruby; e entre os demais o Cyrillo que colhera um bom numero delas; não obstante estava elle de cabeçascaída e já ao alcance da mão com uma suruby monstro quasi nunca vistas nessas aguas.

E, perdida. Perdida a grande caça, jurára de novo pescar.

Voltando depois ao remanso, iscas preparadas fez-se ao largo começando a terrenar com os

companheiros. De fato não tardára muito encontrar no mesmo caminho o que tanto desejava e desta vez fíga-o muito bem fígado. E a lucta começara. A linha farta e toda extendida no arremesso de um touro bravo aguas abaixo numa fúria tremenda, desesperada. Elle, hábil remador, adestrado governava com mão firme, sustentando triumphante o duelo. A canoa rodava.

Tentando vencer o bicho pelo cansaço o Cyrillo ora largava ora colhia a linha, seguindo as peripécias da lucta, até que por fim pareceu esmorecer o titi ao pé de um profundo banco de areia. Os outros pescadores viam invejosos, com agua na boca o triumpho esplendido do collega e de longe assistiam exactictos, parados aguardando o desfecho, quando repentinamente ouviram um grande estrondo n'agua, um como tiro de canhão. Mais nada.

Uma canoa emborcada sem o Cyrillo que desaparecia para sempre, no mesmo logar onde havia de sangue frio assassinado o Trote...

* * Nota dos editores: manuscrito inédito do autor, transcrito de seu acervo pessoal. O Cão do Pescador é um conto não publicado encontrado em seu acervo pessoal, provavelmente produzido na última fase de sua vida, entre as décadas de 1930 e 1940. Pesquisa documental de Ramiro Esdras (2021).

Pae João

Manoel Ambrósio*



Difficilmente se reconhece hoje o antigo e prospero Curato de São Caetano do Japoré, no municipio da Villa da Manga, districto recentemente separado de Januaria, cinco léguas a dentro das margens do S. Francisco. Até o Seculo XVIII, pertencera a Pernambuco, do qual se designára pela creação da Capitania de Minas, continuando eclesiasticamente, porém, até á comarca de Paracatu e, creação do bispado de Diamantina, em 1864.

O formoso arraial teve seus dias de prosperidade. Viu bastantes gerações que dormem sob o pó e ruínas de seu antigo presbyterio, ha bem pouco tempo reformado pelo extraordinario padre belga — Conego Matriuco Gaspar, de saudosissima memoria e a quem muito deve o nosso sertão mineiro pelo zelo de suas innumeraveis obras apostolicas.

Não obstante isso, a catanduba e o carraço extenso ainda dominam um sombrio deserto, onde mal se adivinham rudes e vagas imagens de um passado sorridente, que não voltará nunca mais.

Ruas, casas, commercio, borborinhos do povo, movimento, vida, tudo transformado em silenciosas brenhas, frios e longos brejais e aqui... ali... muito esparsas, esburacadas e de triste aspecto, isoladas cabanas de pauperrimos camponezes. Outrora, nos ultimos tempos, antes um pouco de sua derrocada, ainda se viam fazendas de gado, espalhadas nesse centro de influencia e actividade e que gradualmente

peorára até á inércia da primitiva natureza.

Para mais de oitenta annos dessas recordações, intimas, breves e historicas, restavam de pé a arruinada ermida, com o seu orago e o fazendeiro Navarro — testemunho derradeiro — da velha aldeia dos confederados selvagens, derrotados por Mathias Cardoso, Januario Cardoso e Antonio Figueiras, seu fundador.

Era Navarro um dos mediocres agricultores de dez leguas daquellas cercanias do Japoré, mantendo uma posição independente, apontado como um exemplo de honestidade e de trabalho.

Nessa época de escravidão absoluta, então primava por seu espirito humanitario, caridoso em extremo, e liberal para com os miseros captivos, que o veneraram com amor, especialmente aquelles do seu dominio.

— Não tenho escravos, costumava dizer, tenho irmãos ou filhos. E disso dava prova, libertando-os de vez em quando.

Não era, porém, grande o numero dos seus captivos, entre brasileiros e africanos.

Desses ultimos, bem poucos restavam, contando-se entre elles o negro velho — Pae João — quasi tocando aos seus oitenta annos, ainda forte, mas não para os trabalhos pesados, para os quaes seu senhor havia terminantemente prohibido.

— Não, Pae João! — dissera-lhe um dia Navarro. Tudo que tenho vem de meus paes e de um pequeno esforço meu, é certo: mas, directamente vem de teus braços e de teus compatriotas. Tu e bem assim alguns desses estaes bem velhos, e é justo que descanses. Deve isto começar por ti que és o mais edoso de todos. Eu não quero, nem tu precisas te matar mais. O que possuo chega-me bastante e a ti tambem.

Quero te ver sempre aqui, sentadinho, sem te preocupares de mais nada. É teu tudo o que ves. Que te falta? Entendeste?

— Nhô sim, sinhô. Néela véio stá scitucano — respondeu Pae João com os olhos rasos de lagrimas e o coração a transbordar de agradecimentos.

Mas, Pae João, africano distincto, estava tão identificado com o trabalho, tinha-lhe tanto amor, que, privar-se delle, estar parado, seria o maior dos supplicios. Não! Não se acostumaria jamais, ainda se achava forte.

Pelo que, todos os dias, invariavelmente, depois do almoço, e algumas vezes antes, tomava do machado e seguia para os lenhas. Voltando com o feixinho cuidadosamente rachado de lenha boa, descansava, comia alguma coisa e desaparecia. Só á tardinha, arrastando-se, um pouco curvado, entrava em casa. E assim era sempre. Navarro, solícito, fálava, e brandamente ralhava com elle pelo excesso.

Ao que respondia com uma supplica:

— Sinhô, dêxa sua Néela véio!...

Mas, Navarro insistia, prohibindo-lhe

terminantemente ir á lenha.

— Não! Não quero ver mais isto. Pode acontecer-te qualquer coisa por esse matto afóra. Não ha necessidade de apanhars lenha.

Outros que façam esse serviço.

— Eh! Yoyó, dêxa sua Néela veio calegá lá sua lenha.

— Não pôde, não! já disse. Tu não aguentas contigo mesmo, que farás com lenhas! Não te quero ver mais com este serviço!

E pae João, apaixonado, obedecia; mas, dada a hora do costume, apanhava o machado, amolava-o, e seguia pela estrada, até onde alcançasse ver a floresta virgem, ao longe alta, verde e majestosa. Parava em algum ponto, mirava horas inteiras aquellas brenhas silenciosas, cheias de sol e de um azul brumoso, beijando a infinita cupula do céu. E recolhia-se depois á casa, de onde também desaparecia para chegar á tardinha, hora certa, invariavel. Navarro, vigilante, notava-lhe os passos e quizera saber qual e por que a ausência do africano. Chamando um dos escravos — o Paulino Cariry — quasi segredou-lhe:

— Cariry, você sabe aonde vae todos os dias o Pae João, que sae pela manhã e á tarde, pouco antes do sol posto?

— Nhôr não! yoyó! Tomem vejo, mas, não seio.

— Pois então, siga-o sem que elle o presinta, observe bem o que anda fazendo e venha dizer-me. Não quero que alguém saiba disto que lhe mando.

— Nhôr sim!

Era um madrugador, o Pae João, ao romper do sol, já elle se achava sentado em um cepo, ao lado do terreiro, encostado á senzalla, gozando do raio manso e confortador da matutina luz. Nesse dia, depois de ligeira refeição, tomara do seu machado e partira, seguido de Cariry, conforme a ordem do seu senhor.

Plena primavera!

Batateiras silvestres, enredando-se pelos arbustos e arvores da catanduba, em cordoalha estendiam-se, cobrindo todo o mattagal de uma toalha de roseas flores, frescamente abertas. Gotejava o orvalho das ramagens num perfume delicioso de hervas agrestes e aromaticas dos caminhos.

Varando o ermo, qual uma cobra a collear, lá se ia a estrada larga, vermelha, poeirenta e erma, sertão além, trilhada, áquella hora, apenas pelas pegadas de guachinins — pegadas semelhantes as de creanças — andejas pelas roçadas, ou os rastilhos das juritys, que iam adante, e não se espantavam mais, quando Pae João passava, voando de quando em quando, gemendo e catando o grãozinho de arroz, ou outro cereal que caíra de vespera dos cargueiros transeuntes. E lá se ia o octogenario no seu passo tardo. Longe, muito alem... a penumbra dos

GRIPPE
E SUAS CONSEQUENCIAS
PHYMATOSAN
AGE COM SEGURANÇA
VIDRO POPULAR 2\$500

lenhaes.

Elle caminhará bastante. O sol ia subindo com seus raios quentes. Já o suor escorria-lhe do rosto e por todo o corpo. Cansado, encostara-se à uma sambalhyba da margem do caminho, e apoiando-se ao cabo do machado, derreihado de hombro ao chão. Nesse duro e santo instrumento, qual um macio seio consolador, encostara o rosto de azeviche, por alguns instantes, passando a suspirar.

Fios de lagrimas rolaram, escorrendo por esse cabo até à terra, molhando-a. Reanimando-se, tomara o meio da estrada, onde parado, murmurara palavras inintelligíveis: e, como que em despedida levantando o braço num acenar constante de quem parte.

Na quadra rustica da paisagem dir-se-ia, ao longe, um duende em saltos, evadido da catanduba, ou a um velho tronco agreste devorado pelos derradeiros incêndios das queimadas.

Guardando conveniente distancia, Cariry não perdia um gesto só do africano. Pae João voltava à casa.

Depois da refeição e algum tempo de novo descanso, elle se esgueirara para os lados da ermida de São Caetano, pouco distante, ao cair datarde.

No templo furtivamente entrara por um boraco praticado na parede pelo lamber constante do gado, durante annos. Quando Cariry ali chegara com as mesmas precauções, já o velho se achava lá dentro, ajoelhado aos degrãos do altar-mor, orando e falando emprantos.

Ouvindo soluços, o enviado espião fez esforços epôde ficar de muiperto.

Uma prece ante a imagem do padroeiro:

— Sea Catana, oia Pae Juan aqui. Sea Catana! Pae Juan stá pra more, Sea Catana! Tem dô de sua neêlaveio! Sea Catana!..

E rompendo em prantos repassados de amargura, batia no peito com uma humidade tão piedosa, que a nave divinamente repetia a prece, reboando, como num salmo penitencial, mysteriosamente cantado. E a chorar, renovando estes curtos colloquios de piedade, de amor e confiança, dali se retirara, quando a ultima flecha de luz, dourada da tardinha, penetrando pelos oculos da ermida, derramava lá por dentro, silenciosamente, um clarão doce e vago, annunciando a noite a romper do altar-mór, velando a imagem muda de São Caetano.

Ora, o Cariry, moleque zombeteiro, e muito semvergonha, achara o ridiculo na oração santa do pobre velho, rindo-se como um perdido, inda a dar conta a seu senhor da sua incumbencia, tudo repetindo, até os gestos.

Navarro, constrictado, chorara, assim ouvira a narração.

— Não te rias, Cariry! Sé mais humano, e silencio sobre isto. Não o sigas mais: deixa-o fazer agora o que elle quizer ou desejar.

E assim succedeu por muito tempo, todos os dias, sem interrupção, pela manhã e à tarde, enquanto Pae João tivera forças para andar. Quando essas se acabaram, elle se arrastava da senzalla até o terreiro para olhar os lenhaes da grande selva azul e fumarenta na bruma e as restas de ouro vagorosamente morrendo á tarde nas paredes brancas da ermida ao longe. Não soffria molestias graves ou visiveis pelo corpo alquebrado. Era a matéria frágil que o abandonava num definhamento progressivo. Um dia, Navarro, levantando-se, com escuro, abria a janella do seu quarto para os lados da floresta.

A estrella d'alva, muito bella, numa formosura celeste e gloriosa, procedia o clarão da

madrugada. Tempo de verão. Vinha de fora um suavissimo perfume de flores e deplantas.

Que manhã deliciosa! murmurou elle. Rosa, jasmim, cravo, baunilha, flores de laranja, alfavacas, betonicas,ervas camphorinas, bogarys: que perfume esquisito! Que suavidade, que maravilha, meu Deus! Nunca respirei ares tão cheirosos assim! Mas, o tempo é bem improprio para essas flores que não possuimos aqui!

E com alvoroço acordara a esposa, e ambos á janella, admirados e como que em extase.

— Estás sentindo? — perguntou Navarro.

— Estou sentindo? Não! Estou sem entender de onde vem tanto perfume que por aqui não existe. Que será isto, Navarro?

Houve um curto silencio.

Toda a casa a transbordar, então, daquella onda da natureza!

Rosada aurora tingia o oriente e os grandes nevoeiros amontoados nos confins dos montes.

Bateram á porta do quarto.

Uma escrava.

— Que é, Maria?

— Meu sinhó, Pae João morreu!

— Como, Maria? Agora mesmo?

— Não, yoyó! Amanheceu morto lá na senzalla. Vancê venhã vê uma coisa!..

— Que há?

Jã não te verespota.

Navarro e a senhora correram á senzalla.

Na verdade, ali immovel, estirado na sua enxerga, estava o cadáver de Pae João e delle exhalando aquelle miraculoso e suave cheiro de flores desconhecidas.

Adivinhava-se a presença de um mysterio divinal, tendo impressa a belleza celeste de quem morre em paz, feliz, tendo as fascinações da bementurança.

Sepultura-o o seu senhor naquella mesma ermida, santificada até hoje pela imagem de São Caetano.

* Nota dos editores: texto publicado na Revista Noite Illustrada, (Rio de Janeiro/RJ - data ignorada). Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021). Mantivemos a grafia vigente á época.

Confirmação

Manoel Ambrósio*



Casara-se o Manoel Baptista com Dona Felicia contra a vontade de toda a família desta: paes, irmãos, parente e amigos, num "bate-barbas" de razões desesperadas.

Embora reconhecido como trabalhador muito distincto e honesto, o rapaz, segundo seus haveres, era relativamente pobre para aquella gente abastada e de nobres troncos. Demais sem nome ou posição social, um mulato - a peor birra de todas, a razão única, afinal e amais apaixonada, todo o nojo, todo o horror daquella gente.

Mas, o amor sincero de Felicia sublevava-se obstinado, arrasando com a orgulhosa "doença da branquidade" dos seus, e o casamento se effectuara numa atmosphera de contrariedades e murmurações descabidas. Dentre todos o mais encarniçado, primava João, irmão de Felicia, a quem muito queria.

Este não queria ver, não podia supportar nem a poeira do rastro do negro Baptista. Um odio mortal cozia-lhe o coração.

Antes, porém, que estourasse qualquer acto desse indesejavel fermento, o casal em tempo se retirara para quatro leguas dali, em um sitio de sua propriedade, onde viviam contentes, felizes. Nem por isto a malquerença se arrefecera.

O Baptista, de antiga tempera não cedia.

Sem rancor, tratava sempre os seus novos parentes com superior bondade pelo seu caracter firme e independente.

Nunca dera treguas a cavaco e sabia dissimular a intriga.

O João amava loucamente a irmã. De vez em quando passava pelo caminho da fazenda para umas propriedades suas que ficava além. Se por acaso sabia estar ausente o Baptista, chegava até á porta, conversava com a irmã, tomava café, descansava. Se, porém, sabia, ou desconfiava estar o cunhado em casa, passava de largo.

Nem olhava para aquelle lado. Baptista tudo supportava, soffrendo remoques e mãos tratos, que por linhas travessas lhe applicava o cunhado.

Annos decorrem nessa canseira. Um dia, após intenso labor pelos roçados do eito, pelas nove horas da noite antes de se deitar, segundo seu costume, tomava Baptista

apontamentos das despesas e dinheiros dos camaradas, quando ouvira o tropel de um cavalleiro que esbarrava á porta, e, em seguida, alguém que, apeando-se, o chamava em altas vozes:

— Baptista! Com effeito! Como é que você, um homem tão precavido, morando num ermo deste, á beira de uma estrada onde passa todo o mundo, vae dormir, deixando a porta aberta?

— Entra, João! Diz o Baptista, tomando o candieiro de kerozene, levantando-se sobresaltado e indo ao encontro do seu cunhado.

— E a porta está aberta? Perguntou, ainda de dentro do quarto.

— Tanto está, que eu, passando agora ermo deste, á beira de uma estrada onde Apeei e entrei para prevenir-te. Algum ladrão, suppondo que tenhas algum dinheiro..

— Fizeste bem! Entra, João! Diz o Baptista, da porta do quarto, allumiando o corredor no meio do qual estava de pé o João.

— Ora, já entrei.

— Pois entre mais e sem cerimonia para o nosso quarto.

E, enquanto Baptista volvia a depor o candieiro sobre a mesa, João rapidamente entrava conversando:

— Como vae, Baptista?

— Bem, João! E você?

— Sempre o mesmo, disse, sentando-se ás bordas do leito onde Felicia dormia a bom dormir.

Baptista novamente accommodou-se na cadeira, muito satisfeito com a visita inesperada do cunhado.

— Estavas dormindo já?

— Pelo contrario. Tomava apontamentos de contas e despesas do dia. É um costume, antes de deitar-me.

— Isto é bom.

E olhando para Felicia que resonava, passou-lhe a mão pelas tranças esparsas no traversero.

— Coitada da Felicia! Cansadinha do serviço! Como vae ella?

— Agora, desfrutando uma saude bem regular.

— Ora veja! Ha quanto tempo não nos vemos!

— Sim! Ha bastante tempo.

— Desde a nossa separação por futeis motivos e presumpções de quem você deve ter e com bastante razão, muita queixa de mim..


— De você, João? Por que? Eu nunca tive queixas de você, nem odio, nem coisa alguma, senão um desprazer: - estar separado de ti.. e no mais, nada! Ninguém queria o casamento: porém, tua irmã quiz e eu dei-me satisfeito.

— Mas, eu te fiz as peores injustiças e te persegui bastante indirectamente: causei-te muitos damnos, do que me arrependi bastante e desejei que isso desapparecesse depois..

— Que duvida! Não acreditas em teu cunhado?

— Por que não? O que eu desejava e desejei é que você me perdesse, e de coração, todas essas coisas que com franqueza te exponho.

— Jámais guardei de ti, nem dos teus, o menor resentimento; tanto assim, que sei o



O SYSTEMA DO PROGRESSO EM JANUÁRIA - VENDER MUITO, GANHANDO POUCO.

Extrême RUGÓL
Laboratorio ALVIM & FREITAS (Primeira premio e medallas de ouro em varias exposições Internacionales).

 **HOJE NO RADIO: ORIGENS DO SALGADO**

quanto estimas tua irmã, que nunca deixaste chegar até à porta, conversar com ella, tomar o nosso cafezinho e, às vezes, descansar, quando não estou. Eu gostava e gosto disto, sentindo apenas essa ausência sem razão, porque te estimo e muito. Em todo o caso, iamos vivendo. Nem precisavas de nós, como pensavamos viver malsem você.

— Sim: era o que desejava saber e se, seriamente, me perdoarias todo o passado.

— Nem penses de outro modo, João!

— E de todo o coração?

— Detodo o coração!

— Sem deixar um resquício de duvida?

— Ora, João! Entre nós, tudo acabou! Tu podes e deves entrar e sair nesta casa, que é tua, como dono amplamente, sem receio, como meu cunhado e irmão querido, agradeço.

— Pois bem! É o que desejava saber e muito te agradeço.

E novamente passou a mão pelas tranças da irmã, que ainda dormia.

— Agora, disse elle, depois de certo silencio: adeus!

— Ainda não! Não te vás. Acordarei Felicia para fazer café.

— Não consentirei nisto. Está muito tarde e faz frio.

Tenho que chegar em casa hoje. Há um negocio serio que não devo deixar para mais logo.

Elevantou-se.

— Que pressa! Durma!

— Não! Adeus! Eu voltarei o mais breve possivel para estarmos juntos. Saudades á Felicia!

E foi-se retirando apressado.

Baptista tomou o candieiro e acompanhou seu cunhado, que, ao transpor o corredor, subitamente nelle desaparecera. Baptista, perplexo ainda, chegara chamando-o até á sala. Portas e janelas todas trancadas. Sala, deserta. Longe estava a duvida. Voltara a examinar também a sala de jantar. Tudo, tudo bem trancado. Lembrou-se de que elle mesmo poz ha pouco antes a casa em segurança.

Então, do seu espirito apossou-se um medo horrivel e não pôde suster-se mais de pé. De gatinhas e gritando pela esposa, arrastou-se até á beira do leito, mal segurando o candieiro.

Acordou a senhora.

Esta assustada, e vendo o marido naquelle estado, saltou ás pressas, indagando afflicto:

— Que é isto, Baptista?

— Que te aconteceu?

— Nada! respondeu a tremer, batendo os queixos de frio, qual se atacado de maleitas.

— Nada, não! há alguma coisa? Fala! Que horror! Fala, Baptista!

— Nada! Corra! Vá me dar um chá de laranja á toda pressa. Felicia corre á cozinha: porem não vae só. Agarrado ao cós de saia está o Baptista aterrado.

Custoso e bem difficil foi arranjar-se o chá de laranja, porque a Felicia teve que arrastar o marido até á laranjeira no fundo do quintal e colher as folhas na maior afflicção.

Para ella, tratava-se de um caso de congestão. Preparado o chá, disse, agora, vamos tomar o chá lá dentro. Baptista não tinha palavras nem forças, tremia e batia os queixos a fazer penna. Os olhos pareciam saltar das orbitas de espanto e terror. Como um automato, voltara de rastro, seguiu á esposa para o quarto, onde pudera então tomar o chá com difficuldade. Decorridos alguns minutos e acalmado mais um pouco, logo que pudera, disse á esposa.

— João saiu ainda ha pouco daqui.

— Que João?

— João, teu irmão! E João morreu! Esteve sentado aqui á beira da cama. Conversando longamente. Perguntou por você, passando a mão pela tua cabeça e você dormindo! Eu quiz acordar-te para nos dar café: mas, elle não consentiu.

E contou-lhe o resto, que sabemos.

— Foi isto só? Perguntou Felicia, depois de prestar toda a attenção.

— Foi só! Por que então?

— Que bobagem, Baptista! Ainda há pouco parecia-me ver você atacado de um congestão por teres comido bastante e ires dormir com pouco exercicio: agora estou vendo claro, e desde o começo desta historia do Trancoso, que tu estás realmente victima do que eu pensei: pura illusão, nada viste. Por que João viria tão tarde para conversar...

— Não! Eu não estou mentindo, nem tenho doençalguma: mas...

— E eu estou dizendo que estás mentindo? Mas... o que? Mas... nada! Socega!

— Escuta. Eu não me havia deitado ainda e tomava assentamento das despesas de camaradas quando elle chegou, como contei-te...

— Sim! Não estou dizendo? Que não deitaste, sei: e sei também que escrevias: porém, cochilaste alguma coisa e foste assaltado de repente de enorme pesadello. Quem não está vendo? E demais, que tolce a tua! João passou hoje á tarde por aqui são e gordo; esteve commigo. Se lhe acontecesse alguma coisa, já não teríamos qualquer recado? Moramos demasiado longe para uma presteza maior? Que são quatro léguas pequenas? Arrebrandava-se o cavallo; mas a noticia já teria chegado. Um

pesadello é que foi e pesadello de estomago carregado.

— Então, achas que foi um pesadello mesmo?

— Acho, não! Pesadello forte! Fiquei aterrada, pensando em congestão, do modo como te vi. Felizmente estás salvo.

E o Baptista convenceu-se de sua illusão.

— Realmente um pesadello! Concordeu.

Porém, até chegar-se a esta conclusão, não reparava-se que a noite avançara bastante e os primeiros clarões da madrugada annunciavam a aurora ao cantar dos gallos no terreiro e o trinar das aves nos coqueiras da fazenda, numa encantadora alegria. Já não havia mais espaço para um somno reparador.

— Amanhece! Disse Felicia. Vamos á cozinha.

— Sim; mas irei abrir as portas primeiro.

Com effeito, vinha clareando o dia, e lá no extremo da varzea fronteira apparecia um cavalleiro á toda a brida.

Baptista estremeçera, deixando-o approximar mais para reconhecê-lo. Era o Garibaldi - vaqueiro de João. Baptista não se conteve.

— Felicia! gritou elle. Não te disse que João morreu. Felicia correa assustada.

— Por que?

— Olha, Garibaldi! A esta hora... aqui!... Quatro leguas... Teu irmão morreu!

Nesse interim chega o vaqueiro á porta.

— Já sei! Clamou Baptista. João que morreu. Garibaldi tomou um choque.

— Cumo vancé já sabe?

— Sei já.

— É a verdade. O patrão morreu hontem um pouco antes da meia noite, e repentinamente. Eu fui despachado logo, mas a noite muito escura retardou a viaçem.

Estava confirmada a dolorosa revelação.

Baptista e Felicia partiram immediatamente para a fazenda de João afim de prestarem ao querido morto os últimos preitos de tão profundo mysterio.

Baptista, e ainda vive, não era crente. Tinha mal delineadas suas opiniões religiosas. Deante da realidade do facto, desaparecera sua incredulidade e não cessa até hoje de proclamar bem alto verdades que até então lhe eram indifferentes: Deus, alma, céo, inferno, em cujas existências de modo algum acreditava.

Hoje quem lhe contestaria sem a immediata repulsa?

O Cangussú

Anedocta sertaneja da Guerra do Paraguay

Manoel Ambrósio*



Rezam chronicas dos tormentosos dias da guerra do Paraguay. Accendera-se o recrutamento, o espantalho tenebroso, o apello ás armas, o grito atroador da guerra.

O fantasma da morte, irrevogavel e bruto, cavalgando o cavallo apocalyptic, penetrava nos campos do patriotismo, tangia o humano rebanho para a campanha. Brados de maldição, de temores, de sobresaltos ou de heroismos não podiam esconder nem dissimular a dor immensa, que não mente nunca, e jamais esquece a desventura absorvente do maior e mais fatal dos contagios universaes - a guerra! E que é a guerra? Vaidade, illusão? Gesto de angustia, pedindo justiça para os erros e as iniquidades?

Em baixo fica terra, pois que lá em cima terra não vae. Quando o tufoo arrebenta e alastra, a convulsão empolga, da rasteira grama ao jequitibá serrano, da leve formiguinha volátil, ao ser pensante evoador.

Será a guerra consciencia de viver? Sciencia e perspectiva de aniquilamento para sempre? E dessa sciencia e dessa perspectiva milhares são os que fugiram, que não quizeram e recusaram estrumar com seu sangue, e para sempre, terras e charcos do Paraguay.

Valentia, cobardia? O tribunal divino que decida.

Por esse tempo o governo, concitando o povo, abrindo propagandas para o sacrificio, cercava também a liberdade pela lei funesta do recrutamento. Se o voluntariado affrontava o perigo, as prisões se enchiam também de violentados, que, sob algemas, incorporavam-se ao exercito nacional. Eram os recrutats, surprehendidos e agarrados para pagar o chamado tributo de sangue. Muitas vinganças, no caso, commettidas, muitos desaffectos e perseguições deram com vários infelizes no refrerenda luta.

Voluntarios ou não, todos para a fogueira. Campeava a palavra de Marte em todos os recantos do Brasil: 'As armas! ás armas! E nem todo o brasileiro desejava desgarrar-se da vida preciosa.

E o velho Cangussú, antigo e temeroso chefe de jagunços dos famosos "clans" do interior, andava supplicante, das grades da prisão ás casas fortes dos patões poderosos, a favor de seu filho - o Paulo Cangussú - "caçado" e preso pela policia nos desvíos de uma serra, onde se escondera com vários companheiros, evitando o Paraguay. Paulo, de mais de vinte e um annos, rapaz robusto, alto, corpulento, infallivelmente tinha que seguir. Mas, era filho unico e o pae

* Nota dos editores: texto originalmente publicado na Revista Noite Illustrada - Rio de Janeiro/RJ. Edição de 29 de janeiro de 1936. Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021). Mantivemos a grafia vigente à época.

Renove a força e velocidade do seu carro, installando um novo jogo de CHAMPIONS. A' venda nas melhores casas de accessorios.

VELAS Champion

Este novo sistema de vela torna o motor mais forte.

SABONETE

Limol

"PERFIL PERFETO DO IMPERFETO... MAS IMPERFETO... O CHELANTO DA MULHER ESTÁ EM SUA CINTA! SUAS CINTAS E BELICADA COM O USO DO FAMOSO SABONETE LIMOL!"

O SYSTEMA DO PROGRESSO EM JANUARIA - VENDER MUITO, GANHANDO POUCO.

pleiteava esse direito, contra os mandões de má vontade para com elle.

— Já foste te ajoice nos pés de Dona Yayá, nossa comade, madrinha de nosso fio, miúdo do Capitão Trucate? Perguntava sua esposa Dona Belisaria.

— Quás Trucate nem Yayá, Belli! Já fui enada!

— E seu coroné Baptista c'os fios, gente nossa, patrão nosso?

— Também nada. São tudo de cara marrada; os fios antonce são pior Argoz de nosso fio. Um delles inté me insultou, dizeno que o pai percisava de fazé figura e não abria mão do menino, de jeito nenhum, que tinha cumprimisso c'õ imperado.

Reclamei meus serviços que prestei desde moço com risco de vida, e a pestia veiu arresponder-me que eu tinha o devé de defende gente da casa delles, pois para isto eu ganhava dinheiro do pai.

— Arrenegado! Tem rezão: não fosse você livral-o das tocaia perigosa e do fogo rolante das trincheira e não vinha rotá vantagem agora de gente rica. Cumpri'misso c'õ imperado!... ah! miseráveis! E tu que dixes?

— Eu não engeto desaforo. Repetti o insulto e elle me bateu a porta na cara me ameaçano de prisão.

— Feis isso?

— Sefeis!

— Apois agora, é que nosso fio não vae lá.

Eu também amostrô a elles: ou em amarro a saia na cintura, ou tu arruma as pracata no chão. Quem tem tu, manda tu: quem não tem tu, vai tu mesmo. Cala tua boca e não peça mais nada a ninguém. Dizaforo! Andá se adulano essa pandeange de suburque. Não messa distança nem sacrições. Bota as pracata nos pés e vae-te fala c'õ imperado. Basculeja c'õ elle!...

— C'õ imperado?

— Que é? Que que tem? Elle é home como os ôtro. Se tu não qué, deixa que mevá, já te amostrô se meu fio vai pra guerra!

Na verdade, Cangussú não mentira: fóra pessoalmente, com toda a confiança a seus patrões, onde sabia que alguns mais protegidos haviam arranjado dispensa do serviço militar. E, quando d'isto tratava, recebera as peores desenganos da autoridade:

— Temos compromissos com Sua majestade e não podemos de modo algum dispensar seu filho. Se o dispensarmos, todos quererão ter o mesmo direito, e favores desta ordem não faremos a ninguém.

Não estava foragido? Por que se deixou pegar? Embrenhasse-se por lá até passar a guerra. Demais, se os moços se recusam, não outros e de nossa posição é que devemos de marchar? Que, pois, deverá seguir?

Achou você muito bonito pedidos desta ordem?! — Meu patrão, não é direito de lhe vim pedi, mas porém, ó tanto ó quanto de lhe té prestado c'õ risco de vida muito serviço inquanto era moço. S'tou véio e meu fio é o meu unico imparo. É quem me dá que comé e que vesti a mim mais a mãe, véia, como o patrão sabe.

— Sim, senhor. Sei; mas isto são lamurias de pai e nós, autoridade, não estamos pelo que os paes querem ou desejam. Foi-se o tempo: isto de prestar serviços a uns e outros, todo o mundo presta e tem obrigação até para mais. É um dever.

— Antonce, patrão, é um devé? Um home dever servir como escravo, inté c'õ dedão do gatio?...

— Alto lá... porém com o nosso dinheiro... Gatilho... uma conversa!

— Todo o seu dinheiro é uma esconva na pata de um Cangussú, e...

— Porta fóra! Nem mais uma palavra, raposa velha, ou eu te passarei a preso com teu filho. E a autoridade e bateu-lhe a porta á cara.

Pobre Cangussú! Repellido com desdém pelos coronéis, majores, capitães, apelhado aos pés de suas esposas, num mar de angustias e amarguras! Que? Tantos outros mais felizes, substituidos por volumosas gorgetas, escravos, criminosos até, e seu filho sem um pingo de misericórdia, por ser pobre?!

Chumbado ao chão da sua choupana, quedou-se pensativo. Ouvio as "tolices" da mãe e reflectiu muito e muito nos "repentes" da mulher.

Dirige-se a cadeia, pede licença e fala ao filho:

— Paulo, não te desanimes.

— Quehá, então, meu pae?

Cangussú não respondeu.

Chega o dia da partidá dolorosa. Circulam noticias de que partira também o velho Cangussú. Ordens severas da autoridade para que não o consentissem incorporar-se, nem mesmo avizinhar-se da tropa, sob pena de ser fuzilado.

Intil a desconfiança! Cangussú seguiu, mesmo de longe, o filho, numa pensosa e extensa caminhada, do fundo do sertão de São Francisco ao litoral. No embarque das tropas, a mesma precaução. Não importa.

Com arrazoada previdência e perseverança arranja uma passagem da Bahia ao Rio de Janeiro. Ha um relativo descanso para exercicio e preparo dos recrutas.

Uma vez na Côte, Cangussú não descansa. Por um patricio seu, com influencia no Paço, pede e obtém uma audiéncia especial do imperador, e, dia e hora marcados, nella se apresenta com os documentos que cautelosamente pudera arranjar em sua terra. Embora matuto e genuino sertanejo, seu todo não desagradava. Alto e honestamente curvado pelos annos, tez moreno-clara, cabelos corredios, prateando-se, pouca barba e grisalha, olhar de gaviao, intelligente e firme, nariz meio aquilino, vestia a rigor um terno completo e bem feito de couro de cangussú.

Todo elle "cangussú" dos pés á cabeça.

Sapatos, luvas, camisa, gravata. Até o pequeno lenço do paletot.

Ao entrar, na audiéncia, com certo ar de distincção, inclinou-se deante do imperador, que, por instantes, passou em revista aquella exotica figura, logo se interessando:

— É o senhor Joaquim Cangussú, vindo do sertão, das margens do São Francisco?

— Sim, Vossa Majestade. Vêho valer-me de Vossa Majestade.

E Cangussú expoz correntemente toda a sua historia e o seu destino com uma simplicidade encantadora e desembaraçada, apresentando seus documentos.

O imperador o leu attentamente. Em seguida, para entreter-se um pouco, como na intimidade de seu povo, delicadamente entrou:

— Tudo muito bem. Mas, senhor Joaquim, agora estou notando uma coisa, uma falta imperdoável. Não parece justificar seu appellido. Falta-lhe um appendice, isto é, alguma coisa que esque...

Joaquim comprehendeu immediatamente de que se tratava.

— V. Majestade medá licença!

E, ali mesmo, mettendo a mão sob o grosso paletot, que desapertara, arranca uma enorme cauda de cangussú, ali occulta, e soltou no tapete com certa graça.

E, garbosamente, collocando á cabeça um gorro, também felino, deu uns passos pelo salão.

O imperador sorriu, deliciado.

— Sim, senhor! Agora, sim! Um perfeito Cangussú. Faltava-lhe o appendice. Muito bem!

Cangussú despachado e triumphante! Seu filho dispensado do serviço militar. E teve ainda da munificência imperial, recursos necessarios aos dois para o retorno ao sertão.

** Nota dos editores: texto publicado na Revista Noite Illustrada, em 06 de maio de 1936 (Rio de Janeiro/RJ). Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021). Mantivemos a grafia vigente á época.

Um milagre

Manoel Ambrósio*



Em 1896, o vapor "Mata Machado", deixando a recebedoria do Jacaré, hoje Itacaraby, no São Francisco, zarpara cedo em demanda de Januaria, dez leguas rio acima. Crescia a tripulação; e, para as fastidiosas leguas em um vapor bastante carregado, animadas palestras e divertimentos de bordo, tanto na primeira classe como na segunda. Entre os de primeira embarcara-se no porto da Recebedoria o viajante Abilio de Andrade Faria.

Era casado. Deixando sua mulher no Jacaré, tomara uma filhinha de nome Alice, de oito annos, e partira em visita a seus parentes e á sua velha mãe, em Januaria, onde deveria chegar nesse mesmo dia.

Viagem alegre e rumorosa, vozorio de mais de trezentos passageiros da segunda classe, todos em promiscuidade, com seus sotaques serrados, cantantes, estalados uns, ligeiros outros, de homens, mulheres e creanças em demanda da illustria Chanaan — São Paulo — lá bem distante.

No borborinho desses retirantes, todos dos sertões do Norte, ouviam-se os "xém-xerexim xém-xerexim" melodosos de uma sanfona, acompanhados de um estrondoso violão, soletando as chulas, modinhas e sambas, traduzindo as saudades dos lares que ficavam. Ina vez de interrupção. O almoço das nove para dez horas terminara á onze e meia.

Caia um sol de fogo nas formosas aguas e um calor senegalesco entorpecia os tripulantes. Meio dia! Na primeira classe uns jogavam, outros discutiam, estes dormiam, aqueles bocejavam somnoletos, cochilando no convés. Na segunda, do mesmo modo; e por não haver beliches varios bebiam, curtindo, cada qual á sua moda e como podiam, estridados em rédes, esteiras e malas, o torpor dessa hora tropical.

Em cima, Abilio Faria, arreidio de todo o divertimento, após o almoço, tomando a filhinha pelo braço, calado, encerra-se no seu beliche. Ninguém isto notara. Nenhum presentimento, até então, denunciara o estado em que se achava Faria, nem mesmo de sua presença já mais se cogitara. De sympathica physionomia e estatura regular, moreno, porte activo, olhar intelligente e de um natural expansivo, contava este rapaz os seus vinte e dois annos, mais ou menos. Filiado á seita espirita, bem pouco tempo havia que enluquecera; porém, submettido a um tratamento cuidadoso, melhorara muito, quasi se restabelecera; e, ou fosse effeito do mal adquirido, ou outra qualquer circumstancia, é certo que não mais lhe voltara o animo jovial de seus bellos dias de mocidade.

Era um verdadeiro misanthropo no momento em que embarcara para Januaria.

Viagem a bordo!

Como é confortável o progresso. O vapor, esse gigante de ferro e aço, força e velocidade, galopava, empolgando o dorso do seu rival, rumo sul, encurtando distancias e sacudindo a solidão secular da selva virgem com esse cansaço e silvos através das longas margens. Horizontes sobre horizontes se desdobravam. Verdejantes ilhas emergiam do seio das aguas, deffrontavam-se e desappareciam com seus mantos de relva, estendidos nos dourados areias da grande rio brasileiro. E lá se ia o "Matta", resfolegando, a cortar as aguas, deixando após uma tortuosa e larga esteira de espumas, indicatoras do profundo canal, ora costeando á direita, ora á esquerda, conforme a situação das ilhas e pontas.

Pouco mais de meio-dia!

Insuportavel o calor e um silencio obrigado por uma especie de embriaguez geral. O vapor acabava de voltar um comprido banco de areia, e nessa esplendida e bella paragem destampavam-se para o sul os azullados serros das separadas margens de profundos horizontes. O Maia, machinista, velho gordo e bonancheiro, de oculos ao nariz e escorrendo suor, polia um apparelho em sua officina; e, sempre vigilante, cuidadosamente, de vez em quando, inspecionava, deixando aquelle serviço, os diversos outros, se funcionavam bem.

Depois, como um empregado que, cumprido o seu dever conscientemente, sente-se satisfeito, caíra em vagos e deliciosos pensamentos, olhando distraidamente a margem extrema da direita.

Quasi não estava em si, quando de repente alguma coisa de anormal passara ante seus olhos, atirada da primeira classe para dentro do rio, num grande baque nas aguas. Maia soffreu enorme choque e correrá a ver o que seria. Impossivel! O que era desapparecia so as ondas. Sómente elle aquell' hora testemunhara o facto. Os marinheiros, uns occupados, outros indifferentes, conversando ou cochilando, não haviam prestado attenção. Maia hesitava em acreditar, tão consernado estava. Não! Não era! Seria antes uma illusão. Illusão! Antes fosse!

De um salto ganhou o beliche, tomou o binoculo e, sem perda de tempo, assestou-o para as aguas. Quasi caiu horrorizado! Uma creança nua, passando junto á grande roda do vapor e impellido pela força das águas, descia e subia de onda em onda, desapparecendo além!...

Dado o signal de alarma, o velho machinista vou á primeira classe, bradando consernado:

— Senhor commandante, um dos passageiros da primeira classe acaba de atirar ás águas uma creança!

E, passando-lhe o binoculo, indicou a direção. Na verdade, Maia — confirmou o commandante — uma creança ainda vae ali. Meu Deus! Que horror! Senhor Bom Jesus da Lapa! De quem é a creança? Quem é esse criminoso, esse malvado?

— Não sei! Vamos ver se salvamos a creança, commandante.

— Ah! Isto agora é impossivel, Maia! No meio do rio, nessas ondas altas do vapor!...

— Tentemos a toda pressa.

E os dois desceram de carreira á segunda classe onde o clamor geral já se avolumava.

— Cem mil reis! Gritou o commandante, ao marinheiro que salvar aquella creança! E, ás suas ordens, o vapor, amortecida a vertiginosa carreira a pouco e pouco, bordojando, parara.

— Senhor Bom Jesus da Lapa! Salvae a creança!

Tal a prece geral e gritos de afflicção e dor que se

Previna V. S.
a rapida ruina da sua dentadura!

A decadencia dental rapida e prematura é frequentissima nos paizes tropicaes e a saude soffre com isto. Para a hygiene no clima tropical são, pois, precisas em primeiro lugar a cura e limpeza dos dentes e da boca.

O PEBECO é a pasta dentifricia propria para os paizes com clima tropical. Limpa profunda e physiologicamente e estimula a sabedoria.

A pasta PEBECO proporciona um habito realmente puro e fresco, mesmo aos que fumam em excessão.

PEBECO
PASTA DENTIFRICIA

Elimina os microbios

ouviam.

E cada qual, procurando distingui-la ao longe na superfície alterada, exclamava na maior consternação:

— É impossível! Afundou-se! Está perdida!
— Esta salva! Ecoa uma voz, saindo de um dos beliches.

Era Abílio. A indignação não se fez esperar em alguns aos brados de "lincha"! Contiveram-se, todavia. Perguntaram-lhe o que fôra aquilo e por que cometera semelhante desumanidade?

— Não tem nada! Ella não morrerá! — disse Faria, num gargarhar esfarrapado. Fiz isto, por ordem de Santa Cecilia, para salvar a alma de meu pae.

A revolta, muito justa dos passageiros, ao ouvir isto, desde logo converteu-se em profunda piedade.

— Frutos do espiritismo! — bradaram muitos.

Na verdade, falava um louco; e só então em seu rosto estampavam-se os terribes sinais de uma irresponsável. Nesse interim, um marinheiro, ariando ás pressa o bote de bordo, de ha muito d obrara o remo, rio abaixo, porém,

desesperando. Além, muito avançado, nas pressurosas nesgas dessas orlas das ondas, illuminadas do sol a descambar para a tarde, parecia que algum informe rápido se insinuava. Illusão, querida imagem sem duvida, mandando afagar uma esperança.

Preces e ex-votos partiam de todos os corações numa cruciante ansiedade.

— Senhor Bom Jesus da Lapa! Senhor Bom Jesus da Lapa! Virgem Santíssima, salva-a! Salva-a!

E barco e marinheiro desciam... desciam em busca do impossível: porquanto, a distancia do logar da catastrophe tornara o perigo inevitavel.

Se providencias mais decisivas, e, a tempo chegassem... bemtalvez!...

Indescriptivel dassocego!

Um vento forte caia do sul. Nem um ceitil de duvida restavamais. O marinheiro, que a principio remava de pé, sentara-se ao piloto. As ondas estavam ainda muito fortes. Supuzeram ter elle encontrado a creança e gritaram com força:

— Achou?
Nenhuma resposta. Continuava elle a remar e a descer com precaução e diligencia, ora apparecendo, ora sumindo-se nesse revolto e tragico tumulto das águas. O desespero angustiava os espiritos e o louco repetia:

— Não tem nada! Ella não tem nada, não morrerá. Será salva! Foi Santa Cecilia! Foi Santa Cecilia! Se fia isto, foi ordem della.

Mas, ninguém lhe prestou mais attenção. Soavam clamores piedosos ao Bom Jesus da Lapa ainda, quando viram o arrojado marinheiro parar repentinamente o bote, levantando-se do piloto, curvar sobre o rio e delle retirar qualquer objecto que, pela posição, não pudera ser bem apreciado pelo binoculo em mão do commandante, preocupadissimo como facto.

— Maia, disse elle, parece que o marinheiro baixou acolá... terá encontrado, por ventura, a creança?

Mais, tomando o binoculo, sondou. Nesse instante, o marinheiro despiu a blusa e, em seguida, dobrando-o ou atirando-a para o fundo do bote, empunhou o remo, buscando a margem próxima da direita, aonde pouco mais de vinte minutos chegara, subindo, em busca do vapor.

Temores e desenganos! Quasi dois kilometros!
— Parece que o marinheiro encontrou a menina! — diziam uns, mas não affirmavam.

— Não! Achou o que? Não se está enxergando claro que isto é impossível! Ui! Aqui só Deus! Se tivesse achado, o marinheiro já teria avisado — diziam outros.

— Tambem, ainda está tão longe...
— Eh! Lá isto está...
E calavam-se.

Sem cessar repetiam-se as perguntas, assim que o marinheiro mais se approximava.

— Achou?
— Ache! — foi a resposta, assim que foi possivel ser distinctamente ouvida.

Á esta venturosa affirmativa, seguiu-se outra:

— Está viva ou morta?
— Viva!

Ora, imagine-se o reboliço estupendo dessa tripulação, presa por algumas horas ás bordas de um tremendo e contemador desenlace, ao receber tão commovedoras e alviçareas palavras. E o bote avançava. Todos os olhares para elle convergiam, como se o quizessem absorver. O commandante, tomando todas as precauções que o caso requeria, chamou dois reforçados marinheiros e os poz de guarda ao pé de Faria: sua presença seria um desastre. Convidou, depois, todos os tripulantes da primeira classe a descerem até á segunda para esperar o bote e ajudarem a fazer uma recepção condigna á creança salva, testemunhando o miraculoso quadro. Já perto, notaram todos que o marinheiro, apesar de alegre e victorioso, vinha chorando. Atracado o bote,oura cabecinha de creança, envolta na blusa do marinheiro, levantou-se de um improvisado travesseiro de taboas e num olhar de innocencia, envolvendo aquella multidão, parecia procurar alguém.

Numa voz cansadinha, leve e suave, como um tempo vagido, murmurara:

— Papae!...

Ah! ninguém resistira. Muitas lagrimas daquillo que não se exprime, não se define, nem se esquece jámais corriam de todas as faces. O marinheiro tomou-a, então, nos braços, passando-a aos do commandante, que, de joelhos, recebera também em pranto aquelle anjo, exclamando:

— Milagre! Oh! Milagre, minha filhinha! Viva Deus! Viva o Senhor Bom Jesus da Lapa! Via Nossa Senhora, Maria Santissima!

E de toda a tripulação rompeu o enthusiasmo daquella exclamação.

— Viva! Viva!
La em cima, na primeira classe, gritava o louco:

— Ella não morrerá! Foi Santa Cecilia! Santa Cecilia! Ella mandou! Mandou mesmo!...

Algumas senhoras piedosas trouxeram umas roupinhas, vestiram a creança, levando-a o commandante para o seu beliche, depois de gratificar o marinheiro.

Ha triumphos que estão abaixo, muito abaixo do inaccebível, e tecem a gloria do mundo: outros, porém, abrangem plentitudes infinitas, sobem tão alto, que se perdem nos esplendores de immortalidade; taes os da fé christá. Estrondosas também foram as acclamações ao salvador dessa creança. No auge dessa alegria, ao alcance de cada qual, ninguém se negou a dar ao nobre marinheiro uma recompensa modica pela arrojada e feliz empresa.

Contara elle. No momento em que encontrara a creança, sem se afundar, impellida violentamente de onda em onda, formadas pelo rastilho do vapor no meio do canal, deitadinha de costas, como se em macio leito. Ella suavemente descia: e a retrair a do abysmo foram estas as suas primeiras palavras:

— Minha camisa! Quero papae!
Com effeito, a loucura do pae mandara despir a pobrezinha. E, coisa admirável! Apesar de ter andado toda aquella distancia, nenhuma agua absorvera. Para que o pae não mais ousasse, dobrou-se a vigilância: e, acalmadas as emoções, o zeloso commandante mandou lavar uma acta no livro de bordo sobre o memoravel acontecimento, muito commentado até hoje em todo o rio São Francisco. Assignada pela tripulação, foi a mesma devidamente apresentada ás autoridades de Januaria, assim que ali chegaram naquelle mesmo dia. Divulgada a noticia pela cidade, vimos contemplando, com pasmo, essa menina de oito annos, acompanhada de uma precissão de creanças do mesmo tamanho, da mesma edade, e por alguns dias, pelas ruas, de porta em porta, alegres, em festas, como um testemunho das maravilhas da Providencia Divina, facto essa ainda maior e mais solenne que o de Moysés pela fatalidade.

Abílio Faria, a quem quizeram processar por esse crime, no dia seguinte causava lastima a todos quantos iam visital-o na residência de sua mãe, onde se achava preso, forçando por despedaçar, furiosamente gritando, uma comprida e grossa corrente de ferro, encravada num estejo da casa.

Loucura extraordinaria e de penoso accesso.

Melhorando, soube do occorrido, chorara amargamente: e, entrando em profunda tristeza, ausentara-se imprevisadamente para a capital da Bahia, ali assentando do praça a policia.

Oito annos mais tarde fallecia fulminado por uma congestão cerebral, no momento em que, após o jantar, escrevia uma carta para a sua mulher.

Em 1902, numa viagem de Januaria á cidade de São Francisco, dezoito léguas acima a bordo do "Matta Machado", relatao-me aquelle episodio, dizião, confirmando, o fiscal da Viação, major Trajano de Lacerda:

— Um verdadeiro milagre! O marinheiro que salvou a creança está a bordo. Querendo vel-o agora mesmo, é só descer á segunda classe.

E, prosseguindo, consternado ainda:

— Grande Deus é o Senhor Bom Jesus da Lapa! Não chegaremos hoje a São Francisco: portanto, irião alguns dos shores dormir no mesmo beliche donde Ella foi atirada ao rio pela janella. E, diga-me mais um dos shores que moram em

Januaria:

— Que é feito dessa menina?

— Morreu, major!

— Morreu?!...

— Sim! Justamente no dia em que se completava um anno desse memoravel successo.

— Com effeito! Morreu de que?

— De febre palustre.

Neste momento o relógio de bordo soava, advertindo-nos:

— Dez horas da noite!

Fino e branco manto de luar caia do infinito azul do céu sem nuvens e estendi-se no espelho fluctuante das águas viajoras. De um lado e de outro, como uma visio fantastica, escuras massas distantes das ribas e das florestas iam vagorosamente passando, ao cansaço devorante de léguas do "Matta Machado", cortando sem dormir as bravas correntezas do canal.

* Nota dos editores: texto originalmente publicado na Revista Noite Ilustrada - Rio de Janeiro RJ, Edição de 02 de julho de 1936. Pesquisa eletrônica de Pedro Borges Pimenta Júnior (2021). Mantivemos a grafia vigente à época.

O Serpa

Manoel Ambrósio*



Contam os antigos que numa dessa aldeolas do Planalto Central vivera outrora um rico e afidalgado Valerio Serpa, senhor absoluto mandante do povo, possuidor de ricas terras e fazendas de gado. Influencia legitima e largamente espalhada, só seu nome bastava nos arredores de mais de sessenta léguas, para dirmir questões, fossem ou não de importancia capital. Disto andava elle bem enfiado, e da sua nababesca posição.

Costumado a ser obedecido, e, mais ainda, temido, pelo seu orgulho, entendia que acima d'elle só elle e sua fortuna. Quem se atreveria a crear-lhe embarço ou projectar uma pequenina sombra, que não fosse immediatamente rechasada? Ainda mesmo que de nada soubesse, os seus aduladores anticipavam-lhe os pensamentos de desfora, com que muito se enluta.

Qual o maluco que transitasse por deante de sua magnifica vivenda, e que, estando elle á porta ou em alguma janella, não se curvasse, reverente, com o chapéo debaixo do braço. Ai desse!

Desatinos e algumas mortes haviam já desterrado moradores do infeliz povoado. Em prosa e verso: Serpa "cantado", conselheiro, mandante, juiz e executor!

E o mais venturoso dos mortaes ria-se com o vento de um poderio que lhe dera o açambarcamento de diversas fortunas alheias retidas em suas mãos: dessa fortunas que só se explicam pela astucia, pelo sangue e vidas de infelizes.

Pouco importa um dia de ajuste inesperado. Grandes ou gratidos não têm ferete de crimes. Visível ou invisível ha uma balança, é certo, oscillando á menor vibrção de aragem, porque as duas conchas de algum escedonjo avançado, taes os conceitos dos opprimidos e desafiados.

Mas, dentre os adoradores desse não homem apparecera um nobre espirito de creança, cuja independencia natural dava lições a seus conterraneos, embora o exemplo não medrasse. Seu nome, Joaquim da Brigida, por ironia, era levado ao senhor mandante nas rodilhas da maledicencia, como um rapazinho insolente, vagabundo, malcriado, conversador.

Serpa, bancando importancia, fungava de ira; e não satisfeito com as suas salas ou terreiros, noite e dia pejudas de aduladores, andava envenenado com o Joaquim, um fedelho que não o considerava, não o frequentava, muito teso, muito garrudo e pabulo.

Tratava-o bem, é verdade, quando ao passar pela porta ou encontrando-o na rua, indifferentemente tocava

com as pontas dos dedos as abas do seu chapéo. Só isto, porém, era falta imperdoavel, e aquelle menino insubordinado deveria ser advertido e receber um castigo qualquer, pois, do contrario, se perverteria bem depressa. Tratado o entredo, os mesmos intrigantes avisaram a Joaquim das iras do malvado "manda-chuvas". Joaquim de modo algum prestara attenção aos embusteiros, repellindo-os sempre:

— A fumaça que aqui sobe é minha e de minha mãe; portanto, nossa. E a da pobreza, mas pobreza honrada, cada qual com seu fardo e ninguém mais poderoso do que Deus: pouco se me dá da vida e do dinheiro do proximo. Disto façam bucha e passem muito bem.

Isto de "beber molho com garfo" do coronel Serpa ou de qualquer outro, Brigida nunca ensinara a seu filho Joaquim. No mais, elle que viva bem e "dois cornos de boi-creudo" para seus aduladores!

Rastilho de polvora boa, ganhou fogo e estourou a bomba invertida nos concilhabulos do Serpa, ferido no seu orgulho.

— Que? O atrevido da Brigida disse isto! Deite-o estar! Polveta patife! Elle anda encantado com a côr da chita.

Os commentarios rendiam de boca em boca, de rua em rua, aos cochichos.

— O Joaquim, "disque" insultou muito ao "seu crum" Serpa!

— Vejamos como formiga que tê catarro!

— Gentes que franguinho temperado! "Cruis", passoca rua!

— E com quem foi "mexe", logo com seu "crum"!

Ao correr desse "zum-zum" passa casualmente, certa vez, o Joaquim pela porta do Serpa, onde a essa hora se tratava, infelizmente, do assumpto.

— E "o homem de que se falava passano..." — segredou um dos assistentes.

— Os senhores que me desculpem o que vou fazer neste momento. Não posso aturar tantos desaforos!

— Disse o Serpa, corendo á janella.

— Senhor Joaquim! Gritou elle: se não vai com muita "percisão". Desculpe-me pedir a fineza de chegar até aqui.

— As suas ordens, coronel! —olveu Joaquim.

— Queira entrar.

Joaquim penetrou na sala, saudando de uma vez os estous ha dias embutucado com uns papeis e uma conta, senhor Joaquim, cujas difficuldades só o





*Era tão de carne-e-osso, que nele não poderia
empessoar-se o cediço e fácil da pequena lenda.
[Foi] denso, presente, almado, bom-condutor de
sentimentos, crepitante de calor humano,
governador de si mesmo; e inteligente.*

(João Guimarães Rosa)

*O Autor e sua Obra*¹³

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira é, certamente, um modelo de intelectual do fim do século XIX, capaz de manejar diferentes saberes e ciências com maior ou menor erudição: atuou como jornalista, escritor, político, professor, historiador e folclorista, aventurando-se, embora amadoramente, em campos como a mineralogia e a espeleografia.

Para se ter uma dimensão desse ecletismo, há relatos, em pequenas notas de jornais cariocas dos anos 1920 e 1930, de que Ambrósio enviava a sociedades científicas da capital federal, pelos vapores, exemplares de minérios colhidos no Vale, na expectativa de que o solo de sua amada terra fosse tão benfazejo quanto a paisagem que tantas vezes cantou, em verso e prosa. No final da década de 1930, o januarense figurou como personagem recorrente em uma série de reportagens que tratava das misteriosas minas de prata supostamente localizadas às margens do Rio São Francisco.

Outros relatos dão conta de seu envolvimento com a produção de látex na região.¹⁴ Há, também, cartas remetidas a uma autoridade da capital mineira com representações das pinturas rupestres do Peruaçu, décadas antes de todo o interesse por esse importante sítio arqueológico.

Como jornalista, Ambrósio tentou tirar das sombras os abusos dos mandatários locais: expôs o superfaturamento das obras do cemitério de Januária, denunciou uma retumbante fraude nas eleições para o Senado, em 1903, fez campanha para a criação de colégio católico na cidade, e buscou educar o gosto do povo barranqueiro pela literatura, com a publicação, nas páginas do jornal *A Luz*, dos folhetins

¹³ Nota dos organizadores: texto originalmente publicado nos anais do *I Seminário de Estudos Ambrosianos – escrever na margem, educar na berlinda*, evento realizado em agosto de 2021, na terra natal do autor.

¹⁴ Nota do posfaciador: O PAIZ, 15 de janeiro de 1910, p. 2.

Hercília (depois editado em livro, em 1923 e republicado em 2021) e do inacabado (ao que parece) e enigmático *O chalé de Tonkin*, obra sobre a qual não se tem notícias.

Como historiador, o januarense tentou reconstruir os vestígios do passado colonial da região. Utilizou o seu jornal para publicar um *Esboço Histórico de Januária*, provavelmente recorrendo a documentos que, na sua época, ainda estavam disponíveis. Nesse texto, de 1903, Ambrósio destaca a existência de propriedades escravagistas nos arredores da cidade, por volta de 1860, localizadas no distrito de Brejo do Amparo.

Outros detalhes da trajetória do escritor ajudam a construir a imagem de um caçador de vestígios históricos para ele. Exemplo disso é a fotografia, achada em seu arquivo, do piso da suposta residência de D. Maria da Cruz ou, ainda, os relatos de que ele tencionava encontrar, na região de Manga - MG, as ruínas do “castelo do Calindó”, que teria pertencido ao bandeirante Manuel Nunes Viana, figura histórica que aparece como personagem do conto “A filha do general emboaba”, de Brasil Interior.

Essa busca de Ambrósio pelas ruínas é uma característica importante de sua obra ficcional. Em vários livros dele podemos observar o interesse pelas taperas em que se transformaram as casas-grandes, a lembrança de ermidas abandonadas, a decadência dos poderosos ou a menção às cruzes à beira do caminho, sinalizando a violência que grassava nos sertões.

O olhar de Ambrósio para o passado de seu querido Vale, nos faz recordar o anjo da história de que trata Walter Benjamin nas suas famosas teses sobre a História:

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1985, p.226).

Ambrósio olhava as ruínas, os vestígios, os fragmentos do passado para tentar entender a tempestade do progresso que se avizinhava do Médio São Francisco: vapores e telégrafo, por exemplo, são signos do paradoxo que a modernidade assumia nessas terras. Essa tensão está evidente tanto no horror que o apito do vapor *Rodrigo*

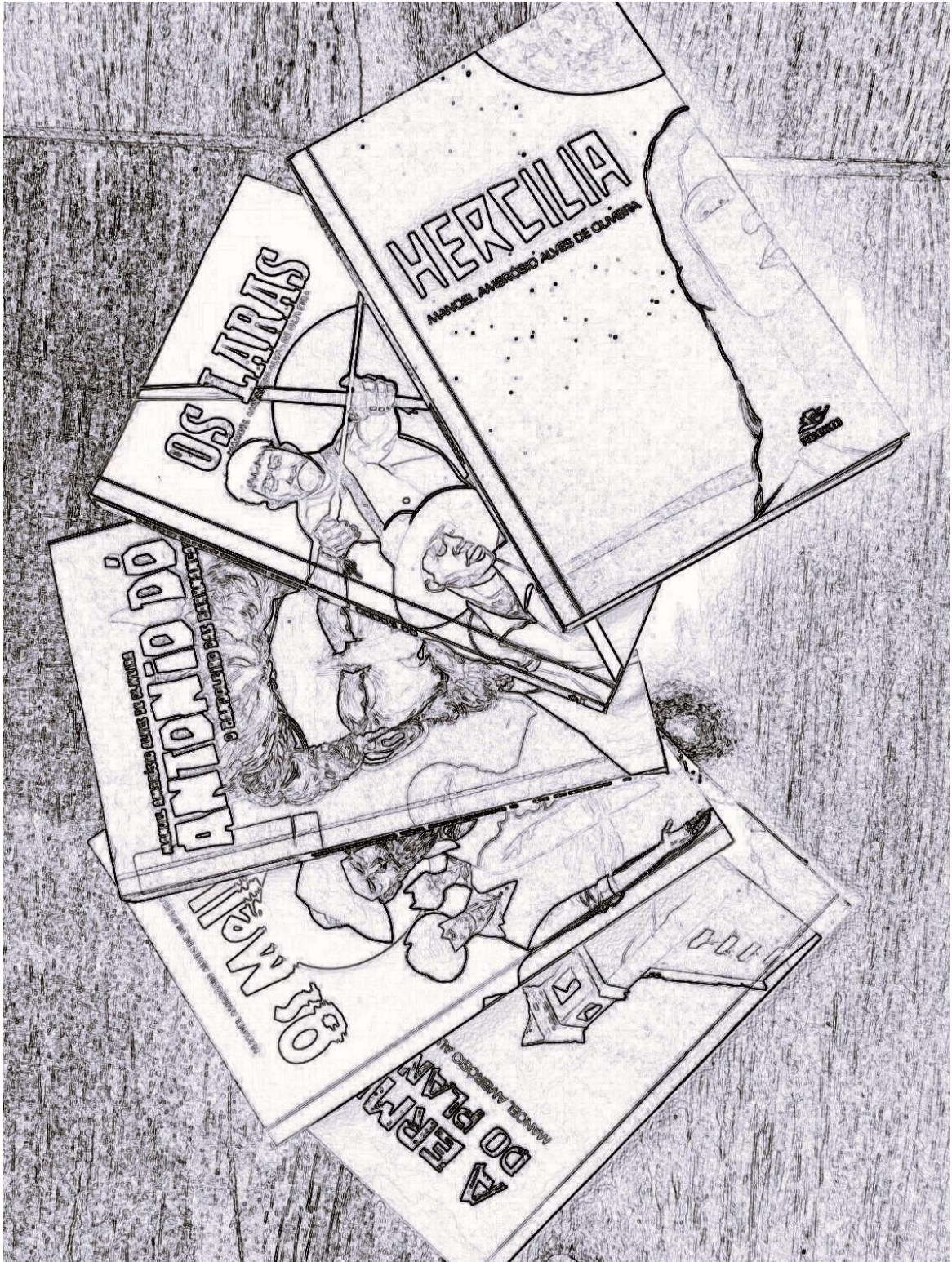
Silveira causara na índia tapuia da região de São João das Missões, personagem do conto *O bicho-homem*, de *Brasil Interior* (1934), quanto nas possibilidades de contato com o mundo permitido por aquelas embarcações.

Também o telégrafo, apelidado no romance *Antônio Dó* (1976) de “a viacrucis universal”, tanto podia vomitar “as mais disparatadas invencionices do terror” quanto permitia que Ambrósio mandasse notícias das barrancas para o mundo, como quando denunciou aos leitores do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora - MG, a perseguição política que vinha sofrendo em Januária: “Na monarquia nada conseguira; na república, sempre tomada de dúvidas, de decepções provada e, não pode a nossa cidade progredir, graças a interesses inconfessáveis que tem servido para cavar a sua ruína” (OLIVEIRA, 1903, p.2).

É espantoso observar como a vida de Ambrósio tenha atravessado tantos episódios da vida nacional. Nascido em 1865, ano em que eclode a Guerra do Paraguai, ele tangenciou os estertores do Segundo Império, a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871), a ilusão da liberdade plena pelas mãos de Isabel, a República, a Guerra De Canudos, a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o apogeu e o declínio da navegação do Velho Chico, a ascensão de Vargas, os ciclos da seca e do banditismo nos sertões nordestino e mineiro.

Dono de uma significativa produção literária, sua obra mais conhecida é *Brasil Interior*: palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco (1934), em que tratou das várias faces do folclore regional. Por conta dessa obra, o autor ficou conhecido apenas como folclorista. Contudo, sua produção literária é muito mais ampla, fruto de uma versatilidade intelectual quase heroica, consideradas as condições em que viveu, escrevendo sempre da margem dos grandes centros.

Assim, da pena do escritor também saíram: *Hercília*: romance histórico (1923), *Os Laras*: no sertão dos guahybas, onde se fêz morrer caboclo como o diabo (1938), *A Ermida do Planalto*: novela regional (1945) e o livro de poesias *Paranapetinga* (1938). Postumamente, foram publicados os romances *Antônio Dó*: o bandoleiro das barrancas (1976) e *Os Mellos*: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco (2018). Resta inédito o livro *Brasil do Vale* (1909), além de contos, peças de teatro e outros escritos constantes do arquivo de família, cujos manuscritos só mais recentemente estão sendo escrutinados e trazidos a lume.



Nesses textos, Manoel Ambrósio abordou temas como a valorização do homem barranqueiro, a pujança da natureza ribeirinha, as relações sociais locais, os falares e o cotidiano sertanejos, propiciando a construção de uma cartografia ficcional a partir da qual se pode conhecer as diferentes identidades e paisagens existentes no Médio São Francisco, o sertão ambrosiano.

De fato, é adequado alargar as fronteiras das investidas intelectuais e ficcionais de Manoel Ambrósio para além de seu torrão natal. Uma leitura rápida de seus contos e romances e a análise dos diálogos que manteve com figuras como Nélon Coelho de Senna e com os jornais cariocas, especialmente nas décadas de 20 e 30, ajudam a construir a imagem de um homem vigilante tanto em relação aos apelos dos centros urbanos (especialmente o Rio de Janeiro) quanto ao burburinho dos sertões sanfranciscanos.

As obras do januarense são exímias, como já referido, em revelar os vestígios do passado colonial brasileiro nas terras sertanejas, remontando a episódios da história social dos “Gerais das Minas” e do Nordeste brasileiro a partir da ficcionalização de figuras e reviravoltas históricas. Nesse sentido, elas tratam, com maior ou menor ênfase, dos efeitos da escravização, dos ciclos econômicos e políticos que moldaram a região, das violentas expedições bandeirantes, da navegação do Rio São Francisco, dos povos indígenas que habitavam/habitam essas cercanias, entre outros temas.

Infelizmente, em vida, Manoel Ambrósio não obteve maior notoriedade, especialmente no campo literário. Olhando do presente, não é concebível que o escritor tenha sido esquecido, tamanha fora sua produção intelectual. Entretanto, quando se avalia a biografia do escritor, vêm à tona relatos sobre perseguição político-judicial e até mesmo sobre uma tentativa de assassinato, sofridas por Ambrósio. Isso ocorreu em virtude do papel combativo adotado por ele na política e na imprensa (ele editou *A Januária* e, posteriormente, *A Luz*, os primeiros jornais de Januária — MG, plataformas utilizadas para denunciar os desmandos e as mazelas da política dos coronéis e grandes fazendeiros locais).

A segunda razão para essa perseguição está latente nas principais obras de Ambrósio, especialmente nos romances *A Ermida do Planalto*, *Hercília*, *Os Laras*, *Os Mellos* e *Antônio Dó*, nos quais soube usar as palavras como arma contra a prepotência, a dissimulação e as injustiças. Por isso, o escritor sempre viveu sob ataque, escrevendo e

educando o povo na berlinda. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para que a obra dele tenha caído no ostracismo.

Pedro Borges Pimenta Júnior

Januária — MG, 11 de agosto de 2021.



